

ESTUDOS E CONTROVÉRSIAS

DO AUTOR

- Nova Interpretação da Tragédia do Génesis — *Porto Médico*.
Pequena Antologia Clássica — *Renascença Portuguesa*.
Nova Teoria do Sacrifício — *Renascença Portuguesa*.
Cartas de M.me d'Aulnoy — Tradução e Prefácio — *Renascença Portuguesa*.
Do Estilo Pitoresco na Literatura Portuguesa — *Na Revista dos Estudos Históricos*.
A Literatura Portuguesa Medieval — *Na História de Portugal*, Portucaleense Editora — Barcelos.

EM PREPARAÇÃO

- Introdução à História das Religiões.
Bernardim Ribeiro.
Lições elementares de grego (língua e literatura), professadas na Faculdade de Letras do Porto (anos 1928-29 e 1929-30).

JOSÉ TEIXEIRA REGO

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

== ESTUDOS ==
E
CONTROVÉRSIAS



PORTO
FACULDADE DE LETRAS
1931

TIP. COSTA CARREGAL
Trav. Passos Manuel, 27
— P O R T O —

ETIMOLOGIA DE GONZO

I

ESTUDEMOS a palavra *gonzo* ou *gonço*, cuja etimologia oferece obscuridades até agora, parece, irreductiveis. Faria, p. ex., no seu Dictionario portuguez, dava da seguinte forma a definição e a etimologia dessa palavra: "Gonzo." (Fr. *Gond*; lat. *Gomphus*, *i*; do grego *gomphus*, cunha, prego ou coisa semelhante)—dobradiça de porta. Usa-se mais no plural. Os—s da porta. *Gonzos* (mar.) tudo o que gira com os machos e femeas do leme que tem o mesmo nome" (1).

A doutrina seguida pelo fantasioso dictionarista é a doutrina hoje corrente tanto em Portugal como no estrangeiro. O espirito esclarecido do Dr. Candido de Figueiredo, hesita, contudo, na adopção da forma *gomphus* como étimo de *gonzo*. No seu dictionario diz o seguinte: "*Gonzo*, m. Peça de dois aneis enganchados, empregados em peças distintas, uma fixa e outra movediça. Bisagra. Quicio; dobradiça, (do lat. *gomphus*?)" (2).

(1) Eduardo de Faria — "Novo Dictionario da Lingua portugüesa", s. v. Gonzo, ed. de 1857.

(2) Dr. Candido de Figueiredo — Novo Dictionario da Lingua Portugüesa, Nova edição, s. v. gonzo. O Dr. Adolfo Coelho tambem faz a mesma interrogação no seu "Dictionario Manual Etymológico da Lingua Portugüesa".

A interrogação vem sem duvida da dessemelhança dos sentidos de *gomphus*, cavilha, prego, e de *gonzo*, dobradiça. Fonéticamente, mesmo, as dificuldades não são menores. Vejamos, porém, o que pensam os lexicógrafos franceses da palavra *gond*, que, evidentemente, provem da mesma origem.

O eruditissimo Littré diz no seu dictionario: "Gond—Étym. Lorrain, *angon*; provenc. *gofo*, *gofon*; espagn. *gonce*, *gozne*; portug. *gonzo*, *engonzo*. Origine incertaine. Diez voit là trois radicaux: il rattache le portugais au latin *contus*, pieu (mais ni le sens ni la forme ne vont); le provençal au bas-latin *gumphus*, attache, qui est le grec γόμφοϛ, clou; et le français *gond*, au lorrain *angon*, où il voit le latin *ancon*, coude, crochet, en grec ἀγκών. Cela est bien compliqué. Le lorrain *angon* est fait comme le portugais *engonzo*; *an* ou *en* représente la préposition *in*, *en*; il ne diffère donc pas du français *gond*, *Gonzo*, *gonce*, ou *gozne* et *gond* ne paraissent pas séparables. Mais d'où viennent-ils? Très probablement, comme dit du Cange, du bas latin *gumphus*, mot très-usité pour signifier tout ce qui attache, et qui est le grec γόμφοϛ (1).

Littré, como se vê, fica tambem no "très probablement". O misterio subsiste. Os illustres filólogos Hatzfeld, Thomas e Darmesteter tambem o não esclarecem. Assim nos ensinam nesse grandioso monumento da sciencia francesa que

(1) E. Littré—Dictionnaire de la Langue française, s. v. *gond*.

é o seu dicionario: "Gond.—lat. *gomphus*, grego γόμφος, tornado em *gonf*, *gon*, depois escrito arbitrariamente *gond* (1)."

Este apelo para a escrita arbitraria do *d* será justificado? Não haverá uma outra palavra que melhor explique gonzo, ao mesmo tempo que dê razão desse *d*, e do *z* ou *ç* de gonzo?

É o que vamos ver.

Parece-nos que o étimo de *gonzo* e de *gond* não é *gomphus*, mas *condylus*, grego Κόνδυλος. O dicionario grego que temos presente define assim a palavra: ΚΟΝΔΥΛΟΣ, condyle, Noeud ou *articulation* du doigt, éminence des articulations des doigts quand le poing est fermé."

Este sentido de articulação casa-se perfeitamente com o sentido de gonzo, que é também uma articulação. Em latim, *condylus* conserva também esse sentido de junta ou nó dos dedos. A semelhança dos dois sentidos portuguezes de *gonzo* e do greco-latino *condylus* é, pois, fóra de duvida. Se não surgirem dificuldades fonéticas, o étimo *condylus* torna-se evidente.

Estudemos pois as dificuldades fonéticas. Principiemos pelo-*g*-inicial. O *c* inicial grego ou latino póde dar *g*? Não ha duvida que póde. Vejamos:

Cattus, latim, deu *gato*; *Colpus* deu *golpe*; *cumma* deu *goma*; *curculio* deu *gorgulho*; *crates*, *grade*; *crassus*, *grasso*; *crupta*, *gruta*; *caveola*, *gaiola*; etc, etc.

(1) Hatzfeld, Darmesteter et Thomas — Dictionnaire Générale de la Langue Française, s. v. gond.

Outra dificuldade que se precisaria de explicar, seria a do *ç* ou *z* português.

Di (ou *dy*) poderia dar *z* ou *ç*? A autoridade incontestada do Sr. Dr. Gonçalves Guimarães faz desaparecer todas as duvidas. Assim diz o ilustre catedrático: "*di* (ou *de*) seguido de vogal deu *ç*, *z* ou *j*, e. g. *ardea* — " garça; *frondea* — " fronça ou frança; *audio* — " ouço; *gaudio* — " gozo. etc. (1)".

É o nosso caso: *di* = *dy*, de *côndylo*, deu *ç* e *z* (o que explica as duas formas *gonzo* e *gonço*), pois que, pela queda do *l* intervocálico, *di* ficou seguido de vogal.

E assim fica também explicado o *d* de *gond*, sem se recorrer a escrita arbitraria, como o fizeram Darmesteter e Hatzefeld.

Matosinhos, 12-5-915.

(1) Dr. Gonçalves Guimarães - Gramatica elementar da lingua latina, 1.^a ed. pag. 24.

II

CARTAS A TEIXEIRA REGO (1)

Coimbra, 7. VII. 15.

Ex.^{mo} Snr.

Acabo de ler o artigo de V. Ex.^a a que se refere a sua carta de 1 do corrente, sobre a etimologia da pal. gonzo ou gonço ou engonço. Acho interessante o que V. Ex.^a ali diz; mas, com franqueza, não posso concordar com a etimologia proposta, como também não concordo com as que se encontram em Faria, em Littré e em Darmesteter.

A derivação do gr. Κόνδυλος só poderia fazer-se por intermédio do latim. Ora a forma latinizada condylus pertence exclusivamente à linguagem científica, ao passo que a nossa gonço (melhor do que gonzo) ou engonço é da linguagem vulgar. É ainda assim o sentido é muito diferente. Em grego exprime propriamente uma parte dilatada, e daí passou a aplicar-se e. g. aos nós dos dedos, à dilatação das partes articulares de certos ossos, como os cóndilos do

(1) Publicadas na "ΕΦΗΜΕΡΙΣ" n.º 50

occipital, do maxilar inferior, do fémur, etc. Esta palavra nunca entrou na linguagem corrente. Portanto não se podiam ter dado as transformações fonéticas a que V. Ex.^a se refere, e que sòmente se observam na derivação natural.

Sobre a escrita de gonzo (com z), que era a do português arcaico, é conveniente notar que esta letra tinha então o valor de ç e não do nosso moderno z. Ha tanta razão para conservar aqui o z como em engonço, que também se escrevia engonzo ou engonço indiferentemente. Em suma, se quisermos ser coerentes, ou havemos de escrever (e pronunciar) gonzo e engonzo, ou gonço e engonço. Os autores dos dicionários parece que ainda não deram por esta incoerencia.

Antes de se dizer gonço dizia-se gonce, que é ainda hoje a forma galega; e a derivação vem do b. l. goncis (acus. goncem), como V. Ex.^a pode verificar no Dic. de Du Cange.

Ao lado desta forma goncis parece que tem existido, com a mesma significação uma forma goncinis ou gociuis, donde provavelmente derivou o cast. gozne.

A origem de goncis é que não é conhecida. É quase certo que corresponde a uma antiga palavra indo-européa, e deve ter representantes noutras linguas. O lorenno angon, citado por Littré, é talvez o correspondente do port. engonço. Talvez se relacionem, posto que mais remotamente, com a mesma origem o al. Haspe e o ingl. hinge. Mas isso é já uma questão que me levaria muito longe e não é para ser tratada numa carta.

Eis sumariamente o que se me oferece responder à amavel carta de V. Ex.^a

*De V. Ex.^a
mt.^o at.^o ven.^{or} e obg.^{do}*

A. J. Gonçalvez Guimarães.



Coimbra, 30. XII. 15.

Ex.^{mo} Snr.

Primeiro que tudo a expressão do meu sincero agradecimento pelo exemplar da carta da Snr.^a D. Carolina Michaëlis e pelo do n.^o 47 da "Águia", que insere a ps. 154 o interessante art. de V. Ex.^a ainda a respeito da etimologia da palavra gonzo.

Quanto ao pedido ⁽¹⁾ a que V. Ex.^a se refere na sua carta, creia que o não recebi; aliás teria logo respondido. O que eu disse na minha carta anterior nenhum valor tem hoje no estado em que se encontra a questão, depois da eruditissima carta de D. Carolina Michaëlis e do excelente artigo que V. Ex.^a acaba de publicar.

(1) Autorização para publicar a carta antecedente.

Como eu tinha dito a V. Ex.^a, a minha opinião era apenas provisória, porque não tinha feito estudo especial dessa palavra. Limitava-me a umas ligeiras considerações e a expressar a dificuldade que encontrava em aceitar como étimo o gr. Κόνδυλος ou a sua transcrição latina condylus.

As considerações que faz D. Carolina Michaëlis sam muito para ponderar. Temos agora muito mais factos, que precisam de ser discutidos, de sorte que a questão está para resolver. ¿Será a palavra γόμφος, por assim dizer, a chave mestra de todo este edificio que vemos em volta da palavra gonzo? Não vejo nisso impossibilidade.

Quanto à palavra golfo, no sentido do gr. Κόλπος, as considerações que V. Ex.^a faz sam muito interessantes. A idea popular do port. golfo, como do fr. gouffre, é a de abismo, voragem, sorvedouro: idéas que não tinha o gr. Κόλπος, pelo menos que eu saiba. Provavelmente estas idéas associaram-se depois na imaginação popular, pelo horror que os antigos tinham ao alto mar. Os nossos marinheiros davam o nome de golfão ao que hoje dizemos golfo.

É também interessante a significação que tomou o V. golfar e o subs. golfada. ¿Quem sabe se com esta ordem de idéas se relaciona o subs. lufada e o V. bolsar (das crianças)?

As questões de linguagem sam quase sempre complicadissimas, por causa destas embrulhadas, que a cada passo surgem e que é preciso deslindar.

Desculpe-me este mal alinhavado aranzel e creia-me com subida consideração.

*De V. Ex.^a
mt.^o at.^o ven.^{or} e obg.^{do}*

A. J. Gonçalvez Guimarães.



9. VII. 915.

Ex.^{mo} Sir.

Estive no Alemtejo, e não pude responder logo a V. Ex.^a, e agora respondo a correr, porque parto hoje para Chaves, aonde vou presidir aos exames do Liceu.

Quando se explica uma palavra numa lingua, é preciso que o étimo a que se chega explique as palavras analogas nas linguas afins. Ora, se de condylos-condilus se podia em portug. chegar a conço, não se podia chegar em hesp. a gonce, gozne, porque nessa lingua não cai o l intervocalico, e muito menos se podia chegar ao fr. gond. A esta dificuldade acrescemos outras, que era preciso resolver. c-> -g. Se ás vezes c- dá g-, é preciso explicar cada caso especial, porque essa mudança não é normal: assim grasso não vem directamente de crassus, mas do cruzamento de crassus + grossus = grassus, que existe

em lat. vulgar. E o z de ç? É caso esporadico que é preciso tambem explicar. Na Beira ha pinzel por pincel, por influencia, creio, de cinzel; e ha Zêsaro por Cesar, por assimilação.—Vê V. Ex.^a que a sua explicação, com quanto engenhosa, esbarra com grandes dificuldades.

Querendo escrever-me, pôde fazê-lo para o Liceu de Chaves.

*De V. Ex.^a
att.^o ob.^{do} e v.^{or} resp.^o*

Leite de Vasconcellos.



27-5-915.

Ex.^{mo} Snr.

Sem outra autoridade, senão a que V. Ex.^a, por grande favor me atribue, mas alumiado pela experiencia de haverem os próprios mestres declarado evidentes e indiscutíveis muitas etimologias, que depois se reconheceu serem inexactas, não poderei nem deverei aventurar-me a outras afirmações que não sejam o reconhecimento sincero de que é muito plausivel a etimologia, que V. Ex.^a propõe para gonzoz, já pela semelhança dos significados, já pela evolução morfológica do étimo apresentado por V. Ex.^a.

Tómo nota da proposta de V. Ex.^a para os meus trabalhos de lexicografia, e francamente lhe agradeço a amabilidade da consulta.

*Cr.^o de V. Ex.^a,
obrigado e apreciador*

Candido de Figueiredo.

Porto, 20—VII—15

Ex.^{ma} Snr.

Agradecendo a sua honrosa confiança, envio a V. Ex.^a as páginas em que tracei as minhas ideias acerca de gonzos, engonços.

Destino-as à Águia, mas se por qualquer motivo V. Ex.^a ou o Redactor daquele Orgão não desejar imprimi-lo, peço que me restitua o meu manuscrito.

Oxalá V. Ex.^a continue a ser um valente obreiro no campo filologico!

Com toda a consideração de V. Ex.^a

ven.^{dora} m.^{to} att.^a

Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

DE D. CAROLINA MICHAËLIS (1)

RECEBI ha dias o N.º 41 da *Águia*, assim como a cartinha em que V. Ex.ª me pede a minha opinião acerca de um artigo seu, nele publicado, a p. 199-201.

Agradecendo a sua gentileza, passo a expôr nas páginas seguintes, com toda a franqueza, de um lado as objecções que tenho de fazer à sua tentativa, e pelo outro lado ideias e factos que me parecem reforçar a mais antiga das propostas dos antecessores que se occuparam do vocabulo *gonço*.

Procedo assim na suposição que V. Ex.ª se interessa deveras pelo "milagre do verbo", essa mais antiga, mais espontânea e mais contínua das criações do espirito humano em geral, e em particular dos diversos genios nacionaes; na persuasão tambem de que com sinceridade desejaria tornar fecundas as suas evidentes aptidões filologicas, resolvendo alguns dos in-números problemas do nosso tesouro vocabular que por acaso já prenderam ou ainda hão de prender a sua atenção.

Foi em 1853 que o gram-mestre da filologia neo-latina se occupou concisamente, no seu Diccio-

(1) Publicada em "A ÁGUIA".

nario etimologico comparado, dos termos agrupados *gonzo engonzo* (port.); *gonce gozne* (cast.); *gond* (franc.); *gofon gonfon* (prov.) como de outras tantas denominações dos singelos mas engenhosos aparelhos que na Europa culta se empregam, desde a sua romanização, com o fim de facilitar o abrir e fechar de portas, batentes de janelas, tampas de caixas e móveis semelhantes.

Em vista das divergencias notáveis que, ainda assim, ha foneticamente entre essas formações das quatro línguas da România Occidental—da qual o centro (a Italia) e a România Oriental se afasta neste caso especial como em muitos outros,—em vista das divergencias formaes Diez hesitou todavia, com a cautela natural de um sábio, de modo algum preparado, como iniciador de uma sciencia nova, para logo historiar e documentar todas as suas ideias e conjecturas.

Em lugar de uma só etimologia, de clareza evidente, apresentou tres que tinha em conta de possíveis quanto ao sentido e quanto à forma. Todas elas são greco-latinas, como é natural, visto que de Roma, directamente, e indirectamente da Grecia, sua excelsa educadora, nos vieram quasi todas as invenções feitas no campo das artes, das sciencias, e das industrias; e juntamente com os objectos, os seus nomes técnicos, populares e cultos.

Os tres étimos propostos são *contus* (κοντός) = vara, lança, estaca (em alemão *Stange*); *gomphus* (γόμφος) = cunha, cavilha, prégo (em alemão *Pflock*, *Zapfen*); e *ancon* (ἀγκων) = gancho, escapula com

forma de cotovelo (em alemão *Haken, Angel, Anker-Klammer* ¹).

Para as formas peninsulares Diez estava disposto a dar a preferência a *contus*, não sem notar a substituição extraordinária de *t* por *z*. Não se lembrava portanto de que este inconveniente, se fosse único, se remediava bem, admitindo-se a existencia de um derivado adjectival * *conteus*. Para *gond*, da França do Norte, escolheu *ancon* por causa de uma forma dialectal desse teor; e para a Provença, *gomphus*, separando assim o que em regra é unitario.

Os sucessores escolheram comtudo *gomphus* para todas as quatro linguas, pela simples e decisiva razão de só esse vocabulo, de significado conveniente, ter sido popular em Roma, e haver continuado usadissimo durante a idade-media ² — facto de resto que o proprio Diez indicara ³, e já fôra estabelecido por outro linguista ⁴.

Verdade é que alguns autores reproduziram apenas os dizeres de Diez, sem se decidirem por nenhum dos tres étimos ⁵. Outros excluíram só *ancon* ⁶; ainda outros, só *contus* ⁷. Mas desde que Littré aplaudira como "muito provável" a proveniencia de *gond*, de *gumphus*, essa foi a mais repetida, tanto lá fóra como entre nós, posto que às vezes os repetidores acompanhasssem a explicação de um sinal de interrogação, indicador de que, como Diez, não percebiam bem as evoluções fonéticas de *gomphus* para *gond* e *gonzo* ou *gonço*.

V. Ex.^a é do número dos duvidosos, e procura solução melhor ⁸. Além de a Diez e Littré

recorreu ao léxico francês de Hatzfeld e Darmesteter e A. Thomas, e aos portugueses de F. A. Coelho, Cândido de Figueiredo (e o de E. de Faria, que desconheço).

Ha mais algumas obras, indispensaveis a todos quantos se occupam de etimologias românicas que V. Ex.^a devia ter consultado; as *Apostilas aos Dicionarios Portugueses* de Gonçalves Viãna⁹, os *Subsidios* de A. S. Cortesão¹⁰; o *Diccionario Latino-Românico* de Körting, porque nele se registam todas as opiniões¹¹; e sobretudo o *Diccionario Etimologico* de Meyer-Lübke, o actual Gram-Mestre da Romanística, catedrático de Viena de Austria, até a Pascoa passada, e desde então (2.º) successor de Diez na Universidade de Bonn¹².

Nesta última concisíssima obra, ainda incompleta, V. Ex.^a teria visto que o eminente investigador, que não hesita em destruir pela base muita etimologia dieziana, considera *gomphus* como único ponto de partida, comum, de todas as formas occidentaes e remove as difficuldades foneticas das formas peninsulares, *gonce*, *engonçar*, declarando-as por francesismos; isto é, por representantes do antigo plural francês *gonz*, que já dera, além dos Pireneus, o verbo *engoncer* com sentido figurado¹³).

Essa maneira de encarar e resolver o problema é de ha muito a minha. E seria seguramente a de V. Ex.^a, se eu já a tivesse exposto por extenso num estudo especial: numa historia *ilustrada dos gonços e engonços*, que abrangesse todos os sistemas de segurar e mover portas,

portadas, tampas etc., tanto os de suspensão como os de dobradiças lateraes, e em que tambem se registasse e explicasse toda a terminologia das partes de que elles se compõem, não sómente a que é greco-latina, mas tambem a germanica onde fosse esclarecedora ¹⁴, — juntando-se ainda as locuções idiomaticas, os sentidos abstratos e figurados, e notas sobre o emprego proverbial, e suas funções respectivas no folklore ¹⁵.

Esse ensaio, caso que realmente se realizasse, havia de ser um paralelo, modesto embora, das admiraveis contribuições à historia da cultura em que alguns corifeus vivos da Filologia, justamente considerada hoje como sciencia de todas as manifestações do espirito humano, no espaço e no tempo, combinam o estudo de *Coisas reaes* (*der Realien*, como dizemos na Alemanha) com o dos seus *Nomes* ¹⁶, dando-nos *Wortgeschichte*, e falando-nos ora de rocas e fusos, dobadoiras e sarilhos ¹⁷, ora de foices, punhaes e serras ¹⁸; ora de mangoaes, grades e outros aparelhos tri-lhadores ¹⁹; ora da arte de pescar dos que turvam (*troubient*) as aguas, afim de encontrar (*trouver*) boa pesca ²⁰.

Por ora os meus materiaes são todavia muito insuficientes.

Apenas vou dizer por isso, nesta Carta, o que fala a favor de *gomphus* = cavilha, como etimo de *gond* e *gonço*, e contra *condylus* = nó, articulação — essa nova etimologia proposta por V. Ex.^a, e tambem contra o já citado adjectivo *conteus* = com forma de vara ou estaca, advogada por Menendez Pidal ²¹.

Creio contudo que mesmo nestas escassas Nótulas V. Ex.^a ha de reconhecer quanta luz a etimologia de *gonços engonços* recebe tanto do objecto real ²², como da comparação com as demais denominações que lhe são dadas entre nós — *dobradiça, bisagra, macha-femea, quicio* e com *escancarado*—e tambem com alguns representantes dialectaes, até hoje desatendidos, de *gomphus*.

Quanto ao significado, "*gomphus*=cavilha" ²³ deve ter designado a princípio nas províncias romanas, e nas colónias gregas, apenas aquella parte das *dobradiças* que realmente é um *gomphus*. Essa parte passou a designar o aparelho inteiro—*pars pro toto*—por ser a principal, a *conditio sine qua non* dos movimentos realizados pela porta ou tampa que se abre e se fecha. Tanto em portas suspensas, com um leme de macho-femea perpendicularmente preso na soleira e hombreira (ou seja nas couceiras), *Tueren mit Stehzapfen*, o qual gira dentro de um vão, como em portas com charneiras lateraes (*mit Türangeln*), em que um espigão ou passador, metido em aneis alternantes, formados pela borda inferior de duas chapas, palas ou pranchetas de metal, junta a fixa à movel, esse espigão passador, e esse leme-macho é um *eixo*. É o *polo*, em volta do qual giram portas e tampas.

Verdade é que, como V. Ex.^a diz, o aparelho é uma coisa *articulada* (ou articulante). É mesmo o característico que provocou a denominação popular, e privativamente portuguesa de *dobradiça*.

Mas para o encontrar no étimo não temos de recorrer a *condylus*, abandonando *gomphus*. A ideia da articulação, do encaixe, não pode ter faltado aos *gomphos* da antiguidade ²⁴. Bem alto o diz o derivado científico *gomphose*. Este designa em anatomia toda a articulação em que um osso está encaixado num vão—como por exemplo os dentes nas maxilas ²⁵.

Agora a *forma*. A mais antiga portuguesa que conheço, e posso documentar, é *gonço* ²⁶— e a ela corresponde ainda hoje o asturiano *gonciu* ²⁷. Dela saiu o verbo *engonçar*, que pela sua vez nos deu o substantivo post-verbal *engonço*, usado em regra no plural—assim como o adjectivo *desengonçado*, com significado material e figurado ²⁸.

Suponho que *gonço* fosse precedido de *gonce*, principal forma antiga castelhana. A substituição de ~ e final etimológico por ~ o analógico não é rara em português ²⁹. Baste aqui o exemplo *eixo* por *eixe* < *axe*.

O -z- brando da pronúncia moderna, em lugar do ç forte, também pode ser analógico. Esse ponto da complicada história das sibilantes portuguesas não está todavia bem claro ³⁰. Como rima de *gonzo* conheço apenas *bonzo*; de *gonze*, só *bronze* e *onze*; de *gonço*, desde o tempo em que ç foi reduzido a ss, o adjectivo *sonso*.

Os castelhanos, já o disse, serviam-se de *gonce* no século XVI ³¹. *Gonce* é ainda hoje a única forma usada na Galiza. A moderna variante *gozne* é produto de tendências metatéticas ³². Nos derivados, as formas com *zn* prevalecem sobre

as com *nz*: *engoznar*, *desgoznar* e *desengoznar*.

Mas como se explicam as sibilantes das formas peninsulares? Não por evolução directa. *Gonço*, *gonce* não pode ter saído de *gomphus*; nem de um hipotetico *gonfio*. Sómente, conforme já indiquei, do francês antigo *gonze*, ou de *gondium* como latinização bárbara desse francicismo.

O enorme predomínio da civilização francesa nos séculos XI e XII, e novamente no XIV, é conhecidíssimo, e por igual, o influxo que a lingua e a literatura francesa exerceram "*parce que le langage français est plus délectable et plus commun à toutes gens*". Entre os galicismos arcaicos que lhe devemos, relativos a instituições sociaes, artes, sciencias, industrias, muitos acabam em *e* surdo—única vogal com que podem terminar vocábulos franceses³³. Exemplos de que o *~s* da declinação³⁴, quer simples, quer fundido em *z* por fusão com consoante dental passasse a linguas estrangeiras, não ha muitos. Basta, porêem um português, para tornar aceitável a ideia que *gons* (ou *gonz*) desse *gonce*³⁵. E esse, temo-lo em *lis* ou flor de *lis*, de *lilius*³⁶. A existencia do francês *gonz* é provada pelo derivado *engoncer*.

O *d* final do moderno *gond*, em que V. Ex.^a repara, já aparece no seculo XV, embora se generalizasse mais tarde. É comtudo espúrio (e por isso não se liga na pronúncia). A forma primitiva é *gon*, *gons*³⁷. O *d* é analógico. Provêm de *fond*, *fundus*; *rond*, *rotundus*. Com *engoncer* devemos comparar *enfoncer*, etc.³⁸.

Não deixarei de indicar que o excelente investigador Suchier pensava que a França recebera os *gonfos* directamente dos gregos de Massília ou do Arelate ³⁹. De lá *irradiariam* para o Norte e para a Península; mas não para a Itália, da qual logo direi duas palavras.

Ao grupo asturiano-português e galego-castelhano, derivado directamente da França do Norte, pertence o valenciano *gonç* ⁴⁰, usado a par de *gonce* e *mig-gonce* (=meio gonce).

O catalão pertence pelo contrário à região provençal. *Golfe*, *golfo* ⁴¹ (com *engolfar*) saíu evidentemente de *gonf*. A substituição da nasal pela líquida, no grupo *nf* é contudo diversa da dissimilatória que se deu em *alma* < *an'ma* e em *almalho* < *an'malia*.

No provençal, houve, em vez de dissimilação, evolução assimilatória ⁴². *Gofon* é aumentativo de * *gofo*. Provavelmente houve também *gonfo gonfon*. Os provençaes de hoje pronunciam *goufoun*, mas também *gounfoun* ⁴³.

Uma prova indirecta mas valiosa de que de França podem ou devem ter vindo muitos engonços a Portugal e Espanha ⁴⁴, possuímo-la no sinónimo *charneira*, cuja origem é evidente ⁴⁵. *Charnière* representa *cardinaria*, derivado de *cardine* (afr. *charne*) isto é da denominação clássica latina do aparelho de que estou a tratar.

Cardine subsiste intacto na Itália, e deu a todos os idiomas neo-latinos, e a outros, no adjectivo *cardinale* um termo significativo, apli-

cado a objectos positivos, e em abstracto a pessoas e coisas, considerados como eixos e polos do mundo ⁴⁶.

Nos pontos cardinaes das portas de suspensão distinguia-se entre cardo *masculus*, (*Zapfen*), o verdadeiro *gomphus*, que é movel, e o *cardo femina*, o vão, ou cilindro ou "cachimbo," que é fixo (*Pfanne*). De aí vem o nome português de *macho e femea*, dado, conforme já acima mencionei, ao *leme-dobradiça* integral, mas tambem apenas ao ferro-macho, ou mesmo exclusivamente ao espigão.

Se não fôr bem untado, o macho-femea chia, guincha ou range desagradavelmente.

Já era assim quando Eueas desceu aos Infernos: *foribus cardo stridebat aënis*—*a porta rangia nos seus gonços de bronze*—*e tum demum horri-sono stridentes cardine sacrae panduntur portae*—*e finalmente abri-se sagrada, porta, rangendo com ruido horrendo* ⁴⁷.

Creio que foram esses *guichos*, *guinchos* ou *esguinchos* de lemes e gonços, tão dissonantes, e tão freqüentes como a chiadeira das rodas dos carros de bois, que provocaram a criação de um sinónimo, privatimente peninsular de *cardine*: a palavra *quício*—onomatopaica portanto. Eia é usada, de resto, em Espanha muito mais do que em Portugal. Na Alemanha o correspondente seria *Quietsche*, de *quietschen*, *quieken*—fazer *quítquít* ou *quiek*, *quiek*.

Bisagra, *visagre*, e também *misagra* na linguagem náutica ⁴⁸, é igualmente propriedade particular de Espanha e Portugal.

É um adjectivo substantivado, equivalente de *charneira*, mas relativo originariamente, se não me engano, só a cavilhas duas vezes agras ou agudas, isto é aguçadas em ambas as pontas — bis-agudas ⁴⁹.

Usava-se bastante no século XVI, tanto em obras literárias ⁵⁰, como em documentos de valor puramente prático.

Encontrei-o p. ex. no Inventario dos objectos que a Infanta D. Beatriz levou para Saboia em 1522: umas táboas de cavalgar de prata, douradas todas... mas com bisagras de ferro douradas ⁵¹. — Em outro, da Rainha D. Catarina (1538), ha um cofre de marfim com fechadura e *visagias* (*sic*, por erro de copista ou de imprensa), não se diz de que metal ⁵². Em ainda outro, da casa também de D. João III (1534), menciona-se uma mesa de cozinha, em que talham, que tem *bysagras* — provavelmente em taboas suplementares, pendentes ⁵³.

Bisagra é, em castelhano, a mesma coisa. Designa todavia também um pau, hoje em uso, de buxo, curto e grosso, mas outrora seguramente pontiagudo, com o qual os sapateiros brunem as bordas das solas (em alemão *Fummel-holz*). É substituído de resto hoje nas cidades por *ferros* de brunir especiaes. Variante desse *bisagra*, é *bisegre*. E *bisegre* é a única forma empregada em Portugal. Trata-se de outro fran-

cesismo: o antigo *bis-aigre*, (hoje *bis-aigle* ou *biseigle*) < *bis-acre* ⁵⁴.

Ao grupo de sinónimos que rapidamente analisei, juntei o adjectivo *escancarado* (*sperr-angelweit-offen*). Ele corresponde ao italiano *sgangherato*. Mas entre nós não se conservou, que eu saiba, o substantivo * *câncaro*, *cângaro* de que descende. Em italiano ha *gânghero*, e este é até na Italia o par e irmão mais usado de *cárdine*. Outros sinónimos são *bílico* de *umbilico* = embigo; *mastietto*, diminutivo de *mástio*, variante de *máschio* < *masculo*; e *arpione* do grego *harpe* ou *harpax* (gancho).

Acho desacertadas as tentativas de relacionar *gânghero* com *cancro*! O verdadeiro étimo é o grego *cançalus* (καγκalos) — já apontado por Meyer-Lübke. Houve nele troca de sufixo: — *arus* substituiu *alus* — fenómeno freqüente de que me tenho ocupado em diversas ocasiões ⁵⁵.

Falta-me falar da etimologia proposta por V. Ex.^a, isto é do greco-latino *condylus* (κονδυλος) *nó*, articulação; e da de Menendez Pidal: * *conteus*, como derivado do substantivo *contus*, apontado por Diez.

Esse *contus* (κοντος) *vara*, *estaca* deu aos castelhanos regularmente *cuento*, nome aplicado hoje — *pars pro toto* — à extremidade inferior de varas, picas, bastões, bengalas: peça cilíndrica de metal no extremo inferior de espadas, etc. *Virola* ou *ponteira*. Como *cuento* < *contu* convirja com *cuento* < *computo* (o nosso *conto*) dá-se a pre-

ferencia em regra ao derivado *contera* < *contaria*. Em português as *conteras* são apenas das bainhas de espadas e da parte posterior do reparo do canhão.

A surda inicial *explosiva*, e o ditongo castelhano de *cuento*, desvirtuam, a meu ver, a ideia de relacionar *gonço* com esse vocabulo.

Condylus foi muito usado na Grecia, onde procreou numerosos derivados, técnicos, e anatómicos que em parte são hoje internacionaes (como p. ex. *condyloma*). Não dominava articulações em geral. Designava apenas as articulações dos dedos, que se salientam quando cerramos a mão em punho ⁵⁶. De aí veio a ser uma das numerosas e pitorescas designações do sopapo: uma *nó-z-ada* ou punhada; e também um tumor duro como um nó.

Na literatura latina *condylo* ou *condulo*, como transcrevem os Gramaticos antigos, era um *hapax legomenon*. No Epigrama de Marcial (v, 78, 30) em que ocorre, a sua significação é para mim pouco clara. E também para outros leitores, visto que já houve quem considerasse *condylos* como nome-proprio.

Ainda assim é uso tirar desse *condulus* e do seu significado originario, persa,—que dizem ser vaso de beber—a *góndola* dos Venezianos. Sem comprehender como de vaso de beber se chegou a *nó*, a não ser que os taes vasos persas tivessem por acaso como elemento decorativo *nós salientes*

como o BUCKELGLAS alemão, — não posso examinar essas teses ou hipóteses.

Nessas condições, e sobretudo porque não ha no latim da Idade-media vestígios de *condylus*, mal pode ter passado com o latim vulgar à Romania Occidental como sinónimo de *cardine* e *gomphus* e *cancalus*!

E se passasse, difficilmente dava *gonço*, *gonce*, *gozne*! As tres evoluções fonéticas que V. Ex.^a supõe, não são impossiveis, mas são pouco vulgares; anormaes mesmo. Não irmanam com as de vocábulos de architectura semelhante, como *dactylus*, *amygdala*.

1.º) A explosiva gutural *c*, como inicial sêguida de *a o u*, mantêm-se em regra intacta em portugûes. Para um cento de formas como *cabeça*, *cabelo*, *cal*, *cama*, *campo*, *cavalo*, *caveira* ou *comer*, *conde*, *colo*, *contar*, que se cingem à lei, não ha dez excepções. E cada uma dessas excepções tem explicação especial ⁵⁷.

2.º) A queda de *-l-* intervocalico é regra, sim. Mas onde *l*, pela perda de vogal ou sílaba inteira final, chega a terminar sílaba, conserva-se (p. ex. em *sol*, *sal*); e onde pela queda de a-tonos fica em contacto com *k*, dá em palatal p. ex., em *olho*, *abelha*, *ovelha*, *orelha*.

3.º) Do semi-culto *condulo*, podia sair *condoo* como de *periculu*, *baculu*, etc., saiu *perigoo*, *bago*, contraídos depois em *perigo*, *bago* ⁵⁸. Mas se por acaso *condylo* desse *condyo*, ignoro o que daria, porque não me lembro de nenhuma construção paralela com *-ndy-*. Precedido de *-r-* ou de ditongo, o grupo *dyo* evolucionou,

de facto, para ç em *ouço*, nos arcaísmos *arço* < *ardeo*, *perço* < *perdeo* (por *perdo*) e em *almoço* (por *almorço* de *admordium* ⁵⁹).

E mesmo se todas as tres evoluções fossem normaes, o étimo *condylus* servia exclusivamente para o vocabulo português, e talvez, para *gon* francês; mas não para *gonce*, nem para *gofó*, e muito menos para *golfo*.

Por tudo quanto deixei dito, acabarei resumindo a minha opinião nas teses seguintes:

a) O vocabulo português *gonzo* (s. m.) vem do arcaico *gonço*, cujo ç subsiste no pl. *gonços* e nos derivados *engonços*, *engonçar*, *desengonçar*.

b) *Gonço* está por *gonce*, forma que se mantém na Galiza e na linguagem literaria de Espanha.

c) *Gonce*, *gonç*, representa o francês *gons*, *gonz*, (pl.).

d) *Gons* é o greco-latino *gomphus*, vindo talvez directamente dos colonos de Massilia e do Arelate.

e) Originariamente, nos tempos prehistóricos e protohistoricos da lingua portuguesa, e das irmans occidentaes, *gonz* significava, em harmonia com as origens, em sentido restrito, *cavilha*, *prêgo*, *espigão*, *passador*, sobretudo de *dobradiças* e *charneiras*.

f) Depois passou a dominar, em sentido lato, o mecanismo completo das *dobradiças* e *charneiras*, composto quer de duas chapas de

metal, uma fixa e outra móvel munidas ambas, do lado interior, de anéis alternados, e de um passador-eixo, quer de um leme de macho e femea que gira em um vão fixo.

Porto, 15 e 16 de Julho de 1915.

NOTAS

¹ *Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen*. — Vol. I s. v. *Gonzo* A 1.^a edição é de 1853. As posteriores são de 1861, 1869, 1878, 1890

² Vid. Du Cange, *Glossarium Mediae et Infimae Latinitatis*. — Paris, 1678-1844 (ed. Henschel) e 1833-88 (ed. Favre) — Vol. III, p. 595.

³ Eis o artigo de Diez: *Gonzo*, *engonço* pg., sp. *gonce*, *gosne*, fr. *gond*, pr. *gofon* für *gonfon* thürangel. Nicht alle gleiches ursprungs: *gonzo* könnte von *contus* spieß, freilich mit einer nicht gewöhnlichen schärfung des *t* herühren, *gofou* führt auf *gomphus* Pflock, in *mlat.* häufig gebraucht, vom gr. γόμψος; *gond* neigt sich mehr zum ersteren worte, ist aber wohl mit hinsicht auf das gleichbed. lothr. *angon* von *ancon* haken.

Grifei o passo respectivo.

⁴ Em Ducange-Henschel, ha a afirmação: *Hinc nostris* voz *GOND* orta.

⁵ P. ex. A. Scheler no seu *Dictionnaire d'Etymologie Française*, Bruxelles, 1873.

⁶ A. Brachet, *Dictionnaire Etymologique de la langue française*, 1870.

⁷ A esse número pertence Littré, que diz acertadamente a respeito de *contus*: *ni le sens, ni la forme vont*.

⁸ No artigo de Littré (Vol. II, de 1874) ha elementos valiosos, tanto na parte historica, como na etimológica, que V. Ex.^a deixou de aproveitar. Ele acredita na origem comum de *gond*, *gonce*, *gonzo*, etc., e tira a forma dialectal lotaringia *angon* de um verbo formado como o português *engonçar*. — Na transcrição de V. Ex.^a está *gorne*, em vez *gozne*. Para esse erro tipográfico não se propagar direi aqui que *gorne* como variante de *gozne* não existe. Ha *r* em lugar de sibilante, antes de *n* em *cirne* a par de *cisne*. *Gormar*, tem outra origem do que *gosmar* por *gozmar*. O termo nautico *gorne*, tem significado e origem diversa.

⁹ Vid. Vol. I, pag. 402, o artigo *escancarar*, com cuja doutrina não concordo.

¹⁰ Coimbra, 1900 - Vid. p. 102, s. v. *Gonzo*. Artigo acertado mas sem novidade.

¹¹ Vid. G. Köiting, *Lateinisch-Romanisches Wörterbuch*, Heidelberg, 1891-1901-1907, s. v. *contus*. - Não possuo o artigo de Gröber, publicado no *Archiv für Lateinische Lexicographie*.

¹² W. Meyer-Lübke, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* - Heidelberg, 1911-1916. Possuo-o até p. 560: a nefasta guerra interrompeu a impressão.

¹³ No n.º 3819. *Gomphus* (griech.) *Pflock*. - Frz. *gond* Haspe, Türangel. - Abl. prov. *gofon* id., frz. *engoncer*, den Hals einziehen - Diez, Wb 169 ALLG II, 432; Dict. Gén. - Frz. *gond* aus griech. *ancon*, Diez Wb 169 reißt das frz. Wort ohne Grund vom Prov. los; auch wäre der Abfall des *an* schwer zu erklären, wogegen umgekehrt der Anlaut im lothr. *āgō* sich leicht aus einem Verbum erklärt; gleichbedeutendes span. *gonce*, port. *gonzo*, *engonzo* scheint eine Entlehnung aus dem Plur, afz. *gonz* zu sein; Herleitung aus *contus* Ruderstange, Diez Wb 199, ist formell und sachlich unmöglich.

¹⁴ Tenho em mente o inglês *hinge* e o alemão *Angel*, *Angelpunkt*, *aus den Angeln heben*.

¹⁵ Para *desougar* crianças *ougadas* (*ouga* < *auga* < *agna*) é preciso pendurá-las numa porta e mover essa nos *gonços*.

¹⁶ Com o título *Wörter und Sachen (Nomes e Coisas ou Palavras e Coisas)* existe desde 1909, uma Revista especial para investigações lingüísticas e cultur-historicas, ou seja: estudos lingüísticos baseados na etnografia, (Heidelberg Winter) Cfr. *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, Vol. IX, 66 e XII, 85 e *Zeitschrift für Romanische Philologie*, Vol. XXXIV, p. 258.

¹⁷ O monumental trabalho a que aludo, é de Hugo Schuchardt: *Festgruss an Adolf Mussafia* (Graz, 1905). Cfr. *Romanische Etymologien III*.

¹⁸ Id. *Sichel, Notch und Säge* (1906)

¹⁹ Meyer Lübke, *Zur Geschichte der Dreschgeräte*, 1909

²⁰ Hugo Schuchardt, *Romanische Etymologien*, III.

²¹ *Manual Elemental de Gramatica Historica Española* (1.ª ed. 1904); 3.ª 1914, ss 67, 2.

²¹ Pequeninios artigos ilustrados, e que se relacionem com *engonços*, temo-los no *Diccionario de Antiquidades Romanas e Gregas* de A. Rich, s. v. *cardo* (= couceira); *ginglymos* (= charneira); *antepagmentum* (= hobreira); *gomphus* (= cavilha); *janua* (= porta) - Outros, relativos à Espanha moderna, ha-os no *Diccionario Enciclopedico Hispano-Americano*, Vol. III, p. 638, s. v. *Bisagra*. - No *Larousse* português de Jayme de Séguier, só ha uma gravura, s. v. *Gonzo*.

²³ *Cavilha* por *clavilha*, *clavicula*, com queda dissimilatoria de *l*, parece ser o italiano *caviglia* (francês *cheville*), conquanto a forma mais usada e normal seja *cavicchia*. A forma verdadeiramente portuguesa é *chavelha*. Semi-culta é *cravelha*. *Cravija* é transformação do castelhano *clavija*. *Clavicula* é latinismo culto.

²⁴ Não colleccionei por ora passos literarios que o proveu

²⁵ A definição de Littré tem o teor seguinte: espèce d'articulation immobile où les os sont emboîtés comme une cheville dans un trou. Les dents p. ex. sont articulés dans les maxillaires par goupheuse. E cita, de um texto do século XVI: Gompheuse est faite quand un os est fiché dedans l'autre en forme d'un clou ou d'un gonds

²⁶ Só a posso documentar de 1522 para cá. Na *Hist. Gen. da Casa Real, Provas*, Vol. II, p. 455 trata-se, num inventario, de uma sela em cujos tres palilhos, cobertos de brocado, havia correias com fivela, passador, biqueira, etc., pegadas com seu gonço de prata nos ditos palilhos

²⁷ A. de Rato y Hevia. *Vocabulario de Palabras y Frases Bables*, Madrid, 1891. P. 67, *Gonciu*: son los que tienen las puertas y les ventanes pa fazeles rodar.

²⁸ *Desengonçado* é que anda fóra dos eixos. Transtornado. Mas tambem quem faz movimentos desconjuntados. - Em francês *engoncer le cou dans les épaules* significa alguém ter (ou dar-se alguém) um porte teso e desageitado pelo facto de o seu vestido o apertar e oprimir subindo muito acima. Parece um boneco de *engonços* (eine Gliederpuppe).

²⁹ Exemplos de *~o* por *e* faltam tão pouco em galego onde dizem *enxamo*, e em asturiano, (onde o *freire* é um *freru*) e em valenciano onde até dizem *paro*, *maro*,

monjo, bronzo. Mas o fenómeno contrário — *e*, em vez de *o*, — *berce* por *berço* — tão pouco é raro. Cfr. p. 86, Nota 33.

³⁰ Lembiarei apenas as formas divergentes *razão* e *ração*; *prezo* (verbo) e *preço* (subst.).

³¹ Ainda não o encontrei em textos anteriores a 1500.

³² A par de *bronze* lia o vulgarismo *brozne*. — *Bronze* veio de França. Talvez venha de *Brundisium*.

³³ Os galicismos mais antigos e conhecidos em *~e* são *freire, monge, froque, prest(r)e mestre*. O arcaico *mege* > *medicu*, desapareceu. A respeito de outros termos em *~e* (por *o*) como *golpe* de *colapus*, teria eu muito que dizer.

³⁴ Não entro em pormenores. Bastará lembrar a V. Ex.^a que na França se distinguia o nom. *murs* > *murus* do acus., ou em geral dos casos obliquos do sing. *mur* > *murum*. A esses correspondiam no plural, o nom. *mur* > *muri*, e o acus. *murs* > *muros*.

³⁵ As consoantes finaes tinham o valor de surdas: *z* valia *tss*.

³⁶ *Ronces*, no nome topografico famigeado de *Roncesvales*, claro que é pl. de *ronce* > *rumice* (com alteração do sentido).

³⁷ Ha exemplos em Littré, e em Godefroy.

³⁸ Com *engoncer enfoncer* compare-se *esforcier*, hoje *efforcer*, de *fort*.

³⁹ Vid. Groeber, *Gundriss* 2.^a ed. vol. I pag. 835.

⁴⁰ Vid. J. Escrig, *Diccionario Valenciano-Castellano*, 1871.

⁴¹ Vid. Saura, *Diccionario de las lenguas catalana-castellana* 1870; ou Esteve y Belvitges, *Diccionario Catalan-Castellano-Latino*, Barcelona 1803; ou o moderno *Diccionario portatil de les llengues catalana y alemana*, de Vogel, Berlin 1909. Um sinonimo de *golf* é *frontissa* que não sei explicar.

⁴² Vid. Emil Levy. *Provenzalisches Supplement-Wörterbuch*.

⁴³ Mistral regista essas formas no *Trésor du Félibrige*, e além delas *gofon*.

⁴⁴ Desconheço os emporios e os caminhos do comercio de ferragens francesas na idade-media.

⁴⁵ No inventario da Infanta D. Beatriz emprega-se, além de *gonço, charneira* (a p. 448) e *bisagra* (450).

46 O *cardinal* prelado (assim como o passarinho cardinal) receberam seu nome da côr de *cardo* ou côr cárdea da sua *vestimenta*.

47 *Aen.* I 449 e IV 573: — Em português v. 855 e 1058 da *Eneida de Vergílio lida hoje*, de Coelho de Carvalho.

48 Nos dictionarios encontro tambem *missagra* (com dois ss). Como nunca o ouvisse pronunciar de quem sabe, ignoro se a grafia é erronea.

49 A dobradiça *visagra*, não tem nada (a não ser a homofonia casual) com a velha *Puerta Visagra* dos muros de Toledo — citada no *Libro de Buen Amor* do Arcipreste de Fita (estr. 1306). Nesse nome próprio, composto e híbrido, ha o termo arabe *Bab* = porta e *Sagra*, nome do campo ou da *chã* toledana que se estende fóra-muros.

50 P. ex. no *Palmeirim* de Francisco de Moraes e no *Rei Seleuco* de Camões.

51 *Hist. Gen.* II 450.

52 *Ib.* p. 778.

53 *Arquivo Historico.* Vol. VIII, p. 369. Lá se fala tambem de *almaryos com machefemeas e ferrohos*.

54 Cfr. Meyer-Lübke N.º 1575, *Bis* (duas vezes) e *acre*, é tambem no francês *besaigre* qualificativo do vinho que está quasi avinagrado; *besaigue* é o nome de um instrumento de carpinteiro, de dois fios.

55 P. ex., num opusculo sobre *púcaros* de Portugal.

56 *Knochenköpfe Knochenknöpfe*.

57 Das formas citadas por V. Ex.^a eu riscaria *cumma*. *Crassus* foi influido por *grossus*. A par de *golpe* > *colapu* e de *gritar* > *quiritare* (que V. Ex.^a não cita) havia nos tempos passados *colbe* e *cridar*. Em ambos os vocábulos e tambem em *gato gruta* observo uma tendencia eufónica que leva a transformar, de duas explosivas surdas em sílabas consecutivas, a primeira em sonora — tendencia que, porém, nem sempre se realiza. Quanto a *grade gaiola gorgulho*, não sei explicar a evolução.

58 Cfr. *magoa taboa nevoa povoa*, etc.

59 De proposito não citei *garça* de *ardea*. — Precedido de vogal o grupo *dy + a dá - j* — ex. em *seja veja inveja*; mas nem sempre; em *meio baio rato poio moio* o - *i* — conservou-se e o *d* caiu.

CARTA Á EX.^{MA} SNR.^A D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS (1)

V. EX.^A foi duma inexcedivel amabilidade, respondendo á minha consulta com a admiravel obra-prima de erudição e de dialectica que é essa carta inserta em o n.º 45 de "A AGUIA". Feliz por ter provocado tão valioso documento, reconhecidissimo pela honra que V. Ex.^A me dispensou, é muito grato para mim deixar aqui exarada a minha perduravel gratidão á insigne romanista, gloria de Portugal e da Alemanha, e bem assim o preito da minha mais profunda admiração.

Entendo que a maior deferencia que se pode ter para quem espalha ideas, é discuti-las. Não a discussão filha do amor proprio ofendido, do espirito de contradicção, da exhibição de vaidade, mas a discussão serena e sincera, ditada por aquele amor á verdade que desafia todos os pragmatismos; e convencido disso, e porque não concordo com as teses fundamentaes da carta de V. Ex.^A, ou que, pelo menos, as acho muito discutiveis, eu atrevo-me, minha senhora, a apresentar as objecções que elas me sugeriram, conscio de que V. Ex.^A me perdoará tão rude sinceridade.

(1) Publicada na "AGUIA", n.º 47

Esta carta dividir-se-hia, naturalmente, em duas partes. Na primeira procurarei fazer ver quanto a hipótese de *gomphus* como étimo de *gonzo*, *gond*, etc., é improvável, apesar das sabias e brilhantes considerações de V. Ex.^a, e dos Ex.^{mos} Srs. Drs. Gonçalves Guimarães e Leite de Vasconcelos.

Como as dificuldades apontadas pelos Drs. Leite de Vasconcelos e Gonçalves Guimarães estão também expressas na carta de V. Ex.^a, a elas responderei, respondendo a V. Ex.^a. A esses ilustres sábios aqui manifesto o meu infinito reconhecimento pela gentilíssima forma como acolheram a minha consulta.

Se eu conseguisse abalar a convicção de Meyer-Lübke e de V. Ex.^a de que a palavra provençal *gofon* aumentativo de **gofa*, e a palavra catalã *golfo*, nada tinham de comum com γόμφος, póde dizer-se que tinha dado um grande passo para a demonstração da tése que vou sustentar.

Já Frederico Diez separava os étimos de *gond*, *gofa*, etc. No entanto, o eminente sabio, na esteira de Du Cange, entendia que a origem de *gofa* era γόμφος. De então para cá supponho que não tem havido opiniões em contrario desse étimo. Quando muito ter-se-hão separado as formas portuguesas, francesas e espanholas, do provençal e do catalão, como decerto fez Menéndez Pidal, e como fazem os que não aceitam γόμφος como étimo comum; mas todos supõem que *gofa* vem de γόμφος.

Vou submeter á apreciação de V. Ex.^a algumas razões que me levam a crer que, com efeito, *gof* e *golfo* não saíram de γομφος mas sim, por muito estranho que pareça, do grego κολπος, baixo grego κολφος, que, como é sabido, deu para as diversas linguas romanicas—*golfo*, *golfe*, *gouffre*, etc. Esta tése, á primeira vista paradoxal, dada a divergencia dos sentidos, merece, a meu ver, ser encarada com atenção.

A palavra *golfo* existe em provençal com o sentido ordinario, bem como em catalão. A palavra em francês tem uma forma dupla. Vejamos em primeiro lugar se poderia existir em provençal uma forma dupla. Consultando a Grammatica de Diez, vemos que póde. O eminente filólogo diz-nos que, no provençal, no fim das silabas, o *l* alterna com *u*: *val vau*, *leyal leiau*, *altre autre*, que a maior parte dos manuscritos admite as duas formas ao mesmo tempo, e que na lingua moderna o *u* penetrou mais profundamente ¹.

Teriamos assim a explicação do desaparecimento do *l* e a possibilidade das duas formas * *gouf* = * *gof* ², e *golfo*.

Em francês dá-se fenómeno semelhante com *golfe* e *gouffre*.

¹ F. Diez — "Grammaire des Langues Romanes", tr. de Auguste Brachet et Gaston Paris, ed. de 1874, vol. 1.^o pag. 373.

² A pronuncia moderna *goufoun* parece justificar esta egualdade. Quanto a *gounfoun*, o *n* da 1.^a silaba viria por influencia do da ultima.

Em catalão ainda Diez nos diz que o *l* não se resolve habitualmente em *u*¹. Assim, não é de esperar que haja um duplo em catalão—uma forma sem *l*, outra com *l*. Com efeito, em catalão há *golfo* = gonzo e *golfo* com o sentido habitual.

Parece-me que a palavra κόλπος tinha virtualidades para dar um gonzo. É esse sentido de girar que passou para o *gouffre* francês, que é também um remoinho, um torvelinho. Os lexicógrafos ingleses definem *gulf* "a whirlpool,"².

É curioso observar que ha em Português uma palavra que significa gonzos, que não vem registada nos dicionarios: é *giros*, segundo me informou um negociante de ferragens. Essa palavra que eu mais tarde documentarei, vem evidentemente de *girar*. A palavra *geringonça*, que também significa coisa oscilante, mal segura, caranguejola (é nesse sentido que o povo português a emprega) e que parece ser formada, como já o viu Rosal³, de giro e gonzo, mostra como as duas ideas andam associadas.

Assim, não seria muito estranho que κόλπος dêsse qualquer especie de gonzo. Se em alguma lingua romana, á parte o catalão e o provençal, se encontrar *golfo* com o sentido de

¹ Diez — ob. cit. vol. 1.º, pag. 104.

² Royal Dictionary English and French, by Fleming and Tibbings, s. v. Gulf.

³ Primer Diccionario General Etimologico de la lengua espanola, por D. Roque Barcia, Barceloua, tomo II s. v. *geringonza*.

gonzo, e que não se explique pelo provençal ou pelo catalão, a nossa hipótese de que *κόλπος* tem virtualidades para dar um gonzo, atingiria uma grande probabilidade.

Ora existe um caso desses. Trata-se do português. A palavra portuguesa golfo, significa também uma espécie de gonzo ou parte de gonzo. Diz Eduardo de Faria: "Golfos—peças de ferro que se prégam pela parte exterior do navio, á face do batente superior das portas das peças, para nelas girarem as missagras (sic) das portinholas^{1.}"

O Dr. Candido de Figueiredo também define: "Golfo... peça de ferro em que giram as missagras das portinholas dos navios^{2.}"

E Jayme de Seguiet: "golfo—Peça de ferro em que giram as bisagras das portinholas dos navios^{3.}"

É verosimil que este sentido de golfo nos viesse do provençal ou do catalão?

Do provençal, parece que não, porque não se explicaria o *l* português. Seria *gofa*, porque a forma de *κόλπος* que se especializou em gonzo, em provençal, foi *gofa*.

Temos o catalão, mas o nosso léxico, ao que parece, pouco lhe deve.

¹ Eduardo de Faria—Novo Diccionario da lingua portugueza, 2 vol 3ª edição. Lisboa, Imprensa Nacional. 1857. 2.º vol. s. v. *golfo*.

² Dr. Candido de Figueiredo—Novo Diccionario da lingua portugueza, 2.ª ed. s. v. *golfo*.

³ J. de Seguiet—Diccionario Pratico Ilustrado.

A hipótese mais simples é a que propús. *Χόγπος* tinha em potencia um gonzo como se vê pelo sentido de torvelinho que aparece em *gouffre*, e que também aparece nos diferentes *golfses* e *golfos*, e, sobretudo, pela nitidez do significado da sua forma portuguesa.

Se esta hipótese é aceitável, *gomphus*, como étimo de *gofo* desaparece.

Se, pois, o significado de gonzo que têm o *gofo* provençal, o *golfo* catalão e o *golfo* português não fôr uma convergência casual, o que não é de supôr; se não se tratar em português da importação do sentido de gofo e golfo; a hipótese do étimo *gomphus* tem de ser abandonada, pelo menos, é claro, para o provençal e para o catalão. E sem essas duas formas, que com evidencia pareciam provir de *gomphus*, quem se lembraria de apresentar este *gomphus* como protótipo de *gonzo* ou *gonço*, de *gond* e de *gonce*?

A indeterminação era muito grande. Muitas outras palavras gregas ou latinas poderiam disputar a categoria de progenitoras. Irmãosdos os gonzos francês, espanhol, português, catalão e provençal, o grande argumento em favor da origem *gomphus* era o *f* do provençal e do catalão. Esse *f* estaria para essa hipótese como o auel de Saturno para a de Kant-Laplace. Tanto se estava na verdade com o étimo *gomfus*, poderia dizer-se, que o provençal ainda tinha conservado o *f*. Separados, esse argumento, o mais objectivo, falharia. E falhando esse argumento, todos os outros, seus subsidiários, achar-se-hiam muito comprometidos.

Procederei ao estudo de alguns desses argumentos apresentados por V. Ex.^a em favor de *gomphus*, examinando o seu valor intrinseco.

V. Ex.^a diz que não é necessario procurar-se a ideia de articulação em *condylus*, que *gomphus* a teve, provavelmente, como o prova o derivado scientifico *gomphose*. Mas *gomphose* não contem a ideia de articulação. É abusivamente que se fala de articulação por *gomphose*. É essa a opinião de Dechambre, Matias Duval e Lereboullet. "Gomphose:—On a donné ce nom à l'implantation des dents dans les alvéoles, et on a appelé articulation par *gomphose* celle qui se fait ainsi par l'implantation d'un os dans une cavité, *comme une cheville dans un trou*; articulation qui n'a du reste d'autre type que celui de l'implantation des dents, *si tant est qu'on doive considérer cette disposition comme représentant une véritable articulation* ¹."

É uma *clavatio* de que se trata. O prego espetado na madeira não é, evidentemente, uma articulação, da mesma forma que o não é o dente espetado no alvéolo. Este sentido de cravamento que tem *gomphose* era de presumir, dada a sua derivação de *gomphus*, que é uma cavilha, um prego, uma cunha, e que se alguma virtualidade tem é a de significar dente, como se vê da sua etimologia.

O eminente Boisacq, no seu dicionario

¹ Dechambre, Duval et Lereboullet — "Dictionnaire Usuel des Sciences Médicales, Masson et C. 3.^o ed. s. v. *gomphose*."

etimológico da lingua grega, ainda em publicação, abundantemente estudada essa etimologia. "Γόμφος, croc, cheville, clou; γόμφιος (όδούς) m. (=skr. jambhyah) molaire; γαμφηλαι γαμφαι f. pl. mâchoires d'animal; γόμφος=skr. jambhiah) dent, pl. denturé; alb. guégue *damp* dent (G Meyer—Alb. Spr; 83) v. h. a. *chamb*; v. norr. Kambr, outil dentelé; peigne; lit *zambas* arête d'une poutre; v. slav. *Zabu*, lett. *fubs* dent, i. e. **gompho*—s, denture, dent; etc., etc.¹."

Como se vê, se γόμφος tem algum sentido latente, alguma significação em potencia, é a de dente, que aparece nos derivados e compostos γόμφιος, γόμφιαζω, γομφίασις, γομφιόδονπος, etc. A idea de articulação só lhe poderia vir de maxila, pois que, com efeito, existe em sanskrito jambhia-s, maxila²; mas essa maxila pode ter bem o sentido de conjunto de dentes, pente, *kamm*.

Segui com a maxima atenção os raciocinios de V. Ex.^a demonstrando como do espigão (*gomphus*) parte da dobradiça, se passou ao todo. É notavel contudo que, outros termos que designam *gomphus* (se é que alguma vez se chamou ao passador da dobradiça *gomphus*) não tenham vindo a dar gonzos por identico processo. Nem espigão, nem passador, nem eixo, se elevaram a tal categoria. O que se vê, antes, como mais

¹ Emild Boisacq—Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque, Lib Klincksieck, s. v. γόμφος.

² Victor Henri—Précis de Grammaire Comparée de l'Anglais et de l'Allemand, 1893, pag. 74.

adeante insistirei, é a tendencia dos termos que representam articulação a se transformarem, por uma natural associação de ideas, em gonzos.

É certo que V. Ex.^a argumenta com a palavra *bisagra*, principalmente, e não desconheço a gravidade do argumento, que mostraria como uma especie de cavilha duas vezes bicuda (bis agra ou bis aguda), um verdadeiro passador, se transformou em gonzo.

Ha, porêm, em francês, um conjunto de formas semelhantes — *bisaigre* — *biseigle* — *bisaigue* — *besaigüe* — que muito perturbam a visão unida das origens. Assim, Darmesteter ou seus colaboradores, no seu dictionario, separam as etimologias de *bisaigue* e *besaigüe*. "*Bisaigue*... Origine incertaine. On trouve aussi *bisaigle*, *bizegle* (cf. it *bisegola*, esp. *bisagra* (ce qui empeche de voir dans ce mot une autre forme de *besaigüe*, Peut-être composé de *bis* et du rad. du lat *ægnare*, *egaliser* ¹."

Eu suponho que estas diversas formas, talvez até formas eguaes, podem ter origens diferentes. O feitio dos varios instrumentos que representam, já nos póde fazer suspeitar que — *bis* — mais um termo que signifique azas, ou qualquer termo que represente machado, etc., convinha á palavra *bisagra*.

A arma antiga *bisaigue*, uma especie de alabarda, evolução ou regressão, talvez, da *bipennis*, "*eine zweischneidige Axt, Doppelaxt*" ¹ pode-

¹ Heinischen Lateinisch-Deutsches Schulwörterbuch, s. v. *bipennifer*.

ria ser formada de *bis securis*, cf. o it. *bisegolo*=bis segolo, machadinha, se é que *segolo* procede de *securis*. Assim se justificava a pronuncia de *missagra*. Não encontrei o significado de arma nas *bisagras*, etc., de outras linguas. É possível que o tivessem, e esse nome fosse vencido pelos de alabardas, partasanas, etc., etc.

Bis com um termo representando azas, tambem daria, á semelhança de *bipennis*, o mesmo instrumento. Mas como daria *ala* a palavra em questão? Não sei. Só talvez de *bis* com alguma sua forma arcaica, como *ascula*⁽¹⁾ ou *acsla*⁽²⁾. Poder-se hia invocar tambem *bis*+qualquer forma da palavra *aguia*, que seria o nome das *aguias geminadas* que aparecem em *brazões e arinas*, e *bis+ascia*, *enxó* (*besaigüe* em francês tambem significa *enxó de calafate*, que corta dos dois lados, ou qualquer seu deminutivo. Para o caso do *vinho quasi avinagrado*, deve tratar-se com efeito de *bis aigre*.

A inspecção dos diferentes instrumentos de *vidraceiro, sapateiro, calafate, carpinteiro e de soldado*, que tem designações idênticas, faz regeitar, no entanto, a idea de *bis bicudo*, permita-me V. Ex.^a o termo, postulando antes a idea ou de *bis cortante*, ou de *bis machado*, ou de *bis aza*, ou ainda, de certo modo, a de *bis igual*.

(1) Henry Roby — A Grammar of the Latin Language, vol. 1.º 1887, pag. 330.

(2) Lyndsay — A Short Historical Latin Grammar, 1895, pag. 158.

Na verdade os utensilios dos carpinteiros tendo uma extremidade em forma de escopro, sugerem a idea de bis-cortante, nunca a de bis-bicudo. Assim tambem os utensilios dos sapa-teiros, pois que as suas extremidades não terminam por bicos, mas sim por gumes, e não compreendo como a sua forma antiga fosse sensivelmente diferente da de hoje, pois que com bicos mal poderiam brunir as solas do calçado.

Resumindo, não encontro nenhum objecto com nome idêntico, de feitio semelhante ao do picão, e se, por acaso *bisegre* equivallesse a bis-agudo, esse agudo deveria ser tomado, a meu ver, no sentido de cortante.

Se o que digo tem razão de ser, a bisagra dobradiça de que não falei, explica-se não por o passador duas vezes agudo nas extremidades, mas sim, e cabalmente, pelas suas chapas meta-llicas, que se podem assemelhar a machados, a coisas cortantes, a azas e até a águias, como me lembro de ter visto em moveis antigos.

II (1)

Parece, com efeito, que existe a tendencia de se transformarem em termos designativos de gonzos os que tinham o significado de articulações em geral, ou de determinada articulação. Uma sumária investigação mostra-nos que estão neste caso γίγγλυμος—articulação (em anatomia *ginglymo*) e também gonzo, charneira; στρόφιγξ, vértebra, articulação, e gonzo: στροφεύς, vértebra do pescoço ou da espinha dorsal, e gonzo de porta; ἄγκών, cotovelo, e articulação (2), e cujo diminutivo ἄγκωνίσκος tem também o sentido de gonzo, segundo alguns lexicógrafos, fundando-se, segundo creio, na tradução duma passagem do Exodo (XXVI).

Recordo a V. Ex.^a estes factos com o fim proximo de tratar da palavra quício, e com o mais remoto de justificar *condylus* como progenitor de gonzo.

Vamos à palavra quício. V. Ex.^a explica-a, e muito bem, como sempre, como palavra onomatopáica. Seria a imitação do ranger dos gonzos, que já impressionou Vergilio, a origem desse nome. Eu devo confessar, porém, a V. Ex.^a, que acho extremamente perigosas as tentativas de tais explicações. Com alguma boa vontade, mui-

(1) *Agua*, n.º 49 (2.ª serie).

(2) Alexandre—*Lexique Grec-Français*, v. ἀγκων.

tas palavras, que são, sem dúvida, doutra procedência, pareceriam ter essa origem. A própria palavra gonzo, com um bocadinho de complacência, indispensável em tais casos, e tendo-se em vista o característico rangido, não poderia dar a ideia do ruído em questão? Por tais motivos, creio que só em último caso se deverá empregar esse critério.

Donde vem então quício? Tenho um certo receio de enunciar uma hipótese que já foi feita acerca da origem dessa palavra, e tenho esse receio porque, com certeza, V. Ex. a conhece, e, visto como a não menciona, certamente a encontra destituída de verosimilhança. As considerações que acabo de fazer sobre as articulações darem gonzos, talvez reforçassem essa antiga hipótese, como se vai ver, e póde ser que V. Ex.^a, encarando-a sob um outro aspecto, a não rejeite inteiramente, a não ser que alguma dificuldade de ordem fonética, que no momento não vejo, a torne de todo o ponto impossível.

Refiro-me á opinião corrente, suponho, entre os espanhoes, que faz vir quício da palavra latina *coxa*. Depois de nos dar a definição de quício, D. Roque Barcia, discutindo a etimologia desta palavra, diz: "Latin *coxa*, bajo latin *cossa*, la parte superior del muslo y angulo entrante. El latin *coxa* tomó en el romance la forma de *quisse*, simétrica de quício" (1). Tambem

(1) "Primer Diccionario General Etymologico", por D. Roque Barcia, Barcelona, tomo IV, s. v. quicio.

Litré assim se refere á etimologia de *cuisse*: "ant. *quisse* (dá varios exemplos). Etym. Bourguig. — *queusse*, prov. *cueissa*, *coissa*, *cuyssa*, port. *coxa*, it. *coscia*, — do lat. *coxa* (1).» Assim se vê a instabilidade do *o* de *coxa*. Suponho que não é difficuldade de maior o facto de *quisse* ser grave e quício exdrúxulo; outro tanto não se dá com o sentido, entre os quaes parece haver um abismo.

Adiemos por um pouco o assumpto e vejamos no mesmo dictionário espanhol a palavra *quijada*. Aí se apresentam várias etimologias que têm sido propostas, pelo teor seguinte: "1.º Forma de *capsa*, caja (Cabrera, *co duda*); 2.º Vale como cajada, por ser el encaje de las muelas y dientes (Covarrubias): 3.º Quixar ó quixada es como chiliar, de chilos, etc.;" e continua: "Ninguna de las anteriores interpretaciones es aceptable bajo ningún punto de vista. *Derivación*.— Latin *coxa*, hueso del anca, la parte superior del muslo, angulo entrante; y por extension, parte saliente, etc."

Parece-me que o dicionarista só acertou em parte. Se *coxa*, veio a dar para o espanhol, além de *cuja*, etc. a forma *quijada*, não foi por ser a "parte superior del muslo, angulo entraten," uma parte articulante. Que pode haver de comum entre *coxa* e *queixada*? Sem duvida que somente o serem articulações. Ora se *coxa* deu *quijada*,

(1) Litré — "Dictionaire de la Langue Française", v. *cuisse*.

foi porque o facto da articulação impressionou o povo, e, nesse caso, torna-se muito verosimil que tambem *coxa* desse quício, em conformidade com a tendencia que aponteí.

Sendo assim, tinhamos a etimologia da palavra portugueza queixo que tem embarçado seu tanto os lexicógrafos. Não viria de *capsus*, como, pretende Diez (1), nem de *quasso*, eu quebro, mas, na impossibilidade de se separar *quijada* de queixada, tanto pela forma como pelo sentido, procederia mediatamente (pelo espanhol) de *coxa*.

Não sei o que sobre isto dizem os dicionarios de Körting e de Meyer-Lübke. Não os tenho, nem os tem a Biblioteca Municipal do Porto. De Meyer-Lübke li as considerações que faz na sua gramática (2). As "Apostillas aos Dicionarios portuguezes" pouco adiantam (3). A forma popular *dar aos queixos*, no sentido de comer, mostra, com efeito, que o povo notou o movimento de abrir e fechar, do funcionamento das maxilas.

A própria palavra provençal *cais* (4) explicar-se-ia tambem por *queisse* ou *cueissa*, pois que o provençal gosta do som *ai* (5) e muitas

(1) Diez — "Etymologischss Wörterbnch der Romanischen Sprachen, fünfte ausgabe.", v. Casso, pag. 91.

(2) Meyer Lübke — "Grammaire des Langues Romanes", tr. de Rabier, etc. Vol. 1.º, pag. 411.

(3) G. Viana — "Apostillas" 2.º vol. pag. 321 e seg.

(4) Diez, id. pag. 91.

(5) Diez — "Gr. des Langues Romanes", tr. de Brachet e G. Paris, vol. 1.º, 1874, pag. 364.

vezes *ai*, na sua qualidade de som mais cheio, substitue *ei* ⁽¹⁾.

Como quer que seja, parece-me que esta hipótese do quício espanhol (progenitor do português quício ou quisso) ter como étimo *coxa* deve ser cuidadosamente estudada, antes de se apelar para a explicação por palavra onomatopaica.

Ainda outro caso de uma articulação dar um gonzo, se os nossos antigos lexicógrafos se não enganam. Vou falar da palavra couceira, que, além do sentido bem conhecido, parece ter o de gonzo. Não sei, já digo, se haverá confusão. O que é certo é que se lê no dicionário português e latim de Fonseca: "Gonço, ou Gonzo, *couceira*. Cardo, inis, etc. ⁽²⁾."

Da mesma forma se lê no magnum Lexicon: "cardo, inis—A couceira da porta, etc. ⁽³⁾." Se se admite que couceira tivesse tido o sentido de gonzo, conforme as duas primeiras citações, e sabendo-se que couceira vem de couce ou coice, e que este vem de *calx*, calcanhar, facilmente se explicará esse sentido.

Couce também significa calcanhar ⁽⁴⁾. Ora o pé dobra no calcanhar, o calcâneo articula-se com o astrágalo e o cuboide. E eis como ainda

(1) Diez—id., pag. 365.

(2) "Dicionário Português e Latim", de Pedro José da Fonseca, 7.^a ed. 1861, v. gonço.

(3) "Magnum Lexicon, v. cardo.

(4) P. ex. Dr. Cand. de Figueiredo—"Novo Dicionário"—v. coice.

da ideia de articulação se poderia passar a couceira=gonzo. Se o caso de couceira pôde parecer duvidoso, não o é porém o da palavra *coicil* ou *coucil*, prov. trans. que é um gonzo, e que se encontra registado no Novo Dicionario, de C. de Figueiredo. Todas as considerações que fiz a proposito de couceira se applicam, pois, a *coicil*, que tambem parece provir de coice, e bem assim a *coucilho*, mesmo sentido.

Haveria ainda casos interessantes a tratar, como por exemplo, a etimologia de *cardo*; como, porém, não encontrei documentação que me satisfizesse, não falarei numa hipótese que me ocorrerá. Nada direi tambem sobre os sinónimos italianos de gonzo, já porque não são essenciais às nossas teses, já porque algumas reflexões que tencionava fazer, especialmente sobre *ganghero*, pouco se relacionavam com o assunto.

E está terminada a primeira parte deste ensaio, no qual, como disse, pretendia apresentar a V. Ex.^a as razões por que divergia da opinião de V. Ex.^a acerca da origem de gonzo. Contra a opinião do Snr. Menendez Pidal oponho apenas a diferença de sentido, que é consideravel.

* * *

É possível que κόνδυλος não denominasse articulações em geral, como V. Ex.^a diz. No entanto, é de estranhar que alguns dos mais conceituados dicionaristas salientem, na definição de κόνδυλος, o seu character de articulação. Exemplos:

“Κόνδνλος, ου (ό)—Articulation des os, mais surtout articulation des doigts de la main, etc. (1).”

“Κόνδνγος, ου (ό). Articulation; renflement formé par les articulations, etc. (2).”

Tenho consultado, de passagem, algumas edições mais modernas dos citados dicionários, e a definição mantém-se. Mas o mais grave é que o recentíssimo léxico de Boisacq, que já citei no artigo anterior, também diz: “Κόνδνγος, ου—articulation; poing fermé, coup de poing; bourrelet des gencives... (3).”

Admitindo mesmo que se trate de uma “força de expressão,” o que não é muito admissível, pôde-se contudo afirmar que *condylos* não significava somente as articulações dos dedos: Abrindo o velho Scapula, vamos lá encontrar o seguinte “Κόνδνλος dicitur etiam junctura in brachio et humero, etc., Poll. lib. 2 (4).”

Uma prova dum certo valor de que *condylo* não era a modesta articulação dos dedos somente, é a sua fortuna em anatomia.

Ocorre-me uma explicação da origem da palavra, que dou somente a título de curiosidade, sem lhe ligar grande importância. Seria quando

(1) C. Alexandre—“Dictionnaire Grec-Français, 1869, v. Κόνδνλος.”

(2) Chassang—“Nouveau Dictionnaire Grec-Français, 1872, s. v. Κόνδνλος.”

(3) Boisacq—“Dict. Etymologique de la langue grecque”, s. v. κονδνλος.

(4) J. Scapula. “Lexicon Graeco-Latinum, 1665, s. v. κονδνλος.”

muito um caso a examinar. Pensei que o grego *Κονδυλος* poderia ser formado de *Kom* e dum termo derivado da raiz *du*.

Efectivamente, *kom* existe e Lindsay diz a proposito da preposição latina *cum*: "cum—older *com* (a form still retained in composition, e. g. *com-es*, a companion), is I.-Eur. *Kom* (o breve) (1)". Acerca da raiz *du*, fala o prof. Fumagalli, nos seguintes termos: *Dux*—(=duc-s) dalla rad. *du* (2) *andare*, *muoversi* (cfr. *δύνω*, *δύομαι*) quindi *du-k* far *andare*, etc. (3). A essa mesma raiz se refere Max Müller, dando-lhe o sentido de—*mover-se* (4).

Ora eu, como dizia, lembrei-me que *kom* + uma palavra de base *du*, daria um termo que significasse qualquer coisa como *mover-se* juntamente, *mover-se* ligado, que perfeitamente convinha a um nome de articulação. As palavras sânscritas que Boisacq apresenta como da mesma familia, podem ser doutras origens ou já terem sofrido as alterações de sentido que sofreu *condylus*. Para *Kanduka-m-coxim*, o sentido ainda não desconvinha.

(1) Lindsay—A Short Historical latin grammar, pag. 130.

(2) Contudo Bopp deriva *dux* da raiz *duc*. Bopp, "Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes", tr. de Bréal, vol. 1.º, pag. 124.

(3) Carlo Fumagalli—"Le Principali Etimologie della Lingua Latina", Verona, 1889, pag. 59.

(4) Max Müller—"Nouvelles leçons sur la Science du Langage", tr. de Harris et Perrot, 1867, pag. 267.

III (1)

Não é de crer que o termo anatómico divergisse muito da primitiva significação. Nós vemos *condylo*, em anatomia, ligado a sistemas articulantes.

Não é, certamente, por ser uma saliência arredondada que toma tal nome, mas por engrenar com uma cavidade cotiloide, sobre a qual se move. Assim, segundo creio, os gonzos que tomam a forma material dum espigão, são homólogos das saliências osseas que se chamam cône-dilos. Sabemos que, ás vezes, um gonzo se move até sobre um fundo de garrafa, representante, evidentemente, da cavidade cotiloide. Qualquer saliência mais ou menos alongada póde ser um espigão, um *goniphos*, mas nem toda a saliência, mesmo arredondada, póde ser um cône-dilo. Precisa de possuir a virtude articulante, de envolver a noção de movimento, para o ser.

Posto isto, direi, a V. Ex.^a que encontro uma prova de grande valor para a minha hipótese, na convergência do termo anatómico—cône-dilo—com certa acepção de—engonço. Falo da expressão popular *boneco de engonços*, que V. Ex.^a também cita. Se quizessemos traduzir essa expressão em linguagem scientifica, poder-se-hia rigorosamente dizer—um boneco de condylos ou

(1) *Aguia*, N.º 51 (2ª série).

em condylos. Ora o acaso não daria esta identidade. Mas há mais. Já ouvi dizer (e foi até uma das origens da minha hipótese) dum homem a quem saíram os condylos do maxilar das respectivas cavidades glenoides—que tinha os queixos desengonçados. Aqui, desengonçado, equivalia dalgum modo a—desencondylado.

Estes dois factos accusam uma iniludível analogia de sentido entre cõndilo e gonzo = engonço, e conjugados com a *possibilidade*, que V. Ex.^a reconhece, das evoluções fonéticas propostas por mim, adquirem, parece-me, uma importancia muito séria.

Com efeito, V. Ex.^a diz-me que são possíveis as evoluções fonéticas que propus, se bem que pouco vulgares, anormais mesmo. A sua possibilidade, no entanto, já alguma coisa representa. Que poderoso acaso intervem para tornar a minha hipótese tão verosimil sob o ponto de vista da semântica, ao mesmo tempo que possível sob o ponto de vista da fonética?

Para levantar a indeterminação que envolve a etimologia de gonzo, eu aludi ao *d* do francês *gond*. Devo confessar a V. Ex.^a que tinha lido na íntegra o art. de Littré, que tinha visto os exemplos a que V. Ex.^a se refere, que parecem mostrar que esse—*d*— é espúrio. Não me referi, porém, no primeiro artigo a esses factos, pela razão de ver o caso um tanto obscuro, arrastando-me a divagações que queria evitar num conciso artigo de simples exposição. A obscuridade a que me referi é a seguinte:—A primeira forma de *gond* seria *gon*? Os exemplos de Littré

e Godefroy parecem dar uma prova decisiva. E, no entanto, ha uma dúvida a esclarecer, uma duvida fundada, como passo a expôr a V. Ex.^a.

Ha um pequeno livro, p stumo, de Arsène Darmesteter, que tem por titulo "Cours de Grammaire Historique de la langed française". O livro   assim apresentado por James Darmester:

"La Grammaire historique de la langue française, dont la première partie paraît aujourd'hui, par les soins de M. Ernest Muret, est sortie d'un cours professé par mon frère à l' cole normale des filles de S vres, de 1881 à la date de sa mort, novembre 1888". E mais adiante: "Un ancien élève de mon frère, M. Ernest Muret, a bien voulu, sur la demande de Madame Arsène Darmesteter et sur la mienne, accepter la tâche délicate de réviser le manuscrit et de remplir les lacunes que l'auteur avait laissées, sur quelques points réservés, et que la mort ne lui a pas laissé le temps de combler lui-même. Je le prie de recevoir nos remerciements et lui laisse à présent le soin d'exposer la façon dont il a entendu sa tâche (1)". Cito estas passagens com o fim de mostrar a grave responsabilidade que assumiu Ernest Muret, e, por outro lado, a confiana que nele tinha o illustre autor do "Ormazd

(1) Arsène Darmesteter — «Cours de Grammaire Historique de la langue française», Première partie: phonétique, publiée par les soins de M. Ernest Muret — 2.^e  dition revue et corrig e, Paris, Lib. Delagrave, 1895, pag. I e VIII.

et Ahriman». Para excluir a possibilidade de erro tipográfico, vamo-nos servir da segunda edição *revue et corrigée* da referida obra.

Ora vai V. Ex.^a ver o que é absolutamente desconcertante. A pag. 116 desse livro, fazendo-se a historia da pronuncia francesa do V ao X século, aparece a seguinte lista de palavras:

grandem	grant
gloria	glorie, gloire
gomphum	gont, gond
gula	gueule

Como V. Ex.^a notará, dá-se aí a forma *gont* como anterior a *gond*. Não será inadvertência de Ernest Muret, apesar do cuidado e escrupulo que ele no prefácio diz ter tido? Ainda um caso interessante a resolver.

Mas se admitirmos que tal se não deu, que Darmesteter ou Muret se fundam em factos, então o meu modo de vêr receberia um valioso auxilio.

V. Ex.^a parece conceder, contrariamente ao Snr. Dr. Leite de Vasconcelos, que cõndylo pudesse dar *gon*. Assim, essa forma francesa ainda recebia explicação pela minha hipótese. Mas, tratando-se de *gont*, esse *t*, parece-me, indicaria melhor ainda a sua proveniencia do *d* de *condylus* pois que, segundo Brunot, o *d* final (supondo que *condylus* se tornasse em *gond*) em romance, dá *t* e seguidamente *d*, ex.: *nidum* >

nit > nid ⁽¹⁾. Assim se explicaria *gont* e *gond*. Quanto ao desaparecimento do *l* intervocalico, compare-se *datte* < *dactylus*, *ange* < *angelus*, *amande* < *amygdala*, etc.

Faltaria explicar, da serie de formas românicas (eliminando *gofo*, *golfe*, e *golfo*, por provirem de *κόλπος*, e *gozne*, resultado de tendencias metatéticas, como V. Ex.^a diz) a palavra espanhola *gonce*. O *l* intervocalico pôde cair ou vocalizar-se em espanhol? Diez faz vir acebo de *aquifolium* ⁽²⁾. O grupo *di* dá sibilante, ex.: *verecundia* < *vergüenza*. Reconheço, contudo, que a forma de mais difficil explicação é a espanhola, a não ser que se recorra á hipótese de luzitanismo, que as datas citadas por V. Ex.^a do primeiro *gonce* e do primeiro *gonço* que conhece, não tornam impossivel, visto como a diferença dessas datas é muito pequena.

. * .

Terminarei com algumas palavras em defesa das evoluções fonéticas que propus. Dá-se no português o acaso singulurissimo de serem possiveis essas tres modificações que explicam a palavra *gonzo*. Esse acaso, junto ao acaso não menos extraordinario da significação convir com a palavra *condylus*, torna, quanto a mim, muito provável a minha hipótese.

(1) Brunot — *Précis de Grammaire Historique de la Langue Française, 4.^e ed. pag. 110.

(2) Diez — *Gr. des Langue Romanes, vol. 1.^o, pag. 273.

Essas evoluções são raras? Mas de qualquer modo que se explique *gonzo*, havemos de encontrar evoluções muito raras, dadas as dificuldades que todos têm encontrado quando estudam a sua etimologia. Ha caso mais raro do que o previsto na hipótese aliás elegantissima e engenhozissima de Meyer-Lübke, adoptada por V. Ex.^a? Poucos mais casos haverá alem de *lis*, e ainda um caturra poderia argumentar que tal palavra não deu *lice* para o espanhol, nem *lizo* ou *liço* para o português. Mas era, evidentemente, argumento de pouco valor.

O que é certo, porém, é que esse facto é muitissimo raro.

Concordando com V. Ex.^a na raridade das evoluções por mim propostas, farei todavia, algumas considerações mais, em aditamento ao meu primeiro artigo.

A' primeira vista, pode impressionar como o abrandamento do *c* inicial, em *g*, se desse simultaneamente em francês, em português e em espanhol. Mas não se dá tambem esse abrandamento em *golfe*, *golfo*, *gouffre*, etc., que derivam de *κόλπος*? Não se dá tambem o mesmo com a palavra latina *cavea*, que deu em geral para as diferentes linguas romanicas, termos com *g* inicial? ⁽¹⁾

O abrandamento do *c* em *g*, se bem que raro, é comum ás diferentes linguas romanicas,

(1) Meyer Lübke — "Or. des Langues Romances", vol. 1.º, pag. 432.

e é registado, entre outros, por Diez (1) e por Ayer (2), ex. *Conflare gonflere, camella gamelle*, etc. Em italiano, em português e em espanhol, também se dá esse facto (3).

Em português, além dos exemplos dados por mim e dos acrescentados por V. Ex.^a, ainda outros se poderiam citar, como *golfo* de *κόλπος*; *grenha*, de *crinis*; *greta*, de *creta*, *gravata*, do fr. *cravate*, *graveta* por *craveta*, etc. (4)

A transformação de *di*, *de*, *dy* em *ç* ou *z* é também comum ao latim popular e às línguas que dele nasceram (5).

Diez dá vários exemplos, nas várias línguas românicas, como V. Ex.^a muito bem sabe. Mas o ponto principal é que V. Ex.^a diz que não se recorda de que esta evolução se dê quando este grupo está precedido de *n*. Provavelmente V. Ex.^a rejeita o exemplo que apresentei, tirado da gramática do Sr. Dr. Gonçalves Guimarães (6)—*frondea fronça* ou *frança*, ou então passou-lhe despercebido, o que não é de crer. Parece-me, contudo, que essa etimologia é evidente, sobretudo

(1) Diez — Gr. vol. 1.º pag. 217.

(2) Ayer — "Grammaire Comparée de la Langue Française", 1885, pag. 72.

(3) Diez — "Gram. des Langues Romanes", vol. 1.º, pag. 226.

(4) Estes exemplos são tirados do dic. do Dr. Candido de Figueiredo.

(5) Diez — Ob. cit., vol. 1.º, pag. 216

(6) Dr. G. Guimarães — "Gram. Elementar da Lingua Latina", pag. 24.

se a compararmos com o que se dá em valáquio, onde *fronlem* deu *frunze* ⁽¹⁾.

Como quer que seja, ha vários exemplos nas línguas românicas do grupo *dy, de, di*, evolucionar para sibilante, como *verecundia*, o tambem já citado do val. *frunze*, o italiado *penzolo*, etc. Parece-me tambem que V. Ex.^a admitiria que *gondium* desse gonce, gonço ⁽²⁾.

A propósito da queda do *l* intervocálico em palavras nas condições de cõndylo, os próprios exemplos que V. Ex.^a deu (perigo e bago) são concludentes.

Ha uma objecção que, a ser procedente, seria grave, e que me foi feita na primeira das obsequiosissimas cartas do Sr. Dr. Gonçalves Guimarães—o ser *condylus* uma palavra científica, não podendo, portanto, sofrer as evoluções, que imaginei. Científico, porém, é o relativamente moderno termo anatómico. Em grego não o era, e em latim muito menos, pois que Marco Capella lhe atribue a significação de flauta e Festus a de anel! E com risco de parecer subtil, notarei a propósito que seria de esperar que γόνυς ou qualquer derivado seu desse um gonzo, em harmonia com a tendência que apontei. Parece, no entanto, que não deu, mas note-se que um dos significados de γονάτιον (pequeno joelho, outras vezes pequena articulação) é *anel*, que é frequentemente um elemento dum gonzo. Cf. com o significado *anel* de *condylus*.

(1) Diez, Gr. vol. 1.º pag. 217.

(2) D. Carolina Michaëlis, v. supra.

A minha afirmação de que *condylus* tinha significado idêntico ao da mesma palavra em grego, foi feita segundo os dicionários de Freund e de Quicherat.

Terminando, cumpre-me esclarecer e documentar certos pontos dos meus anteriores artigos à-cerca desta palavra *gonzo*.

A-propósito de κόλπος dar *golfes*, etc., no sentido de *gonzo*, disse eu que em português havia a palavra "golfos" também com o sentido de, pelo menos, uma parte de *gonzo*. Depois disso soube ⁽¹⁾ que há uns cinquenta anos o termo para designar *gonzos* de portas, era *golfes*.

Disse também que documentaria *giros* na acepção de *gonzos*. Além do testemunho do negociante de ferragens a que me referi em nota, citarei a última tabela de preços da fábrica de ferragens a "Iminio", de Águeda, que menciona—giros para moveis—e a tabela de preços de 1 de setembro de 1915 de "A Productora", fábrica de ferragens a vapor, rua da Cavada, n.º 497, Porto, que faz igual referência. Estes giros para moveis são, segundo me explicaram, verdadeiros *gonzos* de guarda-vestidos.

Seria, contudo, só pelo sentido de movimento circular (que passou para várias línguas) que κόλπος se converteu em golfe=*gonzo*?

É digno de atenção o facto da palavra ἀγκών, que significa entre outras coisas articulação ⁽²⁾

(1) Informação do Snr. Joaquim de Sousa, com oficina de serralheria em Matozinhos.

(2) Alexandre — "Lexique Grec-Français", 1859 — ἀγκών.

e que tem o diminutivo ἄγκονίςκος, gonzo, também tenha o significado, segundo Menge, de—Bucht (1).

Tudo o que disse a-propósito da bisagra, pela extrema concisão que lhe dei, pôde parecer um tanto confuso. Sendo preciso, darei os necessários esclarecimentos.

E renovando os protestos do meu reconhecimento, subscrevo-me

Com o maior respeito e aduiração

José Teixeira Rego.

NOTA—Muito teria que modificar nesta carta, escrita há tantos anos, quer actualizando a bibliografia, quer precisando melhor certos pontos de vista, quer, mesmo, suprimindo uma ou outra afirmação. Entendi, porém, que não tinha o direito de o fazer.

Limitei-me, pois, a leves correcções ortográficas, e a passar para nota certa informação que por lapso tinha dado no texto.

Acrescentarei somente dois factos de que tive conhecimento muito depois de publicados os meus artigos. Em primeiro lugar, a comparação que Cuvier faz de gonzos com côneilos. Com efeito, a pag. 100 do seu Discours sur la Révolution du Globe, (ed. de 1828) diz

(1) Hermann Menge—*Griechisch—Deutsches Schulwörterbuch, 1903, ἀγκών.

o grande naturalista: "...cette sorte de couronne nécessitant des mouvemens horizontaux pour la trituration, le *condyle* de la mâchoire ne pourra être un *gond* aussi serré que dans les carnassiers...) Noutro passo, chama ao condylo um verdadeiro *gond*.

Em segundo lugar, os acasos de leitura levaram-me ao conhecimento do nome próprio *Gondilo*, que certamente se relaciona com a palavra cõndilo, pois que numa palavra de tão diferenciada arquitectura, mal se pode compreender a convergência de elementos alheios. Lembremo-nos ainda que já se atribuiu a *condylus* a categoria de nome próprio, como ficou dito.

Esta forma é importante por a conversão do *c* inicial em *g*.

Eis a documentação da palavra. Foi no Onomástico Medieval Português do Dr. A. Cortezão que a encontrei. A pag. 150 menciona-se "Gondilo — n. m. 870 L. da D. Mummadona, Torre do Tombo.

ABROLHO (1)

PARECE que se tem admitido sem grandes discrepâncias que a origem desta palavra seja *abre olho*. Tanto os lexicógrafos portugueses como os espanhóis dão esta etimologia sem qualquer signal de hesitação ou dúvida. Apenas, entre os muitos dicionarios que consultamos, na Enciclopédia Espasa, ainda em publicação, se menciona, em segundo lugar, uma outra etimologia, que nos parece também muito pouco sustentável. A parte do artigo que nos interessa, é a seguinte: «Abrojo... Et. Contr. de *abre* e *ojo* ou do grego *abrojos*, seco, arido, composto de *a* priv. e *brejo*, molhar» (2).

Sem insistirmos nesta última hipótese, diremos à-cerca da primeira que a sua própria simplicidade nos faz desconfiar. E por que razão viria *abrolho* de *abre olho*? Por a possibilidade das puas do abrolho furarem olhos? Por desabrochar? Por ser necessário cuidado, abrir os olhos, para se evitar a picadela? Qualquer destas explicações parece-nos, pelo menos, infantil, e vamos propor uma outra etimologia talvez mais verosímil.

(1) Publicado na «Aguia», n.ºs 734 (2.ª série).

(2) «Encyclopedia Universal Ilustrada». Espasa, ed. Barcelona.

O Dr. Candido de Figueiredo define como segue a palavra abrolho: «Abrolho—Planta herbácea, de fruto espinhoso. Espinho dêsse fruto. Fig. Contrariedade. Mortificação: os *abrolhos da vida* (de abrir olho)» (1).

Os espinhos, eis uma das características do abrolho, a ponto do plural da palavra freqüentemente, em sentido figurado, designar—espinhos.

Quanto a nós, o étimo de *abrolho* deveria ser procurado entre palavras que, morfológicamente semelhantes, contivessem, de qualquer modo, a idea de parte saliente, de espinho. Há nas línguas novi-latinas um certo numero de palavras que designam pua, espinho, objecto aguçado, taes como *broca*, *broche*, *brocco*, *brocolo*, etc., que parece terem um étimo comum, o latim *brochus*. O Dr. Candido de Figueiredo, no seu dicionario já citado, faz derivar a palavra *broca*, do lat. *brochus*. Da mesma forma Littré, a proposito da etimologia de *broche*, diz o seguinte: «Broche—Etyim. Wallon, *broke*; picard, *broque*, fourche en fer; provenç et espagn. *broca*, *broche*, pointe; ital. *brocca*; du latin *brochus* ou *broccus*, dent saillante; de là les significations pointe, crochet.» (2).

Posto isto, diremos que, na nossa hipótese, *abrolho* deriva dum deminutivo de *brochus*, **broc-*

(1) Dr. C. de Figueiredo — «Novo Dicionario da Lingua Portuguesa», 1913.

(2) Littré — «Dictionnaire de la Langue Française», 1863.

chulus, (cf. o it. *broccolo*), com um *a* prostético (cf. *abrunho*, do lat. *pruneus* — e não *prunum*) (1).

Sabido é que o grupo consonântico *cl*, postónico, deu geralmente *lh*. Ex. *oc (u) lum* > *olho*; *ovic (u) lam* > *ovelha*; *acuc (u) lam* > *agulha*; *genuc (u) lum* > *geólho, joélho*; *vermic (u) lum* > *vermelho*; *mac (u) lam* > *malha* e muitos mais.

Abroculum (ac) passaria, pois, a ser abrolho, sem a menor dificuldade de ordem fonética, segundo cremos. Assim se explica também o espanhol *abrojo*, visto como *cl* postónico em espanhol dá normalmente *j*; ex.: *apicula* > *abeja*, *graculu* > *grajo*, *lenticula* > *lentija*, *oculu* > *ojo*, etc. (2). E teríamos para o espanhol *atroculum* > *abrojo*.

Darmesteter ou seus colaboradores, dão a *broche* o étimo * *brocca*, do latim popular, «dont l'accord de toutes les langues romanes permet de supposer l'existence». No entanto mandam consultar a palavra *broc*, que dizem provir do lat. pop. *broccuum* «mot qui désigne un homme dont les dents font saillie et qui a été appliqué, par analogie, à un vase à bec» (3).

No recente dicionário etimológico de Clédat, confirma-se a opinião dos autores do *Dictionnaire Général*. «*Broche* é o latim popular *brocca*, forma feminina de *broccum*, donde viria *broc*.

(1) A. Cortezão — «Subsidios para um Dicionario completo da Lingua Portuguesa». V. *Abrunho*.

(2) Fr. Diez — «Grammaire des Langues Romanes», tr. de Brachet et G. Paris, 1874, tomo 1.º, pag. 196.

(3) Hatzefeld, Darmesteter et Thomas — «Dictionnaire Général de la Langue Française» V. *Broc*. e *Broche*.

Derivados: *brochet, brochette, brocher, brocheur, brochure, brochage*, etc. (1). E mais nos diz a propósito de *broc*: «o latim possui *broccum*, o que tem os dentes salientes, donde viria por comparação *broc* vaso de bico. V. *broche*. A palavra também foi explicada pelo grego *brochio* (2).

Diez (3) apresenta também varias hipóteses de diferentes filólogos acerca da origem de *brocco*.

Como quer que seja, a nossa hipótese dum diminutivo de *brochus*, dar *abrolho* em nada ficava prejudicada. O étimo de *broccus* é obscuro. Tem-se já proposto vários: o grego Βρόκω (Fich, Prellwiz); o velho irlandês *broc* o bretão *broch*, etc. (4).

(1) L. Clédat—Dict. Étymologique de la langue française, s. v. Broche.

(2) id. s. v. broc.

(3) Fr. Diez—«Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen», 5.^a ed., 1885, pag 68.

(4) Wald—Lateinisches Etymologisches Wörterbuch, 1910, s. v. Broccus.

UMA TENTATIVA DE INVESTIGAÇÃO ETIMOLÓGICA DO VERBO «HAVER»

O verbo *haver* tem o seu quê de misterioso. Em primeiro lugar, notemos que tão bem se disfarça quando se aligutina a outro verbo, que é quasi preciso génio para o descobrir. Lembremo-nos do que succedeu com a descoberta feita pelo humanista hespanhol António de Nebrissa, da formação do futuro românico (nas linguas em que é formado com o verbo *haver*) e das dificuldades que houve na adopção das suas ideas (1). Pois ainda não há muito, havia recalcitrantes, por exemplo, o célebre autor da «Fascinação de Gulfi», o professor Bergmann, que sustentava não serem os futuros nem os condicionais formados com o verbo *haver*, mas que provinham do pretérito perfeito latino (2).

Outro exemplo. Tem o perfeito de *andar*, em espanhol (*anduvo*) o verbo *haver* aglutinado? Parece que tem; no entanto, há opiniões em contrário (3).

(1) Adolfo Coelho. Teoria da Conjugação em latim e português, pag. 116.

(2) Bergmann — Cours de Linguistique, Paris, 1876, pag. 222.

(3) P. ex. Commerlan y Gomez — Grammatica Comparada de las lenguas Castellana y Latina, Madrid, 1889, pag. 153.

Mas, em segundo lugar, tem outra singularidade bem curiosa. O verbo *habere* latino, étimo dos vários verbos *haver* românicos (avoir, etc.) não tem etimologia conhecida. Parece que em sânscrito, em zend, em armênio, etc., se deveria encontrar um verbo correspondente na forma e no sentido, e tal não se dá. Mas ao menos, pensar-se há, o parentesco do latim *habere* com os germânicos *haben*, *haban*, etc., é evidente. Pois não é. Os filólogos só depois de muitas hesitações, e nem todos, admitem esse parentesco. Skeat ⁽¹⁾, põem em dúvida, Bréal diz: “é questão discutida se *habeo* é da mesma origem que o germânico *haban*; ainda que haja algumas dificuldades na correspondência das consoantes, o parentesco não nos parece duvidoso,” ⁽²⁾. Wright ⁽³⁾ admite, e também Hirt ⁽⁴⁾, aludindo no entanto às dificuldades.

Questão obscura, portanto. No domínio germânico ainda aparecem verbos significando *haver* que talvez se possam relacionar com os de tipo *haben*—os verbos *eigan*, *agan*, etc., e talvez também o verbo grego ἔχω, *haver*, se possa ligar ainda à mesma família. É o que vamos ver.

(1) Skeat—A Concise Etymological Dictionary of English language, Oxford 1911 s. v. *have*.

(2) Bréal—Dict. Etym. lat. s. v. *habeo*.

(3) J. Wright—Historical German Grammar, 1907, 1.º vol. pag. 262.

(4) Hirt—Indogermanische Grammatik, vol. 1.º, 1927, pag. 335.

* * *

Os verbos principais que temos de reunir (abstraindo do velho islandês, etc.) pôdem distribuir-se por duas séries, uma contendo labial, outra gutural, conforme os quadros seguintes:

1. ^a série	latim <i>habere</i>	gótico <i>haben</i>	velho alto alemão <i>haban</i>	velho inglês <i>habban</i>
--------------------------	------------------------	------------------------	-----------------------------------	-------------------------------

2. ^a série	latim <i>ēχειν</i>	gótico <i>aigan</i>	velho alto alemão <i>eigan</i>	velho inglês <i>agan</i>
--------------------------	-----------------------	------------------------	-----------------------------------	-----------------------------

Todos estes verbos têm o sentido de haver, possuir, e todos eles, com mais ou menos intensidade, têm servido de verbos auxiliares. E' o que vamos mostrar. Para os germânicos, apontemos, por exemplo, os do alto alemão, dos quais diz Bopp: «alem do auxiliar que se tornou no alemão moderno *haben*, serviram-se também do verbo *eigan* para os perfeitos perifrásticos.» (1).

(1) Bopp — Grammaire Comparée des Langues Indo — Européennes, tr. Bréal, 3.^o, pag. 220.

Em latim, o verbo *habere* é que devia, como auxiliar, tomar maior extensão. Já em época antiga lhe aparece essa função (1).

Mas também em grego nos aparece o verbo ἔχειν, *haver*, como auxiliar. "A língua dos trágicos construe o particípio aoristo com o verbo ἔχειν. Assim em Antígona, v. 793: σύ καί τότε νεῖκος... ἔχεις ταράξας "tu é que excitas (tens excitado) esta questão", ou no Rei Édipo, v. 577: ἀδελφὴν τὴν ἐμὴν ἔχεις; "esposaste (tens tu esposado) a minha irmã?". Já há exemplos desta construção em Hesíodo (op. 42) e também aparece em prosa (Heródoto, 1,27; Thuc. 1,68. (2)).

Eis um caso bem estranho. Estes verbos, que não teriam uma origem comum, viriam a tomar, independentemente, a função de auxiliares. Seria só pela circunstância especial de significarem *haver*, sendo então a função inerente ao sentido?

Não será mais lógico supor-se, para explicar essa singularidade, que os verbos tinham uma origem comum e que, tomando as funções de auxiliares, apenas desenvolviam virtualidades nela contidas? Se fosse possível encontrar a origem destes verbos, desapareceria a dúvida. Tentemos essa pesquisa.

(1) Meillet et Vendryes—Traité de Grammaire Comparée des langues Classiques, 1924, por 281.

(2) Meillet et Vendryes, id. pag. 213.



Parece haver identidade de funções nos verbos *ser* e *haver*. Fóra do domínio indo-europeu, o verbo *haver* traduz-se por *ser*, em grande número de línguas quando falta o verbo *haver*, mesmo nas mais antigas. Em assírio traduz-se *i su u* por *é* e *tem* (*ist und hat*)⁽¹⁾; Em hebraico o verbo *haver* não existe. É substituído pelo dativo precedido do verbo *hajah*⁽²⁾ *ser*, etc. e da mesma forma em árabe, o verbo *haver* é substituído por *ser* com dativo. P. ex. Eu tenho duas casas—*Andi zandj diar*⁽³⁾. Até em línguas de povos selvagens se encontra este estado.

Passando ao domínio indo-europeu, vamos encontrar o verbo *ser* substituído a *haver* e reciprocamente. O latim pôde exprimir a idéa de posse com o verbo *ser*. *Est mihi* traduz-se por eu tenho, eu possuo.

Por sua vez o verbo *haber* traduz-se em certos casos por *ser*⁽⁴⁾.

O verbo ἔχω, "eu tenho," acompanhado dum advérbio, corresponde ao verbo *ser*⁽⁵⁾, e o verbo εἰμί, eu sou, com dativo, é vertido por *haver*.

(1) Rosenberg — Assyrische Sprachlehre und Keilschriftkund (A Hartleben's Verlag), pag. 163.

(2) Shilling — Nouvelle Méthode pour apprendre facilement la langue hébraïque, 1895, pag. 158.

(3) Cherbonneau — Dict. Fr. Arabe, 1872 s. v. avoir.

(4) Collar — The Gate to Cæsar, 1898, pag. 102.

(5) Sommer — Cours Complet de Grammaire Grécque, pag. 332.

A propósito do francês, diz Villemain: "uma singularidade que parece moderna ainda, é o emprego impessoal do verbo *haver* pelo verbo *ser*. Encontram-se também vestígios disso na velha língua latina (1).

Também, ainda em francês, os auxiliares *avoir*, e *être* são, em certos casos, dum uso subtilíssimo, havendo dificuldade em se saber qual deles empregar, e o mesmo se dá em alemão com os verbos *haben* e *sein*.

Em sânscrito, o verbo *bhu* "ser" tem, além de "ser", "existir", "produzir", "pertencer", "nascer" a significação de "obter", bem vizinha de "ter", "haver" (2).

Pelos factos expostos se vê, pois, a identidade dos verbos significando "haver" e "ser". Se admitissemos que na língua comum, o primitivo indo-europeu, se dava o mesmo, ou ainda que o verbo significando *ser* significasse também *haver*, teríamos encontrado no verbo *ser* a etimologia de *habere*, *haben*, etc.

Verbos com a significação de *ser*, em indo-europeu sabe-se que teríamos sido *es e *bheuwa. Este último, em sânscrito e zend, apresentava formas que, à primeira vista, têm semelhança com formas dos verbos *habeo*, *haben*, etc.

(1) Villemain — Cours de Littérature Française, 4.^a ed. 1820, pag. 596.

(2) Burnouf — Dict. Classique Sanscrit — Français, s. v. *bhu*.

Vejamos o presente (omitimos o dual):

SÂNSCRITO	ZEND
Singular	
bhavâmi	bavâmi
bhâvasi	bavahi
bhâvati	bavaiti
Plural	
bhavâmas	bavâmahî
bhâvata	bavata
bhâvanti	bavainti

Imaginemos por um momento, o que não é legítimo, as formas sânscritas sem *b*. Teríamos:

havâmi
hâvasi
havati etc.

formas semelhantes, evidentemente, às de *habeo*, etc.

Foram estas semelhanças e as considerações que precedem, que nos levaram à nossa hipótese. Tivemos, porém, de a modificar, em virtude das dificuldades de fazer tornar o *bh* em *h*.

Essa transformação de *bh* em *h* não era impossível. "Algumas vezes, diz Bopp, o *h* é um

destroço duma letra aspirada, e exemplificava com *mi-hi* que se pôde comparar à forma *bhyam* (1).

Também Schleicher aceitava esta transformação, embora a julgasse muito rara, juntando, contudo, aos exemplos dados por Bopp, o da palavra *horda*, que supunha provir de *bhar* (2).

A raridade do fenómeno obrigou-nos, sem abandonar a raiz *bhu*, a uma outra ordem de considerações, eucarando mais de perto o problema.

Dá-se um caso nas línguas modernas dos grupos românico, germânico e eslavo que nos pôde fornecer uma pista para a investigação que tentamos. É que o verbo *ser* em línguas desses grupos, com uma partícula designando lugar, toma o sentido de "haver". Exemplos. Em russo, na maior parte dos casos, traduz-se "haver" pelo verbo "ser" e o genitivo do possuidor, precedido da preposição *y* (3). Ora *y* é uma partícula de lugar, que os franceses traduzem por *chez* (4).

No inglês é bem conhecido o facto de que o verbo *to be* com a partícula de lugar *there*, se torna em "haver"; e idênticamente, em anglo-saxão há construção análoga com a partícula de lugar *her* (5).

(1) Bopp—Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes, tr. Bréal, I, pag. 66.

(2) Schleicher—Compendium der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen, Weimar, 1866, pag. 250.

(3) Fuchs—Nicolas—Nouvelle Gr. Russe, 4.^a ed. 1905, pag. 50.

(4) Fuchs—Nicolas—id. pag. 351.

(5) Sweet—An Anglo-Saxon Primer, Oxford, 1905, pag. 79 e 95.

Em alemão, para se traduzir o verbo impessoal "haver," se tem como complemento um nome de lugar, é preciso empregar-se o verbo *sein* seguido de nominativo. Ex.: Há muitos pássaros nesta gaiola, *es sind viele Vögel in diesem Käsig*. A circunstancia do nome do lugar tornou "ser," em "haver."

Em italiano, com as partículas de lugar *ci* e *vi* o verbo "ser," significa "haver." Ex.: *ci sono, vi sono*, há.

Estas construções em dominios diferentes postulam tendências antigas, autorizando a pesquisa em indo-europeu de factos análogos.

O problema põe-se, pois, de novo, com esta forma: Em línguas de grupos diferentes do indo-europeu, uma partícula de lugar acrescentada ao verbo "ser," transforma-o no verbo "haver." O serem os grupos independentes, indica que essas construções vieram da origem.

Trata-se, pois, de procurar no primitivo indo-europeu uma partícula de lugar que aglutinada ao verbo "ser," dê a base original das formas em labial *habere, haben, habban*, e as formas em gutural *eigan, agan*, etc.

Ainda mais: será a mesma partícula que se aglutina para as séries em labial e em gutural, ou serão diferentes para cada série?

Tentámos fazer da aglutinação duma só partícula com "ser," a base de todas as formas a estudar, encontrando, se não impossibilidades, algumas evoluções fortemente improváveis, que aqui não discutimos por nos parecer inútil. Assim, seguimos outro caminho: uma partícula agluti-

nada a "ser" para as formas em labial, e outra também aglutinada a "ser" para as formas em gutural.

* * *

O ilustre professor da Universidade de Oxford, Skeat, referindo-se à possibilidade de ligar *habere* a *haben*, etc., diz que, se proveem da mesma origem, a palavra indo-europêa progenitora seria **Khabh* (1). A mesma opinião se encontra na Gramática Gótica de Friedmann (2), e também foi sustentada por Kluge (3), etc.

A surda aspirada *kh* não é muito freqüente em indo-europeu, mas existiu seguramente (4) e deu *h* tanto para latim como para germânico (5).

Ficam, pois, explicados os *hh* iniciais de *habeo* e *haben*. O *a* nos dois verbos pôde provir dum *a* indo-europeu ou dum *schwa* (6). Resta-nos o *b* no verbo latino e no germânico, que parece estar em oposição com a lei de Grimm, e que com esta etimologia não está,

(1) Skeat — A Concise etymological Dictionary of english Language, Oxford, 1910, s. v. *have*.

(2) Friedmann — Língua Gótica, Milano, 1896, pg. 194.

(3) Kluge — Urgermanisch, Strassburg, 1913, p. 10.

(4) Hirt — Etymologie der Neuhochdeutsch Sprache, 1921, pag. 18.

(5) W. Wilmans — Deutsche Grammatik Gotisch, Alt-Mittel-und Neuhochdeutsch, 1911, 1.º vol. pag. 77.

(6) V. por ex. — Schrijnen-Einführung in das Studium der Indogermanischen Sprachwissenschaft, Heßdelberg, 1912, pag. 244.

visto como a sonora aspirada *bh*, tanto em latim (quando interior) como em germânico, dá *b* (1).

A etimologia **Khabh* é, portanto, perfeita. Mas o que é *Khabh*?

Apenas uma palavra forjada para a necessidade de dar uma origem comum ao verbo *habeo* e aos vários *haben*. Dissemos acima que o *a* destes verbos podia provir também dum *shwa* (ə) e nesse caso em vez de **Khabh* o étimo seria **Khbəh*.

Posto isto procuremos dar uma realidade a essa palavra factícia.

Tentemos vêr se uma partícula de lugar, aglutinada ao verbo "ser" em indo-europeu, nos pôde dar essa forma **Khabh*.

O latim *hic* provém do indo-europeu **gho*, **ghe*, segundo Brugmann (2), Walde (3), Hirt (4), etc., com a adição de **ke*, mas também se tem apresentado como seu étimo, a forma **kho* (5). Esta ultima forma, combinada com **bhewə* daría, quanto a nós, a base em questão.

Com efeito, uma forma feminina de **kho*, daría o termo feminino latino **ha*, a que se re-

(1) P: ex. — Carnoy-Grammaire Élémentaire de la Langue Sanscrite, Louvain, 1925, pag. 4.

(2) K. Brugmann — Abrégé de Gr. Comparée des Langues Indo-Européennes, tr. fr. 1905, pag. 657.

(3) Walde — Lateinisches Etymologisches Wörterbuch, 1910, s. v. *hic*.

(4) Hirt — Indogermanische Grammatik, III, 1927 pag. 12.

(5) Walde — ob. cit. s. v. *hic*.

fere Ernout ⁽¹⁾, e a partícula do velho-indico **ha* registada por Sommer ⁽²⁾.

Há, pois, formas com *a* que nos explicariam o *a* de *habere* e de *haben*. Ainda, como se crê que há uma base de alternâncias *a*, *o* breves também se poderia por esta via explicar os referidos *aa*. Mas, ainda outra hipótese, também nos poderia explicar o *a* no dominio latino e germânico, admitindo **Khobh-* em vez de **Khabh-* e neste caso o *shwa* proviria da alternância *a: e: shwa* (sendo o *a* e o *e* longos), base pesada. Sabemos que uma vogal final (neste caso o *o* de *Kho*) diante da consoante simples, flutuava entre a quantidade breve e a longa e da mesma fórma as finais longas dos primeiros tempos dos compostos ⁽³⁾. E assim poderíamos ter fórmas em *o*, *e*, *shwa*, dando esta última fórmas em *a* nas diferentes línguas indo-europêas, como já vimos.

Registemos mais que assim como **gho* ou **kho* deram formas em *i* e em *a* (*hic*, *hac*) também se encontra no dominio itálico o verbo *haver* com *i* e *a* — em latim *habeo* e em osco *hipid*, *pruhipid*, *pruhipust*) ⁽⁴⁾.

Temos assim mostrado que as formas **Kha*

(1) Ernout — Morphologie Historique du Latin, 1914, pag. 124.

(2) Sommer — Handbuch der Lateinischen Laut- und Formenlehre, pag. 422. (Sommer também se refere à partícula *gha* do velho indico).

(3) Brugmann, id pag. 151.

(4) Hirt — Der Indogermanische Vokalismus. 1921, pag. 44.

+ bh— ou *Khə + bh— dariam o étimo comum das formas latinas e germânicas do verbo haver.

A aglutinação a “ser” de prevérbio é, de resto, freqüentíssima. Além dos exemplos que a todos ocorrem, citemos esses factos linguísticos nas línguas eslavas ⁽¹⁾ e célticas ⁽²⁾, por exemplo.

As séries em gutural pódem ser explicadas por outro prevérbio. Um se nos afigura nas condições semânticas e fonéticas de, unido a *bhewa- dar uma forma capaz de ser o étimo dêsses verbos.

Queremo-nos referir ao prevérbio *e, *o, significando “perto”, “tendencia para”, que só se encontra como preposição viva no indo-iraniano, sob a forma de *a* longo ⁽³⁾.

Em grego essa preposição aparece-nos algumas vezes sob a forma de ε, p. ex. em ἐθέλω ⁽⁴⁾.

Na língua dos Vedas, êsse *a* (já vimos que em indo-iraniano *e*, *o*, toma a forma de *a*) liga-se freqüentemente a verbos, tomando o sentido de “near”, “towards” ⁽⁵⁾.

Também no velho persa “onde a soldadura do prevérbio e do verbo é completa ⁽⁶⁾”, lá aparece

⁽¹⁾ Berneker—Slavisches Etymologisches Wörterbuch, 1.º vol. 1913, pag. 113, 114, 216.

⁽²⁾ Pedersen—Vergleichende Grammatik der Keltischen Sprachen, 2.º vol. 1913, pag. 441.

⁽³⁾ K. Brugmann, ob. cit. pag. 491.

⁽⁴⁾ K. Brugmann, id. ibid.

⁽⁵⁾ A. A. Macdonell—Vedic Grammar, Strassburg, 1910 pag. 419.

⁽⁶⁾ A. Meillet—Grammaire du Vieux Perse, 1915, pag. 131.

entre os poucos preverbios conhecidos, com a significação do francês "vers".

Temos, pois, um antiquíssimo prevérbio, envolvendo a idéa de lugar e que ligado a "bhewā— (a sua junção a *bhewā é tão freqüente em indo-iraniano, que muitas vezes o prévérbio aparece só, ficando o verbo subentendido) daria na língua comum *obhewā ou ebhewā, e qualquer destas formas daria ainda, quanto a nós, o étimo dos verbos em gutural que vimos estudando.

A permuta de labiais com guturais é matéria já muito conhecida e discutida e tem servido até para sôbre ela se architectarem teorias filosóficas acerca da origem da linguagem. André Lefèvre, p. ex. no seu belo livro (se bem que atrasado) *Les Races et les Langues*, assim se refere a essa permuta: "Vê-se bem, em rigor, que houve luta entre a tendência gutural e a emissão labial... essa conclusão será mais necessaria ainda se aproximarmos as palavras *boi, bos, bous, gaus, kuh, cow*, etc. (1).

Além das séries de gutural com apêndice labial, cuja sorte é bem conhecida, mesmo em outras se dá a luta com a tendência para a labialização, e também labiais manifestam a tendência para se guturalizarem. O próprio verbo "haver", que estudamos, nos vai dar, nas línguas românicas, essa alternância de labiais e guturais que nos parece ter-se dado nos verbos do tipo *haban* e do tipo *agan*.

(1) André Lefèvre—*Les Races et les Langues*, Paris, 1893, pag. 10.

Já em português nos apareciam formas do conjuntivo como *haja*, etc. (que segundo Meyer-Lübke, parecem derivar-se antes de *haya* do que de *habeo* ⁽¹⁾) e no velho galego, na "Estoria troyãa", ocorre p. ex., *ajo* no presente do indicativo ⁽²⁾.

No provençal, porém, essa alternância é mais evidente. O verbo *aver* tem aí formas curiosas, como p. ex. perfeito *aic*, *agui* (*aigui*) *aguert*, etc.; o condicional *agra*, *agras*, etc.; o particípio *agut* (*avut*). A perífrase forma-se com o mesmo verbo como *ai agut*, *avia agut* ⁽³⁾. No francês antigo vemos também por ex. *augrent* ⁽⁴⁾, mas no italiano e seus dialectos são numerosíssimas as formas em gutural. *Aggio* ainda conhecido pelos mais antigos escritores, diz Meyer-Lücke, cedeu o lugar à forma *ho*, tirada de *hai*, *ha*, e imitada de *sto*, *stai*, *sta*; os factos são mais complicados nos dialectos. Em primeiro lugar conservou-se em Tarento *aggu*, na Córsega *accu*, *akkyu* em Ajaccio, *agyu* etc., e remata o eminente romanista que não se pôde dizer com certêsa se estas formas proveem de *habeo* se de *haya* ⁽⁵⁾. No entanto parece-nos que o grande Mesire se inclina para a última hipótese em virtude da sua opinião

(1) Meyer—Lübke—Gr. des Langues Romanes, tr. fr. 2.º vol. pag. 305.

(2) J. Cornu — Grammatik der Portugiesischen Sprache—1906, pag. 1025.

(3) Diez — Gr. des Langues Romanes, tr. fr. 1884, vol. II, pag. 184. V. Raynouard—Lexique Roman, 1844, vol. I, pag. LX-LXI.

(4) Diez, ob. cit. 2.º vol. pag. 220.

(5) Meyer—Lübke, ob. cit., II, pag. 302.

já exposta à-cerca do português (e do espanhol). E sendo assim, devemos convir que o *y* de *hoyo* era fortemente guturalizado.

Diz Bourciez: "No Sul da Gália e desde o período romano, uma evolução do *w* em *gw* se produziu no interior das palavras, principalmente nos perfeitos latinos *habui* que passou para **abgwi*... (1)

Estaria assim explicada a gutural que aparece em várias formas de *aver*? A exemplificação com formas de *debeo*, não lhe reforça, evidentemente, a hipótese, pois que em *debeo* entra o verbo *habere* (de *hibeo* < de *habeo*) sendo, portanto, a mesma palavra.

Mas como explicar as formas sem *u* já citadas e as com *u* acentuado? Formações analógicas? Preferimos a evolução do *b* em gutural, regeitando essa forma meramente hipotética de **abgwi*.

Como quer que seja, o facto é que subsistem fórmulas como *avens* e *agut*. O resto são hipóteses mais ou menos falíveis. Notemos ainda que algumas vezes se insinua um *i* desenvolvido certamente pela gutural, como em *aigui*.

Posto isto, cingindo-nos aos factos, examinemos o aglutinado **abh* — que tínhamos achado. Para a explicação do *a* veja-se o que dissemos a-propósito do *a* de *haber* etc. Se em **abh* — a labial passa para gutural, temos **ag*, que por sua vez daria os verbos germânicos que nós pretendemos estudar *agan*, *aigan* (a intercalação

(1) Bourciez — Elements de Linguistique Romane, 2.^a ed. 1923, pag. 160 e pag. 326.

do *i* como em provençal, devido provavelmente à acção do *g*) *eigan*, e ainda o islandês *eiga*, etc.

Nesta ordem de ideias, não surpreenderá que pretendamos incluir o verbo ἔχω na série gutural de verbos significando "haver". Conhecemos as dificuldades duma semelhante tese, assim como conhecemos o que se pensa da etimologia deste verbo, formando, dalgum modo, opinião assente. Não queremos, contudo, afirmar que todas as formas do verbo provenham do mesmo termo. Já Bopp fazia derivar ἔχω da raiz *Vah* transportar, e as dificuldades de formas como σχήσω resolvia-as invocando para elas a intervenção doutra raiz *σχε* de *sah*.

No entanto concedia que, desde que se considerasse ἔχω e σχήσω como da mesma raiz, se admitisse que ἔχω está por σέχω, tendo perdido o *σ* inicial.

Victor Henry ainda seguia a opinião de Bopp de que ἔχω provinha de **Fεχω* (transportar) ⁽¹⁾, e também a última edição do Dicionário Grego de Bailly ainda conserva esta etimologia ⁽²⁾.

Porém não é êsse o parecer dos filólogos modernos. Boisacq, p. ex. faz proceder êsse verbo de *segh* ⁽³⁾ e Meillet afirma que ἔχω nenhuma relação tem com *veho* ⁽⁴⁾, portanto com *Fεχω*.

(1) Victor Henry — Précis de Gr. Comp. du Grec et du Latin, Paris, 1888, pag. 66.

(2) Bailly—Dict. Grec Français, 1920, s. v. ἔχω.

(3) Boisacq—Dict. Étymologique de la Langue Grecque, s. v. ἔχω.

(4) Meillet — Int. à l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes, 1914, pag. 217.

Mas Bopp admitia como já dissemos a possibilidade de duas raízes, e uma opinião de Bopp é sempre de peso, e tanto mais, neste caso, quanto ele considerou também a possibilidade duma só raiz dar as formas todas.

Mas a nossa hipótese difere da de Bopp, porque, embora admitindo duas raízes para as formas de ἔχω, a primeira que supomos não é *vah*, mas sim *abh, tendo-se dado a conversão da labial em gutural, como em *agan*, etc. A raiz *bhu* sem prevérbio, deu, como se sabe, o verbo grego φύω. Com prevérbio teria dado uma forma em gutural, idêntica, por ex., à que se deu nas palavras ἔχισ ὄφισ, ⁽¹⁾ que são, já o dizia Lefèvre, duplos da mesma raiz ⁽²⁾.

Ainda um caso interessante a estudar, e que aqui deixamos como simples interrogação: A gutural dos perfeitos gregos não seria um resto duma antiga aglutinação do verbo ἔχω?

A nossa hipótese de fazer derivar os diversos verbos "haver," tanto em labial como em gutural de *bhewə com um prevérbio, ainda poderia responder à pergunta de Hirt; pode-se comparar o verbo gótico *aigans* com o velho índico *isanas*? ⁽³⁾

Parece que póde. O velho sânscrito, língua de *satan* respondia á gutural com um *s*, e ao *a* das outras línguas, com um *i*, em certos casos.

(1) Menge—Griesch—Deutsches Schulwörterbuch, 1903, s. v. ἔχισ.

(2) A. Lefèvre, ob. cit. pag. 278.

(3) Hirt—Dopellung Zusammensetzung Verbum, 1928, pag. 320.

O étimo *aik* que Hirt propõe para êstes verbos, no caso de relacionados, proviria do nosso *abh* com o *bh* convertido em gutural e tendo desenvolvido um *i*, como já dissemos,

Agora um esclarecimento: por que razão houve conversão de *bh* em gutural nas séries em que entra o prevérbio *o/e*, e não se deu isso nas séries de **kho* **khe*? A própria aspirada inicial impediria essa conversão nesta última série. Quando o *h* (proveniente de *gh*) se obliterou completamente, como, p. ex. no provençal, já se tornou possível a conversão, consoante os exemplos que demos de *abui*, *agui*, etc.

OS ALFABETOS DE ALVÃO E GLOZEL (1)

A BATALHA travada à volta dos estupendos achados de Glozel está longe de ter atingido o seu têrmo. Tem fazes — avanços e recuos. Uma vez, um sábio de grande renome vem enfileirar-se ao lado do heróico dr. Morlet, dando-lhe o seu apoio; outras, um sábio também de fama mundial vem aumentar a coorte dos adversários de Glozel; e o debate prosegue nem sempre com aquela calma, aquela dignidade e, diremos mesmo, aquela lógica que deveriam presidir a controvérsias desta ordem.

O leitor português está suficientemente informado das principais alternativas desta luta, por magníficos artigos publicados em revistas e jornais por vários cientistas portugueses. Não vamos, pois, historiar as suas peripécias; apenas queremos insistir em alguns pontos que não tem sido, afigura-se-nos, suficientemente esclarecidos.

* * *

O caso de Glozel liga-se com o de Alvão. Ora eu nunca duvidei das descobertas dos Padres Brenha e Rodrigues. Rocha Peixoto, o indefesso

(1) Publicado nos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etmologia», vol. III, fasc. III.

redactor da «Portugalia» e meu dedicado amigo, assegurava-me a probidade dêsses ilustrados sacerdotes. De resto, que prodigiosa técnica não seria necessário possuir para imitar objectos de tão remota antiguidade, a ponto de iludir homens do valor de Ribeiro Fortes, Rocha Peixoto, Ricardo Severo e tantos outros!

Freqüentes vezes, em lições professadas na Faculdade de Letras do Pôrto, falando da origem do alfabeto, afirmei que era necessário contar com o testemunho de Alvão, e o desdem manifestado em congressos por sábios ilustres, a propósito desta estação portuguesa, attribuia-o eu a um simples caso de ignorância do assunto.

Pensando assim, os achados de Glozel não representaram para mim uma surpêsa. As primeiras notícias que deles tive, encontraram em mim uma expectativa benévola, que se transformou em certeza depois de ler os depoimentos de Leite de Vasconcelos, Reinach, Van Gennepe, Loth, etc. Surgiu a polémica. Li tudo ou quasi tudo que se publicou pró e contra, e tenho a convicção de que os negadores, com Jullian à frente, virão a ficar na situação daquele académico francês que, ouvindo pela primeira vez um fonógrafo, negara a realidade do invento de Edison, alegando tratar-se dum caso de ventriloquia! (1)

(1) Este artigo é de 1927. Depois dos factos ocorridos, crêmos hoje que nem todos os detractores de Glozel ficarão na situação simplesmente risivel do académico senil do fonógrafo: para alguns, o nosso prognóstico é muito mais sombrio.

Já vão ficando para o domínio das coisas tristes que fazem rir aquela tôrva caverna de feiticeiro, a deliciosa tradução dos caracteres de Glozel, etc. Voltaram agora ao tema da fraude... O bom senso irá dominando, e creio bem que um dia chegará em que estarão dissipadas tôdas as dúvidas.

Ultimamente os partidários da autenticidade de Glozel adquiriram um importante elemento. Trata-se do meu querido colega e ilustre sábio dr. Mendes Corrêa que, depois de atento exame no próprio local, se declarou convencido da impossibilidade da fraude e da alta antiguidade dêsses achados.

O dr. Mendes Corrêa, porém, supõe que a nossa estação de Alvão é muito mais recente do que a de Glozel. Julga-a contemporânea ou quasi contemporânea das inscrições ibéricas. Direi mais adiante por que motivo o não acompanho nesta sua opinião.

* * *

Não nos deve causar estranheza que na época neolítica apareçam caracteres alfabetiformes. Segundo a cronologia de Osborn, que Capitan adopta, o neolítico antigo, na Europa, começaria por 10000 anos a. C.; o pleno neolítico, na Europa, por 7000; o neolítico recente e o cobre, na Europa, por 3000 a 2000. Ora Flinders Petrie, o eminente egíptólogo, num artigo publicado na «Scientia», informa-nos do seguinte:

«Há 40 anos, pouco mais ou menos, notaram-se diversos sinais no reverso de telhas provenientes do palácio de Ramsés III, em Tell Yehudiyeli, datando de cerca de 1200 anos a. C. Compreendiam as letras A, E, I, O, C, X, T, Λ, M, não sob as formas cursivas fenícias, mas como letras capitais, como os alfabetos grego e romano. Nenhuma das teorias do alfabeto derivado das origens hieráticas ou cretenses, tentou explicar êste problema.

«Depois disto, continua Petrie, há cerca de 30 anos, eu encontrei várias letras análogas, gravadas em peças de cerâmica, datando de 1400 ou 1200 anos a. C. Conhecem-se, ao todo, mais de 30 letras ou sinais dêste período. Depois encontrei muitas na cerâmica primitiva da XII dinastia, 3300 anos a. C. E emfim, *muitas apareceram da 1.ª dinastia, de 5500 anos antes de Cristo e do longo período pré-histórico precedente*» (1).

A importância destas afirmações não terá passado despercebida ao leitor. Era já certo antes das descobertas de Glozel, que aí por 5500 anos a. C., existiam sinais alfabetiformes. Di-lo uma das maiores autoridades na matéria, Flinders Petrie. É certo que o ilustre egiptólogo exprime dúvidas sobre o seu uso primitivo, pois que diz: «estes sinais foram indubitavelmente empregados como escrita nos fins do período que vai de

(1) «Scientia», I-XII-1918, págs. 430-31, *The origin of the Alphabet*, by Fl. Petrie. Também neste artigo Petrie responde aos seus contraditores.

1500 a 1200 a. C.» (1). Mas os caracteres existiam, eis o que é certo, muito antes dêste período. «Três quartas partes deles são conhecidos anteriormente aos hieroglifos do Egipto» (2). Já vimos, mesmo, que antes da 1.ª dinastia êles apareceram.

Assentemos, pois, que os primeiros sinais alfabetiformes do Egipto foram lineares, contrariamente ao que ainda hoje se ensina, e, reconhecendo que a data da 1.ª dinastia ainda cabe dentro do neolítico da Europa, mesmo adoptando a cronologia de Meyer, não nos surpreenderá que em Glozel, estação neolítica, apareçam caracteres alfabetiformes.

Mas há mais. Conhecidos pelo menos desde a 1.ª dinastia egípcia êsses caracteres egípcios, idênticos aos de Alvão e Glozel, como veremos, são nos primeiros tempos dum uso um tanto duvidoso.

Aparecem sinais isolados, e as inscrições seriam tão raras, que não teem aparecido. Em Alvão e Glozel, tal uso não é duvidoso. Aparecem alinhados, como verdadeira escrita. Que concluir então? Que o alfabeto, já corrente no neolítico, no ocidente da Europa, ia fazendo a sua entrada no Egipto, letra após letra; que o alfabeto egípcio deriva, pois, do alfabeto do ocidente da Europa, que nesse tempo já o manejava com segurança, ao passo que os Egípcios só o dominaram ou, pelo menos, lhe deram mais largo emprêgo, por alturas de 1500 a 1200 antes de Cristo.

(1) «Scientia», id. id., pág. 442.

(2) Id., pág. 441.

Estamos, assim, em plena tese ocidental. O neolita ocidental tem um alfabeto, um instrumento sério de comunicação de pensamento. Nessa época, em nenhuma outra região aparecem sequer sombras de alfabetos. Só no ocidente europeu. As estações de Glozel e de Alvão, ambas com tão singulares ressaibos madalenenses, eis os elos que faltavam para filiar os caracteres lineares egípcios e todos os outros alfabetos lineares — mesmo o das inscrições de Ahiram ⁽¹⁾; mesmo o do fragmento de ouro, chinês, da colecção de Hopkins ⁽²⁾; mesmo alguns caracteres proto-elamitas ⁽³⁾, sem falar em todos os outros que habitualmente se comparam com o hierático e o fenício ⁽⁴⁾.

E Alvão? Neolítico? da 2.^a idade de ferro? fraude do Padre Brenha? Nem fraude, nem idade de ferro, 1.^a ou 2.^a. As mesmas razões que fazem classificar Glozel no neolítico actuam para que idênticamente se classifique Alvão: indústria neolítica, ausência de objectos metálicos, etc. Mas o alfabeto? Diz o meu prezadíssimo colega dr. Mendes Corrêa que as suas analogias com o alfabeto

(1) R. Dussaud. *Les Inscriptions phéniciennes du tombeau de Ahiram*. Syria, v, 1923; Contenau, *La Civilisation phénicienne*, 1924.

(2) «Scientia», 1-1-1920, pág. 28, *L'Écriture dans l'ancienne Chine*, pour L. C. Hopkins, trad. de Henry de Varigny.

(3) Jacques de Morgan, *L'Humanité Préhistorique*, Nouvelle ed. 1924, págs. 278 e 279.

(4) V. p. ex. Lenormant, *Essai sur la propagation de l'Alphabet Phénicien*; 2 vol, de 1863 a 1875.

ibérico são maiores do que com o de Glozel, e que, portanto, as idades dos dois coincidirão aproximadamente.

Com efeito, o meu ilustre amigo fêz a comparação dêsses alfabetos quando ainda não estava publicado o 4.º fascículo da publicação do dr. Morlet (1), onde se dá o alfabeto de Glozel completo até à data, o que representa um grande número de caracteres a mais.

A comparação em face da lista actualizada de Morlet levá-lo-ia a outras conclusões, provavelmente. É fácil mostrar que as analogias entre Glozel e Alvão são pelo menos tantas como entre Alvão e o alfabeto ibérico, do quadro de Ricardo Severo (aliás incompleto). Tudo isso veremos em breve.

Flinders Petrie sugere no seu já citado artigo que «desde a época dos homens das cavernas e desde a época da Rena se empregaram muitas vezes caracteres, alguns dos quais são fórmulas muito vizinhas das que apresentam as letras mais recentes. Estes sinais, continua, eram empregados na civilização pré-histórica do Egipto para marcar a propriedade pessoal, porque se encontra o mesmo sinal repetido muitas vezes na cerâmica dum túmulo» (2). Isso não prova que só serviu para êsse fim. Flinders Petrie marca certamente a sua roupa com um F e um P, e no entanto estas letras teem outros usos. E o que se diz

(1) Dr. Morlet et Fradin, *Nouvelle Station Néolithique*, 4.º fascicule, 1927. Hoje há o magnífico trabalho do Dr. Morlet «Glozel», 1929.

(2) Petrie, «Scientia», id., pàg. 443.

dos caracteres egípcios, diz-se dos madalenenses. A tese de Piette parece-me que deve ser retomada. Os madalenenses tinham sinais alfabéticos idênticos aos dos diferentes alfabetos lineares (1). Como é que modestíssimas marcas dos misérrimos paleolitas tomaram um tão excepcional valor, a ponto de serem a origem do alfabeto que só milénios depois apareceria? Que prodigiosa incubação! E como se explicam como marcas as inscrições de Rochebertier (Charente) ou da Madalena, comuna de Tursac (Dordogne), com caracteres em fila?

Seriam simples marcas na sua origem, no Madalenense, mas ainda dentro do Madalenense se teriam tornado em sinais alfabéticos, em alfabeto mesmo. Se não, marcas destacadas, perdendo a actualidade com a morte do possuidor dos objectos marcados, morreriam sem descendência. Só valorizadas em alfabeto se poderiam impor e ter o glorioso futuro que tiveram.

As analogias do alfabeto madalenense com os sinais alfabéticos das diferentes escritas, mormente com os de Glozel e Alvão, são, na verdade, extraordinárias (fig. 1).

Comparando os caracteres de Alvão, de Glozel e ibérico, notaremos que o número das ausências no ibérico é maior do que em Glozel, e que

(1) Parece que nunca se insistiu suficientemente na irremediável perda de inscrições gravadas ou pintadas em madeira, que, certamente abundariam, por maior facilidade de execução, desde os mais remotos tempos. É assunto a que voltaremos em outra publicação.

Madalenense	Alvão	Glozel
A ₁	A	A
F ₂ E ₃	F	F
I ₄	I	
M ₅	W	W
V ₆	Y	Y
X ₇	X?	X
Γ ₈	Γ	Γ
1 ₉	1	1
^ ₁₀	^	^
^ ₁₁	^	^
↑ ₁₂	↑	
F ₁₃	F	-
V ₁₄	V	V
9 ₁₅		9

Fig. 1—Caracteres madalenenses em confronto com os de Alvão e Glozel

1—Gourdon, Haute-Garonne e Mas d'Azil; 2—Rochebertier; 3—Mas d'Azil; 4—Castillo; 5—Mas d'Azil; 6—Rochebertier; 7—Rochebertier e Castillo; 8 a 12—La Madeleine; 13 e 14—Altamira; 15—Gourdon. Podiamos acrescentar mais letras madalenenses, como por exemplo, o 8 (Gourdon), etc. O n.º 5 é azilense.

Alvão

Glozel

Iberia

1

703

2

102

3

17

4

-

5

62

6 N Z

32 N Z

7

15

8, 9

29

10

29

-

11

31

12 |

9 |

|

13

42

14

27, 30

15

100

16

-

|

	<i>Glozel</i>	<i>Thera</i>
24	□ x	-
32	∨	∨
57	+++ x	+
60	⊥ x	⊥ x
62	⊥	-
61	∟	∟ x
24	□	-
6	∩	∩ x
2	∩	∩ x
18	∩	∩ x
29	∩	-
30	Y	-
31	X	∧ x
32	∩	-

Fig. 2 e 3—Paralelo entre o alfabeto de Alvão e os de Glozel e Ibéria

as simples variações (assimetrias, inversões, etc.) são igualmente maiores nos ibéricos. O quadro de Severo, que seguimos, é talvez incompleto no que diz respeito aos caracteres ibéricos, mas também o alfabeto de Glozel se vai enriquecendo. Haverá compensação.

Devo acrescentar, porém, que, fôsse a analogia do alfabeto de Alvão com o ibérico maior do que com o de Glozel, ainda assim eu não abandonava a minha tese. Essa hipotética maior analogia, explicá-la-ia por se ter desenvolvido o alfabeto ibérico no mesmo solo que o de Alvão, e sabe-se quanto, mesmo a distâncias enormes, no tempo e no espaço, persistem as formas gráficas, a ponto de nós ainda hoje nos servirmos de letras que os remotos madalenenses criaram e no extremo oriente se encontram sinais alfabéticos também do madalenense.

O que nos deve interessar é o conjunto. Em Alvão aparecem objectos que deram a Ricardo Severo a impressão dum madalenense degenerado; em Glozel, também Loth e outros notaram logo de princípio influências madalenenses. Em Alvão não aparecem metais; também não aparecem em Glozel. Juntamente com os estranhos objectos de Alvão aparecem letras, o que é um verdadeiro *escândalo* (a ponto de se ter suspeitado de fraude); também em Glozel aparece, associado com objectos vários, um alfabeto com fortes analogias com o de Alvão, o que é outro escândalo, que desencadeou... uma nova questão Dreyfus. Que concluir? Que êsses conjuntos, o

de Alvão e o de Glozel, são independentes? Não o creio. Liga-os a filiação comum do madeirense. E se uma estação é anterior a outra, deve ser a de Alvão, que representa uma degenerescência pura e simples do madeirense, ao passo que Glozel, ao lado duma degenerescência acentua também uma evolução própria. Isso, porém, será objecto doutro estudo.

Nota — Falei na filiação dos caracteres proto-elamitas e chineses arcaicos no alfabeto ocidental. Com efeito, nos quadros que dá Morgan ⁽¹⁾ dos primeiros, aparecem (fig. 174 de Morgan) alguns caracteres idênticos aos de Alvão, etc.: e na fig. 175, se suprimirmos a base poligonal a alguns caracteres, ficam sinais dos nossos alfabetos (fig. 4). Não se trata de hieroglifos ⁽²⁾.

Quanto aos caracteres chineses arcaicos, a supressão no fragmento que reproduzo da colecção de Hopkins ⁽³⁾, das bases de dois dos caracteres, tornam-nos identificáveis ao alfabeto ocidental. Os restantes também o são.

(1) Morgan, *L'Humanité Préhistorique*, 1924, págs. 287 e 289.

(2) Este assunto será devidamente desenvolvido em outro trabalho.

(3) «Scientia» 1-1-3920, pág. 20.

A ESCADA COMO SINAL (1) ALFABETIFORME

Às semelhanças existentes entre os achados de Alvão e Glozel, que já eram, em minha opinião, suficientes para estabelecer a contemporaneidade das duas estações, vieram juntar-se as reveladas pelos fragmentos que o rev. P.^e Brenha comunicou ao meu prezado colega dr. Mendes Corrêa.

Pela exposição que êste ilustre professor fêz desta descoberta, no «Primeiro de Janeiro» de 3 de Fevereiro do corrente ano, póde o leitor orientar-se àcerca da sua importância, se bem que eu persista nas ideias por mim expostas no artigo anterior, de que, tanto Glozel como Alvão pertencem ao neolítico. Não é, porém, meu intuito discutir neste momento êsse assunto, nem tampouco referir-me ao absurdo relatório da comissão que condenou Glozel, nem ainda à célebre busca feita à casa dos Fradin; nesta pequena nota pretendo apenas apresentar uma sugestão para o esclarecimento da origem da escada que aparece como sinal alfabético tanto em Glozel como em Alvão, e que, de resto, se vê em vários outros alfabetos.

(1) Publicado nos Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etmologia, vol. III, fas. IV, 1928.

É claro que, se a minha opinião é justa, se Alvão e Glozel são do neolítico, as escadas que se encontram nos alfabetos destas duas estações serão os protótipos das da inscrição de Ahiram, de Sidon, de Cartago, etc.

Ora o objecto desta nótula é apontar a origem provável dêsse sinal.

As reminiscências madalenenses das duas estações de França e Portugal autorizam-nos a procurar no madalenense a génese dos alfabetos ocidentais. Foi o que tentamos fazer no estudo anterior. Como, porém, em Alvão, ainda não tinha aparecido o sinal alfabético-escada, não nos referimos a êle. Agora que nos foi revelado em Alvão, é tempo de o estudarmos.

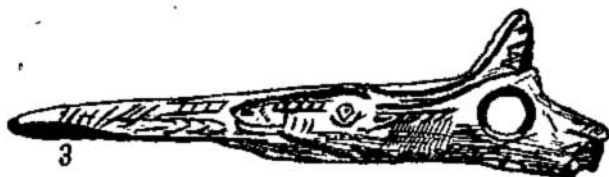
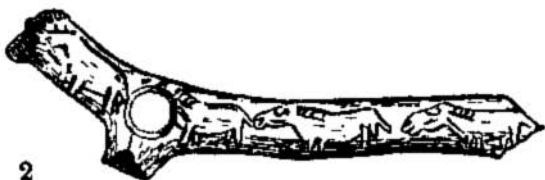
A escada já se encontra na caverna de Lorthet, e Piette ⁽¹⁾ também já a tinha interpretado como sinal alfabético. Mas a sua origem? Seria o hieroglifo duma escada?

Ora nós supomos ver a origem dêsse sinal no bastão que o leitor encontra, por exemplo, na «Humanité Préhistorique» de Morgan ⁽²⁾. Repare-se na crina dos cavalos. Essa crina é, em cada um dêles, uma perfeita escada (fig. 2).

É certo que êste indício é vago. Será simples acaso. Mas a indeterminação levanta-se examinando o bastão de Laugerie-Basse, com figuras de cervídeos, que se vê, por exemplo, na boa

(1) Piette, *Anthr.*, 1896, pág. 417, fig. 78.

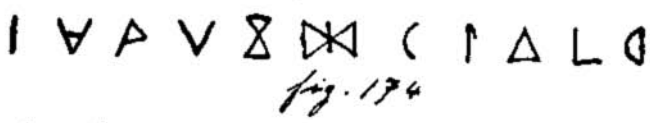
(2) Morgan, *ob. cit.*, 1923, pág. 219.



1 e 3 - Bastão de comando com figuras de cervídeos (Langerie - Basse)
Segundo Breuil.

2 - Bastão de comando, de la Madeleine (Dordogne).

4 - Propulsor gravado com a escada, da caverna de Kesslerloch
(Sulça) Segundo R. R. Schmidt.



Proto-elamita

V
X
C
M
E
F
T
I
A
I
D
A
A
X
X
C
C
L
D



V Albr. Gl. Jb
X Gl. Jb.
C Gl
M Jb W Gl. Albr.
E Albr. Gl.
F Gl. Albr. & Jb.
T Gl. ↑ Albr.
I Jb. ↓ Albr.
A Albr. Gl. Jb.
D Gl. (Fen. 29) A Albr.
A Jb
X Albr. Gl. X Jb (F. Petrie)
C Gl. Jb (F. Petrie)
I Jb. ↓ Albr.
Δ Albr. Gl. Jb.
L Gl. ↓ Albr
D Jb. (F. Petrie) D Fenicia

NOTA - As figs. 175 e 174 são da obra citada de Morgan.

Fig. 4 - Alfabeto proto-elamita em confronto com os alfabetos de Alvão, de Clozel e ibérico

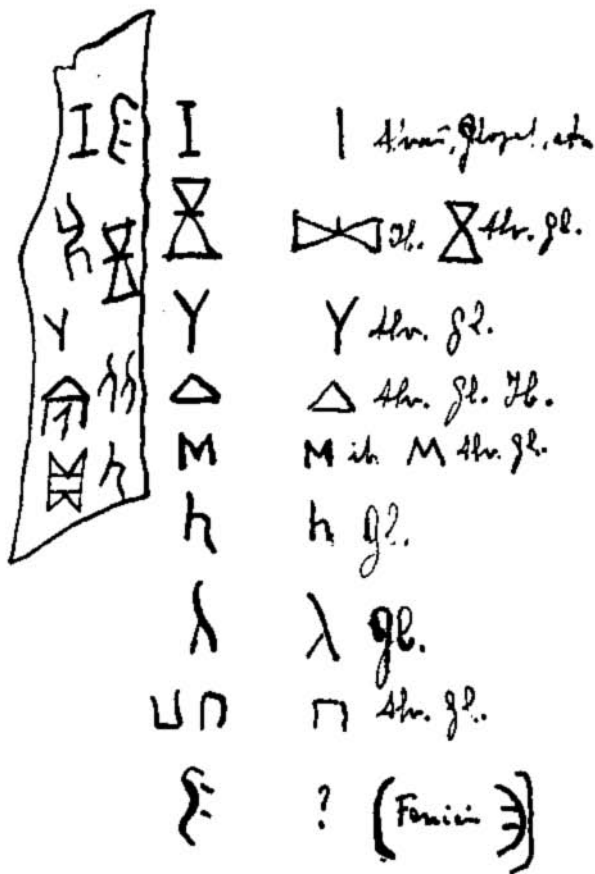


Fig. 5 - Caracteres chineses arcaicos em confronto com os alfabetos do ocidente

gravura da obra de Luquet (1). O sinal que aparecia lógicamente na crina, surge-nos agora deslocado num cervídeo. Mas que o sinal tem importância para o desenhador paleolita, prova-o o facto de nêle insistir, apresentando-o até fora do corpo do animal. Em conclusão: o sinal appareceria como uma particularidade, como uma comodidade, do desenho da crina do cavallo. Repetido, tornado dalgum modo um cliché, destacou-se do seu lugar próprio, atingiu a independência, vindo a obter a honra suprema de sinal de alfabeto.

(1) Luquet, *L'Art et la Religion des Hommes Fossiles*, 1924, pág. 95, fig. 66.

D. GONZALO Mañana a las diez te estoy
Para cenar aguardando.
¿Irás?

D. JUAN ¿Donde he de ir?

D. GONZALO Á mi capilla.

D. Juan, em cumprimento da sua palavra, vai cear com o Comendador. No fim desta scena D. Juan morre tocando na mão de D. Gonzalo.

Tirso de Molina reuniu neste drama dois temas diferentes: a lenda muito espalhada dum morto que, irreverentemente convidado para um festim, a êle comparece e se vingá; e uma lenda referente a Sevilha que fixa já os nomes de D. Juan Tenorio e D. Gonzalo de Ulloa. O que prova que já em Sevilha se encontrava a história dum sedutor castigado severamente pelos seus crimes, é o drama do sevilhano Juan de la Cueva que, no século XVI escreveu um drama "El Infamador", cujo herói Leucino apresenta uma grande semelhança com o D. Juan de Tirso de Molina (1).

É da primeira lenda que nos vamos ocupar, e que, como dissemos, está largamente difundida pela Europa, encontrando-se até em Portugal tanto em contos como em romances populares. A origem dessa lenda tem sido muito estudada.

(1) D. Ramon Menéndez Pidal — "El Convidado da Piedra", in "Estudios Literarios", Atena, S. E. pag. 136, e Van Gennep — "La Formation des Légendes", Flam. 1910, pag. 224.

O trabalho mais recente é o belo estudo de Menéndez Pidal—“Sobre las origenes de El Convidado de Piedra”, publicado na “Cultura Española”, (Madrid, Maio de 1906) e reunido, depois de acrescentado com vários complementos, com outros estudos, em volume sob o título de “Estudios Literarios”.

Quinze anos antes do aparecimento de “El Burlador”, em 1615, representaram os colegiais de Ingolstadt uma peça que é uma variante desta lenda.

Um conde Leoncio, pervertido por as doutrinas de Maquiavel e que não crê na vida eterna, ao passar por um cemitério encontra uma caveira. Por brincadeira, dá-lhe um pontapé, dizendo-lhe: se depois de morto ainda comprehendes o que digo, vem à minha ceia com os outros convidados. Ao sentar-se para ceiar Leoncio com os seus amigos, apresenta-se à porta um *monstro ossudo* que, após vãs tentativas de repulsa por parte dos convivas, se senta à mesa, assegurando ser também um convidado. Entre o espanto de todos, o esqueleto diz que é avô do conde Leoncio, que vem mostrar ao seu neto a immortalidade da alma, e leva-o consigo (1).

Tem-se pretendido que esta peça fôsse o protótipo da de Tirso; com razão, porém, objecta Pidal que em Espanha existe muito arreigada a tradição do convite ao morto, não necessitando Tirso de Molina ir buscá-la a outros países. Não

(1) Menéndez Pidal, ob. cit. pag. 107.

só, afirma Menéndez Pidal, há contos portugueses, mas também galegos e castelhanos, e não só há contos, como nos outros países, mas ainda romances.

Há dois grupos de tradições que Menéndez Pidal julga independentes: Num o convite é feito a uma caveira, noutro a uma estátua. Exemplos duma tradição do primeiro grupo:

Pa misa diba un galán,
Caminito de la iglesia;
.
En el medio del camino
Encontró una calavera;
mirárala muy mirada,
y un gran puntapié le diera:
arregañaba los dientes
como si ella se riera.
— "Calavera, yo te brindo
esta noche a la mi fiesta."
— "No hagas burla, caballero;
mi palabra doy por prenda."
El galán, todo aturdido
para casa se volviera;
todo el día anduvo triste,
hasta que la noche llega.
De que la noche llegó,
mandó disponer la cena.
Aun no comiera un bocado,
Quando pican a la puerta;
manda un page de los suyos
que saliese a ver quien era.
— "Dile, criado, a tu amo

que si del dicho se acuerda.»
—“Dile que si, mi criado,
que entre pa' cá norabuena (1).» etc.

Esta versão apresenta o facto importante de aludir a um *galán*, o que nos aproxima do tipo de D. João. Ainda ao mesmo grupo pertence a versão portuguesa dada pelo Dr. Teófilo Braga, se bem que o convite seja feito não a uma caveira, mas a uma *mirra* (esqueleto, segundo a interpretação do erudito professor, que em breve comentaremos). Como êste conto se encontra em vários livros do Dr. Teófilo Braga, apenas daremos uns curtos excertos: “Um rapaz muito folgazão quiz dar uma grande festa no dia dos seus anos; foi por casa de todos os seus amigos a convidá-los para irem jantar e cear com êle. Quando voltou para casa, encontrou ainda um amigo em frente do cemitério, e depois de o convidar também ficou a conversar muito satisfeito. Estando nisto deu com os olhos em uma mirra (esquelêto) ainda revestida de alguma carne, e que estava pegada a uma parede; disse-lhe mo-fando:

“—Se queres vai também ao banquete dos meus anos . . .

A mirra respondeu:

“—Lá irei.

(1) Versão colhida na província de Leão, por D. Juan Menéndez Pidal, publicada pela primeira vez na Antologia de Líricos de Menéndez Pelayo, X, 1900. Apareceu anteriormente um resumo em prosa.

"A noite correu no meio de danças, até que os convidados foram para a mesa. Ao soar a primeira badalada da meia noite, bateram à porta. A mirra entrou vagarosamente; o rapaz que fôra abrir a porta recuou espavorido. A mirra dirigiu-se para a mesa e sentou-se no lugar que estava desocupado. Comeu, comeu, e depois levantou-se dizendo para o mancebo: "Pois bem, já que me fizeste o favor de me convidar para o teu banquete de anos, também aqui te convidado para amanhã a esta mesma hora ires cear comigo". O rapaz salvou-se por aparecer à mirra coberto com a capa com que um padre dizia missa (1). Esta versão foi recolhida no Algarve pelo falecido escritor Reis Dámaso, que a comunicou ao Dr. Teófilo Braga. No entanto o ilustre historiador da literatura portugueza declara que a ouviu também no comêço da sua formatura (1862) a um estudante de Guimarães, o que prova a sua grande difusão em Portugal.

O outro grupo, mais interessante para as origens de D. Juan, porque já se trata duma estátua como no drama de Tirso, e que até há pouco era desconhecido, tem como principal representante um romance popular que Menéndez Pidal recolheu em Setembro de 1005, em Riaza. É um documento da mais alta importância, do qual vamos dar alguns excertos.

(1) Dr. Teófilo Braga "As Lendas Cristãs", 1894, pág. 73, Contos Tradicionais do Povo Português, vol. 1 pág. 213 ed. de 1914 etc.

Un día muy señalado
fué un Caballero a la iglesia,
y se vino a arrodillar
junto a un difunto de piedra.
Tirandole de la barba,
estas palabras dijera ;
«Oh, buen viejo venerable,
¡quién algún día os dijera
que con estas mismas manos (1)
tentara a tu barba mengua!
Para la noche que viene
yo te convidó a una cena».

.....
Va el Caballero a su casa
sin que nada discorriera
de lo que pudo ocurrir
con aquella grande ofensa,
A eso del anochecer,
llama el difunto á la puerta,
Preguntan: a ¿Quién es quien llama?

.....
anda page, y dile a tu amo
dile que si no se acuerda
del convidado que tiene
para esta noche a la cena.

.....
«Cena si quieres cenar
que ya está la cena puesta».
«Yo no vengo por cenar;
vengo por ver cómo cenas;

(1) Restituição conjectural.

vengo por ver si cumplias
la palabra que tiés puésta.
Para la noche que viene
yo te convido a otra cena (1).

O cavaleiro foi ao encontro da estátua, depois de se ter confessado e munido dum escapulário, e salvou-se. Reconhece-se aqui a influência cristã, bem como no conto da mirra, no qual a capa do padre opera a salvação.

Êste romance não é único. Existem várias versões em Ríaza e Revilla. Que os romances dos dois grupos tem um evidente parentesco, não há sombra de dúvida. Se substituirmos a caveira, etc. por estátua, a semelhança é flagrante, até nas próprias expressões. Serão tradições independentes que mutuamente se contaminaram?

E ainda — Qual a origem desta tradição ou tradições? Eis pròpriamente o objecto dêste estudo.

* * *

No "Banquete dos sete sábios", de Plutarco, encontra-se uma informação interessantíssima a propósito dum singular costume dos egípcios. "O esqueleto dos Egípcios, que êles tem o inteligente costume de colocar na sala do festim, com o fim de forçar os assistentes a lembrarem-se de que em breve serão como êle, aparece ali como um conviva assás *desagradável e intempestivo*,

(1) Menéndez Pidal, ob. cit. pág. 121.

mas enfim, a sua presença explica-se. Se não excita a beber e a gozar, sugere pelo menos que se estimem uns aos outros e exorta a que não se alongue com penosas discórdias uma existência cuja duração é já de si tão curta» (1).

Temos, pois, um festim a que assiste um esqueleto. Plutarco já qualifica a sua presença de intempestiva e desagradável. A causa da comparação do esqueleto, diz o moralista de Queronea, é apagar discórdias recordando a brevidade da vida.

Tudo leva a crêr que o verdadeiro motivo não é êsse, como veremos, embora Heródoto alegue razão análoga. Desta vez, nesta versão mais antiga do Pai da História, não se trata dum esqueleto mas duma estátua. «Nos festins que dão os ricos, passeia-se à volta da sala, depois da refeição, um caixão com uma figura de madeira tão trabalhada e tão bem pintada que representa perfeitamente um morto. Só tem um côvado ou dois, quando muito. Mostram-na a cada um dos convivas por sua vez, dizendo-lhe: — Deita os olhos para êste homem, assemelhar-te-hás a êle depois da tua morte. Por isso, bebe agora e diverte-te (2)».

Há divergências, pois, nas duas narrativas, que se podem explicar por êsse uso ter variado do tempo de Heródoto para o de Plutarco, ou mesmo pela simultaneidade dêsses usos. Como quer que seja, o Egipto fornece-nos uma base

(1) Plutarco — «Obras Morais», B. dos sete sábios, 2.º,
(2) Heródoto, II, 78.

para lendas em que um banquete seja perturbado desagradável e intempestivamente por um esqueleto ou pelo simulacro ou estátua dum morto, e na Europa aparecem, com efeito, dois grupos de lendas, com indiscutível parentesco, cuja base é a desagradável presença numa ceia ou num festim dum esqueleto ou duma estátua. A's vezes a lenda não precisa. Ao Conde Leoncio aparece um monstro *ossudo*, numa versão portuguesa é uma mirra, ainda revestida dalguma carne. E êste mesmo termo de *mirra* sugere uma origem egípcia da lenda. O verbo *mirrar* deriva sem dúvida de *mirra*. É a etimologia que primeiro ocorre, e assim alguns dicionaristas a deram, por ex. Faria (1), que diz:— "Mirrar, de (myrrha, etc., definhar, tornar sêco como as múmias, etc.," O Dr. Cândido de Figueiredo não dá a etimologia da palavra no seu dicionário (2), talvez porque para S. Ex.^a essa etimologia ofereça dúvidas. A semelhança, porém, de *mirrar* com mumificar, e o facto de que a mirra era um dos ingredientes de que os egípcios se serviam para a mumificação ("depois encham o ventre com mirra, canela e outros perfumes," (3) leva-nos à proporção: *mirra* está para *mirrar* na mesma relação de *bálsamo* para embalsamar. Se estas considerações são justas, o substantivo *mirra* derivado por sua vez do verbo *mirrar* seria sinóni-

(1) Eduardo de Faria— "Novo Dicionario da Lingua Portuguesa," s. v. *mirrar*.

(2) Referimo-nos à 2.^a, única que possuímos.

(3) Heródoto, II, 86.

mo de múmia e, portanto, um vestígio da origem egípcia da lenda, pois que no Egito o caixão da múmia, adaptando-se exactamente aos contornos desta desde o novo império tebano, (1500 A. C.) tomou a forma "antropoide", (1) e assim passou também a ser um simulacro do morto e a confundir-se com a própria múmia. A difusão das interpretações deste costume do norte da África pelos mouros explicaria a grande expansão da lenda na península ibérica, e êste dado tão saliente da múmia no Algarve. Sabe-se que formidáveis agentes de transmissão de lendas foram os árabes.

Que a lenda sofreu fortes modificações pelo facto de ser adoptada pelos povos cristãos, é evidente, como mostramos, e assim se explicariam vários pormenores.

Os dados do convite e da vingança pareceriam espontaneamente, desde que os motivos alegados pelos egípcios da presença do esqueleto, etc., fôsem esquecidos ou incompreendidos.

Não seria impossível, se bem que improvável, a interferência do *lectisternium* romano, no qual as estátuas dos deuses eram convidadas a assistir aos banquetes, e a que Magnin (2) deu, a nosso vêr, exagerada importância. Antes, porém, de assentarmos conclusões, vejamos se a explicação dada pelos egípcios, segundo os autores gregos, é a verdadeira.

(1) A. Moret — *Au Temps des Pharaons*, 1908, pag. 202.

(2) Magnin *Les Origines du Théâtre Antique et du Théâtre Moderne*, pag. 252.



É bem conhecida a influência que os mortos tiveram nas primitivas sociedades. Já a pré-história nos fornece abundantes documentos do culto pelos mortos, do cuidado com as sepulturas, etc. (1). Filósofos e etnógrafos como Spencer, Tylor, historiadores como Fustel de Coulanges, etc., querem vêr no culto pelos mortos a origem das religiões

Base bem frágil, na verdade, se como Spencer e Tylor se toma como origem da crença na sobrevivência, da alma o sonho; base certamente séria se se admite que essa crença veio directamente do conspecto dos fenómenos metapsíquicos (seja qual fôr a origem que se lhes atribua), que hoje estão, segundo o nosso modo de vêr, suficientemente demonstrados (2).

A crença, pois, na sobrevivência, criando teorias mais ou menos extravagantes, levando à atenção pelos mortos, ao seu socorro e à sua propiciação, veio dar origem a diversíssimas práticas — banquetes fúnebres, oferendas, etc. Vejamos pela comparação com outros povos, alguns dos quais ainda existentes, como êsses ritos le-

(1) Th. Mainage — *Les Religions de la Préhistoire*, 1921, passim; Jacques de Morgan — *L'Humanité Préhistorique*, 1921, 3.^a parte, cap. II, etc.

(2) A literatura do assunto é vastíssima. O último livro de Charles Richet — *Traité de Métapsychie* Paris, 1922 — resume lúcida e totalmente todos os trabalhos sérios até à data.

varam os egipcios ao sinistro conviva dos seus banquetes.

Em Santa Cruz, nas ilhas Salomão, o cadáver é enterrado numa profundíssima cova, em casa. A caveira é separada e guardada num cesto, e dizem que é o próprio homem. Põem sempre comida deante da caveira, sem dúvida para uso do espírito (1).

Os sarcófagos etruscos continham as cinzas, mas eram cobertos com uma tampa que geralmente representava o morto, reclinado, como se estivesse num banquete, com uma taça na mão (2).

“Que a presença do espírito do morto é desejada, benvinda e *convidada* por muitos povos, vê-se pelas festas dadas em sua honra, não só antes do funeral mas ainda depois, em certos intervalos.

Assim, no terceiro, sexto, nono e décimo quarto dias depois do entêrro, os velhos Prussianos e Lituanos costumavam preparar uma refeição para a qual, indo para a porta, *convidavam* a alma do morto . . .” (3) Festas semelhantes existiam em diversos povos: romanos (*Parentalia* ou *Feralia*) persas, búlgaros, russos, irlandeses, etc., e mesmo fora do grupo indo-europeu, como vimos por alguns exemplos entre os inumeráveis que pode-

(1) Frazer - *The Belief in Immortality* - Londres, 1913, pag. 352.

(2) Grant Allen - *The Evolution of the Idea of God* Londres, 1897, pág. 81.

(3) Bastian *Der Mensch*, 11, 336 e Frank Bryon Jevons - *An Introduction to the History of Religion*, London, 1896.

ríamos recolher. Entre os indígenas da América as cerimónias fúnebres terminam frequentemente por um banquete, no qual se reserva o lugar do defunto (1).

No Egipto chegava-se mesmo a particularidades curiosas, como a de abrir a bôca à múmia para lhe darem alimento. Diz Söderblom: Tão longe quanto se possa recuar, encontra-se o costume de dar de comer aos mortos... No Egipto abria-se a bôca da múmia para que ela pudesse comer... (2).

Eis a ordem de idéas que levou os egípcios a collocarem em certos dos seus banquetes um morto: era uma sobrevivência dos banquetes fúnebres, que já sabemos a expansão que tiveram. A obliteração das primitivas razões de tal prática, levou-os a essa fútil razão que nos dão Heródoto e Plutarco. Estes casos de substituições de causas para um costume antigo cuja verdadeira causa se perdeu, é freqüentíssima, e sob êsse ponto de vista é curioso lerem-se as *Questões Gregas e Romanas* de Plutarco, p. ex., ou os *Fastos* do malogrado Ovídio.

(1) R. Hertz, *Année social*, t. X, p. 113, citado por René Dussaud - *Introduction à l'Histoire des Religions*, Paris, 1914, pag. 223.

(2) Nathan Söderblom - *La Vie Future d'après le Mazdéisme*, Paris, 1901, pag. 18.

OS ANIMAIS AGRADECIDOS NOS CONTOS POPULARES E O DILÚVIO (1)

TODOS conhecem êste tema largamente disseminado nos contos populares. Um serviço prestado por o herói do conto a um animal em circunstâncias críticas, provoca da parte dêste um reconhecimento que salva o seu bemfeitor. São muito vulgares nos contos os reconhecimentos de abelhas, formigas, peixes, etc. etc.

É de crer que êste tema não nascesse da observação directa de tais reconhecimentos e que tenha origem em outra ordem de especulações. É a matéria dêste artigo. Procura-se qual o animal protótipo dêste tema e em que ordem de factos ou em que remota tradição êle se integra.

Claramente, o animal tipo de que os outros são simples variantes deve encontrar-se em contos vastamente espalhados e deve relacionar-se com tradições ou factos antiqùissimos.

* * *

Vai servir-nos de base para êste estudo o conto popular russo "Emiliano Parvo" que faz parte da bela colecção de "Contos Populares

(1) Publicado na "Revista de Estudos Históricos 1.º vol. 1924.

Russos», do Dr. Alfredo Apell, ilustre professor da Faculdade de Letras de Lisboa (4).

Resumamos, pois, êsse conto, dando, porém, textualmente, as passagens que mais nos interessam.

Emiliano, parvo e preguiçoso, vai ao rio buscar água, de mando das cunhadas. "Quando chegou ao rio, fez um grande buraco no gêlo. Depois encheu os baldes de água e pô-los em cima do gêlo e deixou-se estar ao pé do buraco, olhando para a água.

"O parvo viu nadar um pequeno lúcio no buraco; ora o Emiliano, embora, fôsse parvo, queria não obstante apanhar o lúcio, e por isso foi-se aproximando a pouco e pouco, e quando estava bem perto dêle, agarrou-o com a mão, tirou-o da água, meteu-o no seio e queria ir para casa. Mas o lúcio disse-lhe:—Oh Parvo, para que é que me apanhaste?...

—Para quê? disse êle, levo-te para casa e digo ás minhas cunhadas que te cozam.

—Não, Parvo, não me leves para casa, deita-me ao rio que te faço rico.

Mas o Parvo não se fiava nele, e queria ir para casa.

O lúcio, vendo que o parvo o não largava, disse:

—Escuta, Parvo, deita-me ao rio; hei de te fazer tudo que desejares.

(4) Dr. A. Apell— "Contos Populares Russos" (traduzidos do original). Tradições do povo português e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro. Lisboa, 1929.

O Parvo, ao ouvir isto, ficou muito contente...»

Ensinou-lhe o lúcio, depois, a fórmula que lhe daria tudo o que desejasse: «Manda o lúcio e peço eu que...

De posse desta fórmula, o Parvo ia obtendo quanto desejava, até que um dia, vendo a filha do rei à janela, não pôde deixar de dizer baixinho: «Manda o lúcio e peço eu que aquela linda rapariga se apaixone por mim.» Apaixona-se a princesa e pede ao pai para casar com o Parvo. O rei, irritado, manda meter num tonel o Parvo e a filha.

«Trataram imediatamente de fazer o tonel e trouxeram-no ao rei. Quando o rei tinha tudo pronto, mandou meter no tonel a filha e o Parvo, e alcatroar o tonel, e depois o rei mandou deitar o tonel ao mar...»

Depois de o tonel ter andado algumas horas, o Parvo invocou o auxilio do peixe a instâncias da sua companheira:

«Manda o lúcio e peço eu que o mar deite êste tonel em sêco, na praia, perto do nosso reino...»

«Mal o Parvo proferiu estas palavras, logo o mar começou a agitar-se e deitou o tonel em sêco, na praia.

«O Emiliano levantou-se e foi com a princesa por aquele sitio onde se encontravam, e viu que estavam numa ilha muito bonita, onde havia muitissimas e variadas árvores de fruta...»

De novo, a instâncias da princesa, Emiliano invocou:

“Manda o lúcio e peço eu que no meio desta ilha apareça um palácio melhor que o do rei e que no meio *haja gente de todas as condições* (1).

“Mal proferiu estas palavras apareceu logo um palácio enorme e *uma ponte de cristal* (2).

Seguidamente o Parvo pediu para ser esperto e belo, e “depois o Emiliano mandou um criado ao rei a convidá-lo mais os seus ministros. O enviado de Emiliano *foi ao rei pela ponte de cristal*” (3) convidar o rei a jantar com êle”, e as pazes fizeram-se.

Este conto tem um grande número de versões em diversos países, como o leitor pode ver consultando a citada obra do Dr. Apell (4), onde veem resumidas as principais. Lembremos que em Portugal se encontram várias (5). Em algumas versões, o par já tem um menino, e há referências a provisões (figos) (6) para a viagem. O conto russo parece-nos dos mais completos, contendo, como veremos, alguns curiosíssimos pormenores. Qual a origem dêste conto, ou

(1) O itálico é nosso.

(2) Idem.

(3) Idem.

(4) Pág. 50 e seguintes.

(5) A. Coelho. “Contos Tradicionais portugueses”, João Maudrião; T. Braga. “Contos Trad. do Povo Port.” O Peixinho Encantado; Consiglieri Pedroso, “Contos Populares Port.” O Preguiçoso da Forneira; Ataíde de Oliveira, “Contos Trad. do Algarve”, vol. 1.º, Pedro Preguiça.

(6) Versão Napolitana, etc.

antes, em que ordem de ideias se filia êste conto? As considerações que faz o Dr. Apell repelindo as pretensões de Schott de derivar o conto napolitano, variante dêste, da lenda de Perseu, parecem-nos inteiramente justas; mas, eliminando a hipótese da lenda de Perseu, como origem do nosso conto, haverá alguma outra lenda, tradição ou mito em que se possa filiar o conto de que nos ocupamos?

• • •

Pensamos que êste conto é uma deformação do mito do dilúvio.

Já em o nosso livro "Nova Teoria do Sacrifício", tivemos ocasião de aludir ao dilúvio, dando algumas versões dêsse mito e inclinándonos para a sua unidade, contrariamente às teses arrojadas de Paul Regnaud e outros. Será a narrativa do dilúvio eco dalgum fenómeno glaciário, dalguma simples inundação local, terá, mesmo, por base, outros factos? No livro citado adiamos para futuro estudo o exame dessa questão. Ainda faremos agora o mesmo. Brevemente, porém, publicaremos os documentos que coligimos tendentes a justificar outra interpretação dêsse mito. Únicamente pretendemos agora estabelecer que o conto do Emiliano e congêneres pertence ao ciclo do dilúvio, sejam quais forem os factos a que o mito se refere, sem discutirmos, também, se a prioridade das várias versões do dilúvio pertence às arianas ou às semíticas.

A Índia oferece-nos algumas narrativas do dilúvio, duma notável persistência de pormenores, que imediatamente sugerem a possibilidade de que o conto em questão tenha nelas a sua origem.

A versão mais antiga (segundo Lenormant ⁽¹⁾, entre os séculos XIV e IV A. C.) é a do Çatapatha Brâhmana ⁽²⁾, que nos narra da forma seguinte o episódio do dilúvio:

1

“De manhã, êles (os sacrificadores) trouxeram água a Manu para êle se banhar, como êles a trazem para a ablução das mãos. Enquanto assim se banhava, veio-lhe um peixe às mãos. »

2

O peixe disse-lhe esta palavra: “conserva-me e eu te farei atravessar. »

“O que me farás tu atravessar? » (disse Manu). — “Uma cheia (*augha*) levará todas estas

(1) Lenormant — Les Origines de l'Histoire, 1890, vol. 1.º, pág. 53. Esta alta antiguidade é talvez exagerada.

(2) Versões do Çatap. Br.: Julius Eggeling, “Sacred Books of the East”, XII, 216; Max Müller, “Hist. of Sansc. litt. 425; Weber, “Indische Studien”, t. 1.º, pág. 161; Muir, “Orig. Sanscr. texts”, 1, 182; Paul Regnaud — “Comment naissent les Mythes, Paris, 1898, pág. 66. A tradução d'êste eminente professor de sânscrito da Faculdade de Letras de Lião é literal e vem acompanhada do texto sânscrito. É a que seguimos.

criaturas, é a ela que eu te farei atravessar», disse o peixe). — «Como conservar-te?» disse Manu?

3

«Êle (o peixe) respondeu: Enquanto somos pequenos, grande é a destruição ⁽¹⁾ (que nos ameaça); o peixe come o peixe. Conserva-me primeiro num vaso; depois, quando eu fôr demasiado grande para êle, cavarás um fôssco, onde me conservarás; depois, quando eu fôr demasiado grande para êle, levar-me hás para o mar. Eu estarei então acima de todo o poder destruidor».

4

«Êle (o peixe) em breve se tornou um jasha. Cresceu consideravelmente. (Êle disse então a Manu: «No ano em que esta cheia (de águas) vier, recorre a mim, depois de teres fabricado um navio; depois entrarás no navio colocado nas águas ascendentes, e eu te farei atravessar para além».

5

«Êle (Manu) depois de assim ter conservado o peixe, levou-o para o mar. Manu, no ano que o peixe lhe indicou, aproximou-se (dêle) depois de ter construido um navio; depois entrou no navio nas águas ascendentes. O peixe nadou para êle e desligou a corda do navio (para a

(1) Á letra: grande é a destruidora...

prender) ao seu corno (1). Graças a isto êle foi avançando até ao cume da montanha.

O (peixe) disse a Manu: "Eu fiz-te atravessar. Prende o navio à árvore...

7

"Desejando posteridade, Manu exerceu macerações. Aí mesmo sacrificou por mais duma oblação quente...".

O "Mahâbhârata" diz-nos que Manu, filho de Vivasvat, se entregava ao ascetismo à beira dum rio, quando o peixe veio implorar o seu auxílio. Seguem-se serviços idênticos aos mencionados no "Catapatha-Brâhmana" (2). Note-se que um promenor aparece que liga a tradição hindu à semítica—a recomendação feita a Manu pelo peixe de embarcar consigo todas as sementes designadas outrora pelos brâhmanes.

A versão de "Matsia-Purâna" dá-nos essa tradição dum modo um pouco diferente. Manu, filho do sol, depois de se entregar a grandes penitências, pede a Brahma que lhe conceda o favor de poder salvar todos os sêres vivos quando

(1) Êste passo compreende-se melhor pela versão do Mahâbhârata: o peixe diz a Manu: "Construirás um forte navio, munido de cordas, no qual embarcarás com os 7 Rishis... Esperar-me hás neste navio e eu virei ter contigo com um corno na cabeça para me reconheceres..." Les Livres Sacrés de l'Orient, traduits ou revus et corrigés par G. Pauthier, pág. 337.

(2) P. Regnaud, ob. cit. pág. 74.

chegar o dia da dissolução do universo. Brahma consente, e um dia em que Manu fazia as suas oblações aos Pitris, cai-lhe nas mãos um grande peixe que com leves variantes procede como o do C. B. e do Mahabhârata. Entre outras recomendações, figura a de embarcar consigo todas as criaturas vivas (1).

Pouco interêsse ofereceriam para o nosso assunto as idênticas versões do Bhâgavata-Purâna e do Agni Purâna, motivo por que as omitimos.

Não precisam estas narrativas de extensos comentários fazendo avultar as suas semelhanças com o conto que estudamos. Em ambos os casos um peixe implora protecção, e, em troca do serviço que lhe é prestado, salva o seu protector. Repare-se, mais, que uma das acções do peixe, no conto, consiste em fazer chegar a terra o tonel que voga no mar, da mesma forma que o peixe de Manu o conduz à montanha.

Estes traços comuns, perfeitamente nítidos, difficilmente podem ser convergências casuais. Se os scenários dos contos e dos mitos, se motivos secundários variam, mais variam entre si as versões do conto, e, no entanto, pode-se estabelecer com certeza a sua mútua dependência. Mas as analogias entre os mitos do dilúvio e o conto, não se limitam às que ficam apontadas: há-as maiores e mais estranhas.

(1) P. Regnaud, ob. cit. pág. 76.



Faz parte do quadro do dilúvio, em diversos povos, o aparecimento dum arco-iris após o cataclismo. Crendo nós na unidade das tradições do dilúvio, dados os factos comuns que encerram, supondo mesmo, com Monseur (1) e outros, que as narrativas conhecidas do dilúvio são derivadas de outras desconhecidas mais comprehensivas, não temos d'úvida em procurar num conto, que pensamos ser uma variante popular da narrativa do dilúvio, os diferentes pormenores que se encontram nesse género de mitos.

Todos conhecem o dilúvio narrado no Génesis e o seu arco-iris. Noutros aparece também. Na China, p. ex. diz-se que « Kung-kung, génio mau ou gigante rebelde, irritado, atirou a sua cabeça contra uma das colunas do céu com uma tal violência que a coluna quebrou-se e que esta parte do céu abalou a terra. Resultou daí que ondas enormes submergiram o universo, mas Niu-hoa venceu a água com a madeira, e construiu um navio próprio para uma longa viagem. Depois sabemos que poliu uma pedra de cinco côres (o arco-iris), etc. (2).

Entre os lituânios há uma lenda do dilúvio

(1) Monseur — Bulletin de Folklore Wallon, 1.º 1892. Monseur faz a hipótese duma versão babilónica protótipo comum da narrativa bíblica e da lenda hindu. Citado por P. Regnard, ob. cit., pág. 93.

(2) Luken — Les Traditions de l'Humanité, tr. de Van der Haeghen, 1862, vol. 1.º, pág. 282.

«cujo fundo é muito antigo, não obstante ter tomado um carácter de conto popular: "...o deus Pranzimas, vendo a terra cheia de desordens, envia dois gigantes (a água e o vento) para a destruírem. Estes derrubam tudo no seu furor, e sómente alguns homens escapam numa montanha. Então Pranzimas, estando a comer nozes celestes, deixa cair perto da montanha uma casca, na qual os homens se refugiam e que os gigantes respeitaram. Salvos do desastre, dispersam-se depois, e um só par, muito velho, ficou na terra, numa desolação por não ter filhos. Pranzimas para o consolar manda-lhes o seu arco-íris e prescreve-lhes que saltem sobre os ossos da terra, o que lembra singularmente o oráculo que recebe Deucalião» (1).

Os Celtas conservam também o arco-íris na sua tradição do dilúvio. Era a cintura de Hu. Para se defender contra os espíritos malignos, que contra êle desencadearam todas as tempestades, Hu limitou-se a traçar à volta do seu escudo (a abóbada celeste) uma figura invisível, (o arco-íris) (2). Outra referencia ao arco-íris: «Arianrhod, a dama da roda de prata, resolveu deter as terríveis e súbitas ondas; por amor pelos bretões formou a torrente do arco-íris, que libertou a terra da tempestade e fez desaparecer do mundo a perversidade do seu estado anterior» (3).

(1) Lenormant, *op. cit.* 1.º pág. 444.

(2) Davies. *Mythology of the brit.* Dreids, pág. 533.
cit. por Luken. *op. cit.*

(3) Davies, *id.*, pág. 269, cit por Luken.

O dilúvio babilónico oferece evidentes pontos de contacto com o do Génesis, e também com o da Índia, porque o Oanes de Beroso, é um homem peixe, e o deus que salva Uta-napishtim é simbolisado por um peixe. Daí haver quem sustentasse que o dilúvio semítico procederia da Índia (1). Oldenberg, diz a êste propósito: «com a maioria dos autores, eu olho esta narração (a da Índia), de tradição relativamente recente, como tirada aos Semitas» (2). Como quer que seja, o facto é que nela figura um peixe salvador, ao mesmo tempo que a coincidência com a hebraica é, a bem dizer, perfeita, dando-nos assim um todo mais compreensivo. Uma lacuna que é de estranhar no mito assírico-babilónico é a ausência do arco-iris de que nos vimos ocupando. Haverá essa lacuna? Uma passagem do dilúvio assírico-babilónico, que aparece traduzida de modos diferentes, talvez continha êsse pormenor. Quero referir-me aos versículos que seguem os que narram a saída da arca de Uta-napishtim e o oferecimento do sacrifício. Narração paralela à do Génesis, era de esperar que aparecesse nessa altura o arco-iris. Os versículos a que aludo são:

164) ul-tu ul-la-nu-um-ma (ilu) belit ilani
ina ka-sha-di-shu.

164) ish-shi NIM (MESH) rabute sha (iln)
A-nu-um (var, num) i-pu-shu ki-i shu-hi-shu.

(1) Lindner—Festgrnss an Roth, pág. 213 e seg.

(2) H. Oldenberg—La Religion du Véda, trad. de Victor Henry, pág. 233.

165) ilani an-nu-ti (var, tum) lu-u (abnu) sibri-ia ai am-shi.

166) ume an-nu-ti (var, tum) lu-u (var, om) ah-su-sa-am-ma ana da-rish ai am-shi.

Dhorme traduz nestes termos:

163 Aussitôt, que la souveraine des dieux arriva, (164). Elle éleva les grandes pierreries qu'avait faites Anou, selon son désir; (165) O dieux ici présents, aussi vrai que je n'oublierai pas mon collier de lapis-lazuli. (166) Aussi vrai je me souviendrai de ces jours-ci et jamais je ne les oublierai! (1)

Esta alusão ao seu colar em penhor de que nunca se esquecerá do dilúvio, sugere-nos o arco da aliança produzido em circunstâncias idênticas. Além disso, o colar pode bem ser um símbolo do arco-iris, susceptível de outros símbolos, como veremos.

Gunkel (2) traduz de modo idêntico:

«163 Als drauf die Hehre herangekommen war, (164). Da erhob sie das köstliche Geschmeide, das Anu gefertigt ihr zu wunsche: (165) Ihr Götter hier! Bei meinem Halschmuck! Nicht werde ich vergessen (166) dicse Tage, ihrer, denken, si ewig nicht vergessen!»

Rosenberg (3) traduz de forma semelhante só com a diferença que, em vez de *Halschmuck*, colar, emprega *Juwel* joia.

(1) Dhorme—«Choix de Textes choisis Assyro-Babyloniens», pág. 114. V. comentário, pág. 113.

(2) Gunkel—*Shöpfung und Chaos*, 1895, pág. 427.

(3) Rosenberg—*Assyrische Sprachlere und Keilschriftkund*, pág. 68.

de cristal que representa o arco-íris, remate do drama do dilúvio.

Nem falta a alusão, freqüentíssima nas narrativas do dilúvio, ao repovoamento do mundo, que claramente aparece no dilúvio grego, no da Índia, etc. É, no conto, a criação sobrenatural da "muita gente que esperava as ordens do Parvo".

Eis a nossa tese com relação à origem do conto de Emiliano Parvo, e que não podemos deixar de generalizar para a intervenção dos animais agradecidos nos contos populares. O protótipo desses animais foi o peixe, pois que se relaciona com um mito antiquíssimo em que também figura; depois, por sucessivas alterações (são extremamente variáveis os animais e vegetais que aparecem nas lendas, etc.) foi dando todas as espécies de animais que vemos nos contos. Um exemplo frisante de, mesmo na tradição do dilúvio, o animal variar, é o caso do dilúvio entre os Chéroquis. "Parece uma tradução infantil da narrativa da Índia, com esta diferença: que é um cão que se substitue ao peixe no papel de salvador do homem que escapa ao cataclismo... (1).

Com estes dados, a fantasia popular, compondo e recompondo, chegou a contos de animais reconhecidos das mais variadas espécies e tamanhos, que ainda hoje são o encanto das crianças de todos os países.

(1) Lenormant — Les Or. de l'Histoire vol. 1.º, pàg. 180.

OS ANIMAIS AGRADECIDOS NOS CONTOS POPULARES E O DILÚVIO (1)

TODOS conhecem êste tema largamente disseminado nos contos populares. Um serviço prestado por o herói do conto a um animal em circunstâncias críticas, provoca da parte dêste um reconhecimento que salva o seu bemfeitor. São muito vulgares nos contos os reconhecimentos de abelhas, formigas, peixes, etc. etc.

É de crer que êste tema não nascesse da observação directa de tais reconhecimentos e que tenha origem em outra ordem de especulações. É a matéria dêste artigo. Procura-se qual o animal protótipo dêste tema e em que ordem de factos ou em que remota tradição êle se integra.

Claramente, o animal tipo de que os outros são simples variantes deve encontrar-se em contos vastamente espalhados e deve relacionar-se com tradições ou factos antiqùissimos.

* * *

Vai servir-nos de base para êste estudo o conto popular russo "Emiliano Parvo" que faz parte da bela colecção de "Contos Populares

(1) Publicado na "Revista de Estudos Históricos 1.º vol. 1924.

Russos», do Dr. Alfredo Apell, ilustre professor da Faculdade de Letras de Lisboa (4).

Resumamos, pois, êsse conto, dando, porém, textualmente, as passagens que mais nos interessam.

Emiliano, parvo e preguiçoso, vai ao rio buscar água, de mando das cunhadas. "Quando chegou ao rio, fez um grande buraco no gêlo. Depois encheu os baldes de água e pô-los em cima do gêlo e deixou-se estar ao pé do buraco, olhando para a água.

"O parvo viu nadar um pequeno lúcio no buraco; ora o Emiliano, embora, fôsse parvo, queria não obstante apanhar o lúcio, e por isso foi-se aproximando a pouco e pouco, e quando estava bem perto dêle, agarrou-o com a mão, tirou-o da água, meteu-o no seio e queria ir para casa. Mas o lúcio disse-lhe:—Oh Parvo, para que é que me apanhaste?...

—Para quê? disse êle, levo-te para casa e digo ás minhas cunhadas que te cozam.

—Não, Parvo, não me leves para casa, deita-me ao rio que te faço rico.

Mas o Parvo não se fiava nele, e queria ir para casa.

O lúcio, vendo que o parvo o não largava, disse:

—Escuta, Parvo, deita-me ao rio; hei de te fazer tudo que desejares.

(4) Dr. A. Apell— "Contos Populares Russos," (traduzidos do original). Tradições do povo português e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro. Lisboa, 1929.

O Parvo, ao ouvir isto, ficou muito contente...»

Ensinou-lhe o lúcio, depois, a fórmula que lhe daria tudo o que desejasse: "Manda o lúcio e peço eu que...

De posse desta fórmula, o Parvo ia obtendo quanto desejava, até que um dia, vendo a filha do rei à janela, não pôde deixar de dizer baixinho: "Manda o lúcio e peço eu que aquela linda rapariga se apaixone por mim." Apaixona-se a princesa e pede ao pai para casar com o Parvo. O rei, irritado, manda meter num tonel o Parvo e a filha.

"Trataram imediatamente de fazer o tonel e trouxeram-no ao rei. Quando o rei tinha tudo pronto, mandou meter no tonel a filha e o Parvo, e alcatroar o tonel, e depois o rei mandou deitar o tonel ao mar...»

Depois de o tonel ter andado algumas horas, o Parvo invocou o auxilio do peixe a instâncias da sua companheira:

"Manda o lúcio e peço eu que o mar deite êste tonel em sêco, na praia, perto do nosso reino..."

"Mal o Parvo proferiu estas palavras, logo o mar começou a agitar-se e deitou o tonel em sêco, na praia.

"O Emiliano levantou-se e foi com a princesa por aquele sitio onde se encontravam, e viu que estavam numa ilha muito bonita, onde havia muitissimas e variadas árvores de fruta..."

De novo, a instâncias da princesa, Emiliano invocou:

“Manda o lúcio e peço eu que no meio desta ilha apareça um palácio melhor que o do rei e que no meio *haja gente de todas as condições* (1).

“Mal proferiu estas palavras appareceu logo um palácio enorme e *uma ponte de cristal* (2).

Seguidamente o Parvo pediu para ser esperto e belo, e “depois o Emiliano mandou um criado ao rei a convida-lo mais os seus ministros. O enviado de Emiliano *foi ao rei pela ponte de cristal*” (3) convidar o rei a jantar com êle”, e as pazes fizeram-se.

Êste conto tem um grande número de versões em diversos países, como o leitor pode ver consultando a citada obra do Dr. Apell (4), onde veem resumidas as principais. Lembremos que em Portugal se encontram várias (5). Em algumas versões, o par já tem um menino, e há referências a provisões (figos) (6) para a viagem. O conto russo parece-nos dos mais completos, contendo, como veremos, alguns curiosissimos pormenores. Qual a origem dêste conto, ou

(1) O itálico é nosso.

(2) Idem.

(3) Idem.

(4) Pág. 50 e seguintes.

(5) A. Coelho. “Contos Tradicionais portugueses”, João Maudrião; T. Braga. “Contos Trad. do Povo Port.” O Peixinho Encantado; Consiglieri Pedroso, “Contos Populares Port.” O Preguiçoso da Forneira; Ataide de Oliveira, “Contos Trad. do Algarve”, vol. 1.º, Pedro Preguiça.

(6) Versão Napolitana, etc.

antes, em que ordem de ideias se filia este conto? As considerações que faz o Dr. Apell repelindo as pretensões de Schott de derivar o conto napolitano, variante deste, da lenda de Perseu, parecem-nos inteiramente justas; mas, eliminando a hipótese da lenda de Perseu, como origem do nosso conto, haverá alguma outra lenda, tradição ou mito em que se possa filiar o conto de que nos ocupamos?

• • •

Pensamos que este conto é uma deformação do mito do dilúvio.

Já em o nosso livro "Nova Teoria do Sacrifício", tivemos ocasião de aludir ao dilúvio, dando algumas versões desse mito e inclinándonos para a sua unidade, contrariamente às teses arrojadas de Paul Regnaud e outros. Será a narrativa do dilúvio eco dalgum fenómeno glaciário, dalguma simples inundação local, terá, mesmo, por base, outros factos? No livro citado adiamos para futuro estudo o exame dessa questão. Ainda faremos agora o mesmo. Brevemente, porém, publicaremos os documentos que coligimos tendentes a justificar outra interpretação desse mito. Únicamente pretendemos agora estabelecer que o conto do Emiliano e congêneres pertence ao ciclo do dilúvio, sejam quais forem os factos a que o mito se refere, sem discutirmos, também, se a prioridade das várias versões do dilúvio pertence às arianas ou às semíticas.

A Índia oferece-nos algumas narrativas do dilúvio, duma notável persistência de pormenores, que imediatamente sugerem a possibilidade de que o conto em questão tenha nelas a sua origem.

A versão mais antiga (segundo Lenormant ⁽¹⁾, entre os séculos XIV e IV A. C.) é a do Çatapatha Brâhmana ⁽²⁾, que nos narra da forma seguinte o episódio do dilúvio:

1

“De manhã, êles (os sacrificadores) trouxeram água a Manu para êle se banhar, como êles a trazem para a ablução das mãos. Enquanto assim se banhava, veio-lhe um peixe às mãos. »

2

O peixe disse-lhe esta palavra: “conserva-me e eu te farei atravessar. »

“O que me farás tu atravessar? » (disse Manu). — “Uma cheia (*augha*) levará todas estas

(1) Lenormant — Les Origines de l'Histoire, 1890, vol. 1.º, pág. 53. Esta alta antiguidade é talvez exagerada.

(2) Versões do Çatap. Br.: Julius Eggeling, “Sacred Books of the East”, XII, 216; Max Müller, “Hist. of Sansc. litt. 425; Weber, “Indische Studien”, t. 1.º, pág. 161; Muir, “Orig. Sanscr. texts”, 1, 182; Paul Regnaud — “Comment naissent les Mythes, Paris, 1898, pág. 66. A tradução d'êste eminente professor de sânscrito da Faculdade de Letras de Lião é literal e vem acompanhada do texto sânscrito. É a que seguimos.

criaturas, é a ela que eu te farei atravessar», disse o peixe). — «Como conservar-te?» disse Manu?

3

«Êle (o peixe) respondeu: Enquanto somos pequenos, grande é a destruição ⁽¹⁾ (que nos ameaça); o peixe come o peixe. Conserva-me primeiro num vaso; depois, quando eu fôr demasiado grande para êle, cavarás um fôssô, onde me conservarás; depois, quando eu fôr demasiado grande para êle, levar-me hás para o mar. Eu estarei então acima de todo o poder destruidor».

4

«Êle (o peixe) em breve se tornou um jhasa. Cresceu consideravelmente. (Êle disse então a Manu: «No ano em que esta cheia (de águas) vier, recorre a mim, depois de teres fabricado um navio; depois entrarás no navio colocado nas águas ascendentes, e eu te farei atravessar para além».

5

«Êle (Manu) depois de assim ter conservado o peixe, levou-o para o mar. Manu, no ano que o peixe lhe indicou, aproximou-se (dêle) depois de ter construido um navio; depois entrou no navio nas águas ascendentes. O peixe nadou para êle e desligou a corda do navio (para a

(1) Á letra: grande é a destruidora...

prender) ao seu corno (1). Graças a isto êle foi avançando até ao cume da montanha.

O (peixe) disse a Manu: "Eu fiz-te atravessar. Prende o navio à árvore...

7

"Desejando posteridade, Manu exerceu macerações. Aí mesmo sacrificou por mais duma oblação quente...".

O "Mahâbhârata" diz-nos que Manu, filho de Vivasvat, se entregava ao ascetismo à beira dum rio, quando o peixe veio implorar o seu auxílio. Seguem-se serviços idênticos aos mencionados no "Catapatha-Brâhmana" (2). Note-se que um promenor aparece que liga a tradição hindu à semítica—a recomendação feita a Manu pelo peixe de embarcar consigo todas as sementes designadas outrora pelos brâhmanes.

A versão de "Matsia-Purâna" dá-nos essa tradição dum modo um pouco diferente. Manu, filho do sol, depois de se entregar a grandes penitências, pede a Brahma que lhe conceda o favor de poder salvar todos os sêres vivos quando

(1) Êste passo compreende-se melhor pela versão do Mahâbhârata: o peixe diz a Manu: "Construirás um forte navio, munido de cordas, no qual embarcarás com os 7 Rishis... Esperar-me hás neste navio e eu virei ter contigo com um corno na cabeça para me reconheceres..." Les Livres Sacrés de l'Orient, traduits ou revus et corrigés par G. Pauthier, pág. 337.

(2) P. Regnaud, ob. cit. pág. 74.

chegar o dia da dissolução do universo. Brahma consente, e um dia em que Manu fazia as suas oblações aos Pitris, cai-lhe nas mãos um grande peixe que com leves variantes procede como o do C. B. e do Mahabhârata. Entre outras recomendações, figura a de embarcar consigo todas as criaturas vivas (1).

Pouco interêsse ofereceriam para o nosso assunto as idênticas versões do Bhâgavata-Purâna e do Agni Purâna, motivo por que as omitimos.

Não precisam estas narrativas de extensos comentários fazendo avultar as suas semelhanças com o conto que estudamos. Em ambos os casos um peixe implora protecção, e, em troca do serviço que lhe é prestado, salva o seu protector. Repare-se, mais, que uma das acções do peixe, no conto, consiste em fazer chegar a terra o tonel que voga no mar, da mesma forma que o peixe de Manu o conduz à montanha.

Estes traços comuns, perfeitamente nítidos, difficilmente podem ser convergências casuais. Se os scenários dos contos e dos mitos, se motivos secundários variam, mais variam entre si as versões do conto, e, no entanto, pode-se estabelecer com certeza a sua mútua dependência. Mas as analogias entre os mitos do dilúvio e o conto, não se limitam às que ficam apontadas: há-as maiores e mais estranhas.

(1) P. Regnaud, ob. cit. pág. 76.



Faz parte do quadro do dilúvio, em diversos povos, o aparecimento dum arco-iris após o cataclismo. Crendo nós na unidade das tradições do dilúvio, dados os factos comuns que encerram, supondo mesmo, com Monseur (1) e outros, que as narrativas conhecidas do dilúvio são derivadas de outras desconhecidas mais comprehensivas, não temos d'úvida em procurar num conto, que pensamos ser uma variante popular da narrativa do dilúvio, os diferentes pormenores que se encontram nesse género de mitos.

Todos conhecem o dilúvio narrado no Génesis e o seu arco-iris. Noutros aparece também. Na China, p. ex. diz-se que «Kung-kung, génio mau ou gigante rebelde, irritado, atirou a sua cabeça contra uma das colunas do céu com uma tal violência que a coluna quebrou-se e que esta parte do céu abalou a terra. Resultou daí que ondas enormes submergiram o universo, mas Niu-hoa venceu a água com a madeira, e construiu um navio próprio para uma longa viagem. Depois sabemos que poliu uma pedra de cinco cores (o arco-iris), etc. (2).

Entre os lituânios há uma lenda do dilúvio

(1) Monseur — Bulletin de Folklore Wallon, 1.º 1892. Monseur faz a hipótese duma versão babilónica protótipo comum da narrativa bíblica e da lenda hindu. Citado por P. Regnard, ob. cit., pág. 93.

(2) Luken — Les Traditions de l'Humanité, tr. de Van der Haeghen, 1862, vol. 1.º, pág. 282.

«cujo fundo é muito antigo, não obstante ter tomado um carácter de conto popular: "...o deus Pranzimas, vendo a terra cheia de desordens, envia dois gigantes (a água e o vento) para a destruírem. Estes derrubam tudo no seu furor, e sómente alguns homens escapam numa montanha. Então Pranzimas, estando a comer nozes celestes, deixa cair perto da montanha uma casca, na qual os homens se refugiam e que os gigantes respeitaram. Salvos do desastre, dispersam-se depois, e um só par, muito velho, ficou na terra, numa desolação por não ter filhos. Pranzimas para o consolar manda-lhes o seu arco-íris e prescreve-lhes que saltem sobre os ossos da terra, o que lembra singularmente o oráculo que recebe Deucalião» (1).

Os Celtas conservam também o arco-íris na sua tradição do dilúvio. Era a cintura de Hu. Para se defender contra os espíritos malignos, que contra êle desencadearam todas as tempestades, Hu limitou-se a traçar à volta do seu escudo (a abóbada celeste) uma figura invisível, (o arco-íris) (2). Outra referencia ao arco-íris: «Arianrhod, a dama da roda de prata, resolveu deter as terríveis e súbitas ondas; por amor pelos bretões formou a torrente do arco-íris, que libertou a terra da tempestade e fez desaparecer do mundo a perversidade do seu estado anterior» (3).

(1) Lenormant, *op. cit.* 1.º pág. 444.

(2) Davies. *Mythology of the brit.* Dreids, pág. 533. *cit. por* Luken. *op. cit.*

(3) Davies, *id.*, pág. 269, *cit. por* Luken.

O dilúvio babilónico oferece evidentes pontos de contacto com o do Génesis, e também com o da Índia, porque o Oanes de Beroso, é um homem peixe, e o deus que salva Uta-napishtim é simbolisado por um peixe. Daí haver quem sustentasse que o dilúvio semítico procederia da Índia (1). Oldenberg, diz a êste propósito: «com a maioria dos autores, eu olho esta narração (a da Índia), de tradição relativamente recente, como tirada aos Semitas» (2). Como quer que seja, o facto é que nela figura um peixe salvador, ao mesmo tempo que a coincidência com a hebraica é, a bem dizer, perfeita, dando-nos assim um todo mais compreensivo. Uma lacuna que é de estranhar no mito assírico-babilónico é a ausência do arco-íris de que nos vimos ocupando. Haverá essa lacuna? Uma passagem do dilúvio assírico-babilónico, que aparece traduzida de modos diferentes, talvez continha êsse pormenor. Quero referir-me aos versículos que seguem os que narram a saída da arca de Uta-napishtim e o oferecimento do sacrifício. Narração paralela à do Génesis, era de esperar que aparecesse nessa altura o arco-íris. Os versículos a que aludo são:

164) ul-tu ul-la-nu-um-ma (ilu) belit ilani
ina ka-sha-di-shu.

164) ish-shi NIM (MESH) rabute sha (iln)
A-nu-um (var, num) i-pu-shu ki-i shu-hi-shu.

(1) Lindner—Festgruss an Roth, pág. 213 e seg.

(2) H. Oldenberg—La Religion du Véda, trad. de Victor Henry, pág. 233.

165) ilani an-nu-ti (var, tum) lu-u (abnu) sibri-ia ai am-shi.

166) ume an-nu-ti (var, tum) lu-u (var, om) ah-su-sa-am-ma ana da-rish ai am-shi.

Dhorme traduz nestes termos:

163 Aussitôt, que la souveraine des dieux arriva, (164). Elle éleva les grandes pierreries qu'avait faites Anou, selon son désir; (165) O dieux ici présents, aussi vrai que je n'oublierai pas mon collier de lapis-lazuli. (166) Aussi vrai je me souviendrai de ces jours-ci et jamais je ne les oublierai! (1)

Esta alusão ao seu colar em penhor de que nunca se esquecerá do dilúvio, sugere-nos o arco da aliança produzido em circunstâncias idênticas. Além disso, o colar pode bem ser um símbolo do arco-iris, susceptível de outros símbolos, como veremos.

Gunkel (2) traduz de modo idêntico:

«163 Als drauf die Hehre herangekommen war, (164). Da erhob sie das köstliche Geschmeide, das Anu gefertigt ihr zu wunsche: (165) Ihr Götter hier! Bei meinem Halschmuck! Nicht werde ich vergessen (166) dicse Tage, ihrer, denken, si ewig nicht vergessen!»

Rosenberg (3) traduz de forma semelhante só com a diferença que, em vez de *Halschmuck*, colar, emprega *Juwel* joia.

(1) Dhorme — «Choix de Textes choisis Assyro-Babyloniens», pág. 114. V. comentário, pág. 113.

(2) Gunkel — *Shöpfung und Chaos*, 1895, pág. 427.

(3) Rosenberg — *Assyrische Sprachlere und Keilschriftkund*, pág. 68.

de cristal que representa o arco-íris, remate do drama do dilúvio.

Nem falta a alusão, freqüentíssima nas narrativas do dilúvio, ao repovoamento do mundo, que claramente aparece no dilúvio grego, no da Índia, etc. É, no conto, a criação sobrenatural da "muita gente que esperava as ordens do Parvo".

Eis a nossa tese com relação à origem do conto de Emiliano Parvo, e que não podemos deixar de generalizar para a intervenção dos animais agradecidos nos contos populares. O protótipo desses animais foi o peixe, pois que se relaciona com um mito antiquíssimo em que também figura; depois, por sucessivas alterações (são extremamente variáveis os animais e vegetais que aparecem nas lendas, etc.) foi dando todas as espécies de animais que vemos nos contos. Um exemplo frisante de, mesmo na tradição do dilúvio, o animal variar, é o caso do dilúvio entre os Chéroquis. "Parece uma tradução infantil da narrativa da Índia, com esta diferença: que é um cão que se substitue ao peixe no papel de salvador do homem que escapa ao cataclismo... (1).

Com estes dados, a fantasia popular, compondo e recompondo, chegou a contos de animais reconhecidos das mais variadas espécies e tamanhos, que ainda hoje são o encanto das crianças de todos os países.

(1) Lenormant — Les Or. de l'Histoire vol. 1.º, pàg. 180.

NOTAS E CORRECÇÕES

Os vários capítulos d'este livro apareceram publicados nas revistas já indicadas nos respectivos lugares. Em regra conservam a ortografia com que saíram, mormente na resposta à carta de D. Carolina Michaëlis. Todavia fiz uma ou outra alteração. O capítulo sobre a etimologia de "Haver," appareceu publicado na "Revista da Faculdade de Letras," mas as modificações que lhe fiz são de tal importância, que pode considerar-se inédito.

Página 9, linha 12—Leia-se: ΧΟΝΔΥΛΟΣ.

Página 15—A primeira carta do Dr. G. Guimarães foi escrita conhecendo o illustre filólogo apenas o meu artigo que termina a pág. 10; a segunda (pág. 13) conhecendo a primeira parte da minha resposta a D. Carolina Michaëlis, que vai de páginas 40 a 50, bem como a carta da excelsa romanista.

Página 31, linha 11—Leia-se: *denominava*.

Página 35, linhas 8, 11 e 17—Lêr respectivamente: *gozne, gofon e vox*.

Página 41, linha 7—Completar depois de Vasconcelos: na segunda reforçarei a argumentação a favor da etimologia por mim proposta.

Página 42, linha 7—Leia-se: *tese*.

Página 47, linha 2—Em vez de *estudada* leia-se: *estuda*

Página 68, linha 26—Leia-se: *Les Revolutions*.

Página 85, linha 10—Leia-se: **Khəbh*—

Página 102, nota 1.^a—Leia-se: *que, certamente, abundariam*.

Página 115, linha 26—Leia-se: *1905*.

Página 120, nota 2.^a—Leia-se: *Antique*.

Página 123, nota 2.^a—Leia-se: *Sociol*.

Muitos outros erros que escaparam à revisão, serão facilmente corrigidos pelo leitor.

ÍNDICE

Á volta da palavra "Gonzo"	7
1.º - Etimologia de "Gonzo"	7
2.º - Cartas do autor	11
3.º - Carta de D. Carolina Michaëlis	19
4.º - Resposta	40
Etimologia da palavra "abrolho"	71
Tentativa de investigação da etimologia de "Haver"	75
Os alfabetos de Alvão e Glozel	95
A escada como sinal alfabetiforme	105
Das origens da lenda de D. João	109
Os animais agradecidos nos contos populares	125
Notas e correcções	141